CAVALGADA DO SONHO

ULIÃO QUINTINHA

CAVALGADA DO SONHO

OBRAS DO AUTOR

Assistencia á Mendicidade (esgotada) — Tese-estudo, 1916
A Solução Monárquica do Senhor Alfredo Pimenta — Comentários politicos, 1916
No fim da guerra (esgotada) — Opusculo literário, 1917
Vizinhos do Mar, 1.ª e 2.ª edição — Novelas, 1921
Dôr vitoriosa (esgotada) — Novela Vermelha, 1922
Terras de Fôgo, 1.ª e 2.ª edição — Novelas, 1923
Cavalgada do Sonho — Novelas, 1924

A SAIR:

Prosa Errante — Cronicas

EM PREPARAÇÃO:

Reino de Chencir — Cronicas Algarvias
A Planicie — Novelas
Gente do Algarve — Estudo literário e artistico, com desenhos de Dias-Sancho, Bernardo Marques e Roberto Nobre
Sevilha — Cronicas ilustradas pelo pintor Carlos Porfirio

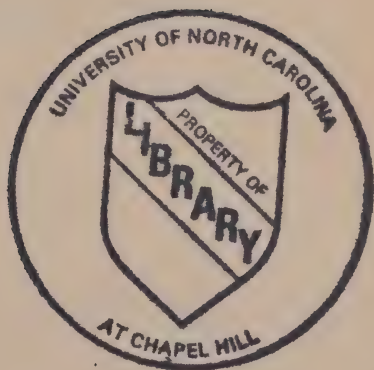
JULIÃO QUINTINHA

CAVALGADA DO SONHO

NOVELAS

DESENHOS DA CAPA
POR
BERNARDO MARQUES

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
58 — RUA GARRETT — 60

Aos meus filhos — José Francisco, Mario e Maria Lucia — O maior Sonho da minha vida.

«Amar tudo para tudo compreender. Tudo compreender para tudo perdoar».

GUYAU

«Defendei a Beleza! Defendei o sonho que ha em nós todos».

GABRIEL D'ANNUNZIO

«Sonhei — nem sempre o sonho é coisa vã»
. . . .
«Oh! quem tanto pudéra, que passasse
A vida em sonhos só, e nada vira...»

ANTERO DO QUENTAL

«Vem escutar, comigo, o grande sonho errante
Que desdobra no ar as espiraes suspensas.
O Sonho, que é o vôo da vida rastejante,
Para infinita luz das perfeições imensas».

JOÃO LUCIO

CAVALGADA DO SONHO

PRELUDIO

CAVALGADA DO SONHO

PRELUDIO

HA quasi dois mil anos que os livros sagrados falam duma estranha cavalgada que espalharia a morte pelo mundo, mal se ouvisse o sinal de trombetas das bandas do rio Eufrates.

Então, duzentos milhões de monstruosos corceis, brancos, negros, amarelos, de crinas de fôgo e cauda acutilante, semeariam a guerra, a peste, a tormenta, aniquilando a humanidade, excepto aquelas tribus de Ismael cujas alvas vestiduras houvessem sido branqueadas no puro sangue do Cordeiro...

Enegreceria o Sol e o luar coalhava em sangue. Estrêlas, como flôres de fôgo, cairiam sôbre a terra, queimando as ervas e os rios. As aguas das fontes tornar-se hiam amargosas como a flôr do absinto. E no espaço denso de fumarada sangrenta, onde soavam silvos de serpente e estertôres de

agonia, corriam nuvens de fantásticos gafanhôtos de azas côr de cobre e de jacinto, saltando em pulos sôbre montes de cadáveres, sorvendo, gulosamente, as bôcas e os olhos aos desgraçados que morriam...

Entretanto a divina cavalgada, coroada de oiro, não parava no exterminio. E ginetes com rôsto de homem, cabelos de mulher, dentes de leão, galopariam rojando azas de ferro, estrondosas como máquinas de guerra, vomitando fôgo e enxofre até ficar sepulta em cinzas a perversa Babilonia, a Ninive pecadora...

Apoz o cataclismo — em que os filhos do pecado se afogariam nos tanques de calda ardente, e as aves teriam farto banquete na carne dos reis, dos tribunos e dos escravos — nasceria, então, a cidade ideal, a redimida Jerusalem, onde não mais haveria lagrimas e dôr — cidade maravilhosa batida em jaspe e oiro, de alicerces de topazio, sardonia e ametista, com largas praças de cristaes transparentes, e doze portas de margarita, eternamente abertas porque nunca ali faria noute... E seria tal a claridade a evolar-se da cidade santa, que todas as nações caminhariam deslumbradas pelo seu fulgôr...

Esta — como é sabido — foi a visão apoca-

liptica que o apóstolo João profetisou na ilha de Patmos, e transmitiu a Epheso, Pergamo, Sardes, Smyrna e as outras das sete igrejas da Asia.

Mas o sonho macabro e febril desse cristianismo bárbaro e primievo, gerado entre o terrôr da morte e a ilusão da vida eterna, ficou imerso na noite das lendas.

As muralhas de Jerusalem ainda são de pobre argila; e a lampada que broxulêa sôbre o sagrado sepulcro, tantas vezes deposito de mãos infieis, não chega para alumiar todas as cavernas do mundo onde palpita a dôr ancestral duma humanidade revolta, eternamente escrava.

Apagou-se, para sempre sepultada sob a cinza e o pó, a sombra do tectrico apocalipse. O fragôr da cavalgada de morte foi abafado pelo tropel dessa outra, muito mais remota, cavalgada da vida, sonhada pelos homens — esses pobres loucos que ainda sofrem mais depois que inventaram santos e divindades...

*

* *

De onde vem, para onde vae, esta enlouquecida cavalgada — sombras branqueadas

de luar, olhos arroxeados na ilusão, mãos ensanguentadas em inuteis crimes, o coração aos pulos, e os palidos labios a tremer?!...

Em demanda das vislumbradas terras do Ideal, vertiginante e louca a despenhar-se de montanhas, transpondo abismos, impetuosa como as correntes soltas de mil Niagaras revoltos — ei-la que passa, e corre, e vôa, a Cavalgada do Sonho!

Umas vezes, longinquamente, sôa seu tropel em algazarra ébria, erguendo canticos de triunfo e gloria, toados em buzios e trombetas, e vê-se passar muito ao longe, agitando labaros, escudos e estandartes, desaparecendo ao clarão dos poentes que ensanguentam planicies, ou envôlta na poeira doirada dos desertos e sertões.

Outras vezes surge no rastro das águias, galgando em nervosos corceis á cupula dos lendarios montes. E, envolta em nuvens, zombando dos abismos, ergue suas tendas nos pincaros das rochas e cordilheiras, enamorada das estrelas e do Sol.

Depois de fugir á inclemencia das tempestades, oculta nas misteriosas cavernas renanas, e de passar as horas torridas do meio dia á sombra dos sagrados carvalhos e palmeiras, para que lhe dessem pousada, foi

bater á porta das muralhas das cidades santas. E continuou a galopar, a correr, atravez do tempo, lutando nas mil batalhas da Asia, da Africa, da Lusitania, vendo erguer-se, num dia, o marmore cinzelado da Acrópole de Atenas, e assistindo, no outro dia, ao negro crepusculo romano ás portas de Bizancio...

Umas vezes esfomeada de pão, outras sedenta de justiça, ainda outras anceosa de amôr, não mais parou a errar, a correr pelo mundo, coberta de sedas ou farrapos, em procura da Gloria, da Beleza, da Liberdade...

Nessa nervosa cavalgada de figuras espectraes, que vem dos confins de remotissimos seculos, e que umas vezes é xairelada a veludo e oiro, ou abroquelada de bronze e aço, e outras patenteia as mazelas de seus ginêtes feridos e esfomeados, passam cavaleiros de todo o matiz: Ali veem os estranhos primitivos, faces terrosas ainda alumiadas da primeira luz que os deslumbrou nos platós da Asia, seminus, mal velados nas peles de urso, sancolejando braceletes e colares de conchas, armados de xáras e lanças de silex e rena. Os guerreiros das tribus dos samnitas, etruscos, lucanos e cantabros, mais os lídios ferozes que usavam brincos e saias.

Os gregos esveltos, esguios e delicados como apolineas estatuas de marmore, e os romanos, balouçando suas cristas vermelhas e negras, todos revestidos de brevas e lorigas em escamas de aço luzente.

Passam os principes asiaticos, calçando coturnos de bronze, escudos tauxeados de oiro, capacêtes franjados de coraes caíndo como mantos. Exquisitos capitães barbaros tatuados de figuras e ramagens, de dentes alvos a luzir nos rostos pintados a vermelho e azul. Colossaes cimbros e teutões de longos cabêlos esbranquiçados, pesados como torres, e que faziam tremer a terra. Misteriosos filhos do deserto, os bronzeados da Arabia, os negros beduinos, as selvaticas amazonas e barbaras virgens nuas sôb o manto dos seus proprios cabêlos, galopando sem estribos, nervosamente agarradas ás crinas dos loucos corceis. E, finalmente, todos os mil tipos das cinco partes do mundo — gaulezes, lusitanos e saxões, os godos que pelejaram contra os sarracenos, os germanos que erraram embruxados pelas margens do Reno, os atlanditas dos Andes, os indigenas africanos, e os indios vermelhos e doirados da misteriosa Oceania.

Não tem fim essa onda multicolôr de telises, xaireis de camurça, brocados carmezins. E

chispam clarões nos bordados de oiro, em escudos de cobre e bronze, nas escamas polidas do aço das couraças, na prata cinzelada dos estribos e peitoraes, nos milhões de rosetas e fivelas doiradas, no oiro das aguias, dos simbolicos cisnes, dos heraldicos leões estampados em gualdrapas adamascadas, negras, roxas e escarlates rojando pesadas franjas de seda, lhama e pedraria.

E sôbre todo este mar ondeante — orgia de oiro, sangue e côr — esvoaçam as flamulas e insignias, os penachos, as plumas, os arminhos, as stringes dos sacerdotes, as tunicas e pepulos dos tribunos e matronas, as purpuras dos consules de Roma, os mantos negros dos sufetas de Cartago, os cabelos e veus das amazonas do deserto, os farrapos dos escravos, e as clamides dos Imperadores.

Ás vezes, quando a cavalgada pára um momento, para repousar sôb a luz das estrelas, ou para ir matar a dura sêde nas cisternas e rios, cessa o tropel. Logo a grandeza do silencio é quebrada por um formidavel clamôr que abala a terra, fazendo tremer os efemeros Alexandres, Anibales, Perseos, Cezares e Napoleões...

Junto ás tendas doiradas onde repousam os magnificos de todas as eras, surgem milhões

de figuras esfaimadas, sombras proletarianas de torturados e iludidos, rôstos palidos, olhos de febre, punhos cerrados, exaustos de cançasso, feridos da soberba alheia, e sem verem chegar seu dia...

— «Pão, Liberdade, Amôr!...»

E emquanto este formidavel grito vae reboando pelas planicies e fraguedos, estoirando como um soluço enorme pelas idades fóra, os idealistas soltam palavras de piedade e alento, apontando com as mãos tremulas a cidade ideal... para onde se põe, novamente, a caminho a eterna cavalgada...

*

* *

Desde que o mundo é mundo, que o Sonho é semente fecundante e faz reflorir na terra os grandes ideaes.

Vida sem Sonho seria mundo sem Sol — treva onde o homem se rojaria confundido com outros animais, sensibilidade amorfa inacessivel ás sensações do espirito, sem poder subtilisar a natureza arida, sem conceber as generosas aspirações sociaes.

Beleza, Justiça, Humanidade, foram sentimentos que o homem soube desprender

dos livôres lodosos do cáos, em auroras de Sonho.

Os homens primitivos que viveram nas cavernas, nas florestas virgens, nas aldeias lacustres, sonharam as idades da pedra, do bronze e do ferro, e os sulcos desse sonho deixaram-nos esculpidos nos toscos sepulcros dos seus chefes guerreiros, nas gentilicas armas e utensilios e, principalmente, nas proprias almas, preparando a eterna aspiração.

Assim, tambem as sociedades de hoje vão esculturando em Sonho, que depois é realidade, os dias de ámanhã...

São ingratos ou ignorantes os homens praticos quando zombam dos poetas, dos sonhadôres e dos artistas — porque, até no campo materialista, as maiores empresas de que se apossa a acção utilitaria, quasi sempre encerram, nos seus alicerces, grandes carradas de Sonho.

As fabricas de sedas, de plumas, de joias e perfumes, quanto não representam de febril imaginação do químico, do joalheiro, da sabia e delicada execução do explorado artifice, do proletario artista?!...

As explorações agricolas e minerias, os transatlanticos e hiates, os palacios de marmore e cristal, quanto não devem ao espirito

culto do engenheiro, ao sonho do arquiteto e do escultôr?!...

Pobres homens praticos! Não sabem que o «Lohengrin» de Wagner e a «Gioconda» de Vinci, não teem preço.

Ignoram que o oiro de todos os Rotschild não chega para pagar as maravilhas dos museus de Espanha e Paris!

E, todavia, emquanto eles — os pobres homens importantes! — zombam, desdenhosos, os artistas teem a piedade de lhes não lembrar que os da dinastia dos Socrates, Camões e Victor Hugo, embora alguns morram de fóme, são eternos. Ao passo que ninguem se lembra já como se chamavam aqueles fabulosos banqueiros que morreram a semana passada na America ou Berlim...

De toda a parte, atravez dos seculos, sempre o Sonho irrompeu a marcha, gravando vestigios nos marmores dos monumentos, nas instituições sociais, na alma das proprias coisas.

As cupulas de Santa Sofia em Constantinopla, as tôrres de São Paulo em Londres, as rendilhadas catedraes da Colonia, Cordova e Sevilha, são belas e resistem á dureza dos seculos, não por serem moradias de santos ou divindades, mas sim porque foram bafe-

jadas pelo sonho dos homens e erguidas pelas mãos dos arquitetos, dos canteiros, dos artistas que as sonharam..

Quando o sonho é verbo fulgurante, humana expressão vibrando aquecida nas rajadas revoltas da eloquencia viril dos tribunos da plebe, os politicos utilitaristas — sempre os pobres homens praticos!...—no seu olimpico despreso vão gastando velhos motes, a desdenhar dos sonhadôres...

Mil vezes ignorantes, mas mais ingratos ainda, nem ao menos recordam que os comodismos que disfrutam são devidos á eterna luta que em remotas eras sustentaram os sonhadôres.

Não reparam que as transformações de ontem, de hoje e de ámanhã — obra de idealistas — sempre foram e serão assaltadas pelos utilitarios arrivistas que se adaptam para comer e comerciar.

Não compreendem que, sem o nobre instinto dos visionarios e romanticos, as sociedades se atascariam nesse pôdre estagnamento, e morreriam senís por lhe faltar a luta natural que cria as renovações sociaes.

E nem ao menos sentem que esses sonhadôres, tribunos duma plebe enlouquecida no sofrimento, são afinal os unicos sacrificados,

eternamente em procura duma perfeição social, por estrada que não tem fim...

Mas não pára aí a alma do sonho, porque até nas pequenas coisas — retrato desbôto, jarra quebrada, flôr esquecida — ela palpita no turbilhão de lembranças que acodem á memoria.

Pode alguem medir o fundo misterio que se evola duma casa ha muitos anos cerrada, ou a tragedia que certa mulher de luto, que só sai pela noite, arrasta consigo?!

E aquela negra triste, ainda menina arrancada á sua Africa, que passa invernos num portal, d'olhos tôrvos, esfarrapada, um pequenito mulato em cada braço, que ideia fará ela da civilisação?!

E o homem desconhecido que, outro dia no cemitério, meteu uma bala no coração, mesmo em cima da sepultura dum filho môço, de que tamanho seria a sua paixão?!

Talvez porque a dôr humana é muito sua conhecida, o artista já não chora, já não ri, refugia-se no sonho. Deixa aos outros ampla estrada livre para gosarem, tumultuariamente, a *Kermesse* do mundo...

Foi detendo-me ante a efémera e vertiginante corrida, em que vivem e morrem belas ilusões, e recolhendo alguns punhados

dessa nevoa de sonho, que eu construí este livro, ungido de aromas flavos, tocado dum barbaro lirismo...

Se cada homem e cada coisa tem a sua historia, quantos milhões de paginas e milhares de livros seria preciso escrever para definir a dôr universal, para exteriorisar toda a tragedia humana?!...

De maneira que estas paginas, de melancolia e arte — onde passam algumas dôres moraes, invenciveis amarguras, ansias de liberdade e perfeição que tornam o homem muito mais homem, embora muito mais triste — procuram apenas reter aspectos, só pequeninos aspectos, dessa rutila Cavalgada do Sonho que enche de tropel a Vida...

O HOMEM FORTE

Á memoria do jornalista Bruno Buckembaker que na ultima Primavera se suicidou em Paris.

RECORDAM-SE de Banville, um estrangeiro que viveu alguns anos em Lisbôa — Robert de Banville! — môço esguio de rôsto sardento claro, guedelha d'oiro espatulada na testa, e grandes olhos côr de lago, que sabiam fixar?!

— Já se não lembram talvez!

Perfeito tipo do Nortè, sobrio de palavras, discreta elegancia, Banville velou-se, sempre, de qualquer coisa de misterio a que não faltaram vagas aventuras com mulheres e rumôr de enigmaticas conspirações internacionaes.

Como a principio rondasse pela cercania das legações da Russia e Berlim, sendo demasiado assiduo no «Avenida Palace» e noutros lugares frequentados por estrangeiros,

suspeitaram que ele seria espião, ou secreto agente da policia internacional.

Na verdade, era um tipo estranho, quasi esquisito, até possivelmente perigoso, devido ao encanto e superioridade que de si irradiava...

Ás vezes só, afastado na sua mesa do «Martinho», como que a querer libertar-se do *papel* que lhe coubera na comedia humana, distraía-se, perdido em reminiscencias... Então, a linha rigidamente hieratica em que moldára a sua exterioridade, quebrava-se. Á flôr dos melancolicos olhos infantis vinham boiar-lhe doirados farrapos d'ilusão, vogando como nenufares mortos á superficie dos lagos!...

Isso, porém, durava um instante, porque se alguem o observava logo suberguia o busto, recompondo a mascara numa delicada gravidade forte, impenetravel, como feita de seda e aço...

Mas teria Robert de Banville baixado á mesquinharia de policia ou espião?!...

Não devia ter descido, dada a superioridade do seu espirito, e até porque possuia um apurado sentido da sua nobilissima profissão.

Era jornalista — veio mais tarde a saber-se — jornalista invulgar. E, embora o seu rôsto

o não mostrasse, tambem fôra um homem desgraçado — é que tinha talento, não era cabotino, e jámais se curvara em subserviencias míseras...

O mistério, esse, acompanhára-o sempre como tára — até porque ele tinha a volupia do estranho, não inutilisando pequenino *truc*, qualquer inteligente nada, que o auxiliasse a manter essa voluvel multidão que o seu espirito soubera conquistar.

Banville passara a vida entre duas grandes seduções: a sua profissão e as mulheres. Talvez amasse mais a profissão do que as mulheres, porque áquela déra-se, requintadamente, com todo o poder da sua inteligencia e nervos, vivendo dela e para ela sem a poder deixar. Ao passo que nas mulheres, cujas paixões coleccionara perdulariamente, não encontrára, ainda, a que os sentidos concebiam, a sua carne desejava, e a inteligencia lhe exigia, numa velha obcessão que, ás vezes, era ansiedade doentia.

Porém, embora a sua vida, numa partilha adoravel, se entregasse á profissão e ás mulheres — coleccionando estas, curiosamente, como se fôssem gravatas, marcas de cigarro ou de perfumes; cuidando daquela com o carinho que os jardineiros artistas dão ás

flôres raras — essas mesmas paixões ele dominava com superioridade, porque era superior a tudo.

Vivia as emoções intimamente, bem longe do rôsto, tão longe que elas não assomavam ás janelas dos seus olhos, e ele podia ostentar, sempre perfumada e fresca, a rubra flôr do seu orgulho — o seu vincado e elegante aprumo de homem forte.

*

* *

« — As emoções — dizia — quer se amotinem em alegria intensa ou formidavel dôr, só as deixa transparecer no seu rôsto, o homem fraco, o que ainda se surpreende, ingenuamente, pelos temporaes da vida e nestes imerge como um farrapo.

As grandes paixões só devem ser vividas invisivelmente, no scenario intimo da alma, dominadas pelo sôpro masculo da vontade, de maneira que o vulgo ávido não sacie nos rôstos aquele voraz apetite da sua latente e insuportavel curiosidade. Até mesmo porque é inteligente poupar aos outros a deselegancia do seu odio e piedade pela vida alheia.»

Mas para tal se conseguir ele aconselhava cada um a ser o bravo domesticadôr de suas paixões e vicios — as féras esfaimadas que rugem no sangue — e a estrangulá-los nos proprios nervos, de modo que nunca pulassem para o rôsto — essa espécie da praça publica onde passeiam olhares grosseiros e policiais do vulgacho que se chama *toda a gente,* sempre inquirindo das ternas e intimas coisas da vida, espreitando, devassando, para depois amalgamar, em lôdo, os casos d'alma, desgraças e desventuras...

Banville pensava assim, e a sua mascara de translucida serenidade fazia quasi compreender como a camada de gelo pode ser involucro duma braza rubra...

Os poucos com quem conviveu nunca lhe ouviram apostrofe, opinião ou elogio vulgar, e jámais lhe conheceram subserviencias ou recusa de solidariedade a camarada humilde.

Com educada e proporcional noção do valôr, comprazia-se naquela sobria superioridade em que os verdadeiros genios sabem erguer-se sôbre os seus proprios triunfos, mas sem falarem de si. E só exaltava, enlevadamente, artistas de raça, ou almas repletas de piedade, que da vida faziam obras primas de Beleza e Amôr.

Curiosa lição era a sua maneira de ver a Arte.

Interessavam-no os comediantes que, durante algumas horas da noite, dominam a multidão na sua arte efemera e convencional, iluminando as cavernas de tanta alma com scentêlhas de génio, e logo readquirem a compostura da sua personalidade mal o pano desce, quedando-se alheios aos caprichosos aplausos da multidão endoidecida.

Adorava os grandes musicos, compositôres e executantes dessa divina matematica de sons — os que, abraçados ao violino ou violoncelo, do amado instrumento arrancam tremulas arcadas tão frementes como se as cordas tangidas fôssem os seus proprios nervos, e aqueles palidos nordicos que, debruçados sôbre um teclado de marfim, soltam do piano cascatas de sons, deixando correr as enlouquecidas mãos em procura da enamorada alma dos Backer, dos Grieg ou Sinding, erguendo-se depois, mais palidos talvez, cabeleiras revoltas, as finas mãos já desfalecidas, como que a escorrerem restos de melodias, encantadôres de modestia e simplicidade.

Estimava, bastante, os pintôres — esses ébrios da côr, que levam a vida exilados num sonho, amando a sua arte mais do que

á propria Vida; e entristecem com o triunfo, parecendo até pedir perdão para o seu genio invulgar...

Emfim, todos os que da vida sabiam fazer arte, ou da arte sabiam fazer vida, e que mantinham o dominio da personalidade, sem se mostrarem desvanecidos por bela obra ou acção realisada, esses eram os seus grandes modelos.

Colocava a sua profissão acima das mais belas aventuras, mas colocava-se a ele proprio acima da sua profissão.

Se tivesse brazão poder-lhe-hia ter esculpido aquela heraldica legenda d'anunziana: «*Oh! tu sê como deves ser!*»

Por tudo isso, Banville foi um raro espirito, complexo e original, até muito mais original do que — por exemplo — Thomaz Wainenright. Porque este excentrico jornalista e sublime envenenadôr apenas deslumbrou Londres, ao passo que Banville, com o seu jornalismo impecavel, emocionou milhões d'almas em todo o mundo.

*

* *

Fôra assim, vivendo calmamente as maiores emoções, que o conheceram em Portugal

quando, em 1910, aqui veio para surpreender nos sangrentos dias revolucionarios o assunto flagrante — essa ígnea flôr da reportagem que ele saboreava e escolhia, selectamente, e depois exportava para escolhidos jornaes de França, America e Berlim.

Casualmente entrei na sua intimidade. Foi Amparito do Val, uma episodica coupletista cubana, esturdia e gentil, quem nos apresentou certa vez num passeio a Caxias, a proposito de quaisquer prisões politicas.

Vim a conhecer, depois, alguma coisa da sua vida...

Um dia, em hora de confidencias, perguntei-lhe se a sua mascara de homem forte nunca havia sido alterada por grande comoção, e — advinhando-lhe uma formosissima alma — disse-lhe da minha estranhesa por vê-lo atravessar a vida num sulco de misterio, a escrever paginas maravilhosas, mas sempre com o rôsto como que pregado a molas d'aço, mantendo um quási elegante snobismo na sua aparente insensibilidade...

Naquele recanto do «Café», afastado do bulicio, talvez traído pelo ambiente dum tristissimo dia de chuva que lhe avivava saudades do seu país, ele descerrou os labios, permitindo á alma que viesse, tal qual era, espai-

recer um pouco nos mirantes dos seus olhos. E teve palavras de serena explicação, de nobilissima altivez e dôce melancolia... Soube quási tudo, e o resto advinhei.

Seu nome, afinal, nem era Robert de Banville, mas Samuel Adler. E descendia duma familia israelita de Berlim, perseguida por politica e religião. Seu pai e seu irmão, depois de barbaramente torturados, devido a suposta cumplicidade num atentado nihilista, vira-os ele enforcar nos fôssos dum castelo de Odessa, donde fugira, menino ainda, tendo andado perdido pelas costas do Mar Negro. Guardava, eternamente, nos olhos e na alma, pedaços do barbaro terrôr desses inquietos dias passados na Russia do Imperio.

Depois, o exilio em França, toda a sua mocidade vivida em alvorôço, muitas vezes sem cama, muitos dias sem cigarros, sem pão, sem o conselho dum amigo, sem um beijo de mulher... E pareciam não ter fim essas horas febris, iludindo a miséria na esperança duma sonhada aventura que não alvorecia mais!...

Explicando linguas, praticando num encadernadôr, chegou a frequentar escolas superiores de letras. Mas um dia aborreceu-se, e foi bater à porta do jornalismo.

Na primeira redacção, velhos mestres e môços pedantes, esquecendo-se de que haviam tido mocidade e desventuras, olharam-no sem generosidade. Fizeram-lhe, em surdina, verdadeira monteada de troças e intrigas donde o desgraçado teve de fugir, timidamente, quási sucumbido.

Depois de demorada peregrinação, num outro jornal receberam-no com desconfiança, pela sua expressão de literato, e um dos primeiros trabalhos que lhe confiaram foi a ridicula noticia dum funeral de qualquer senadôr burguez.

Para se desforçar de tal mesquinharia, redigiu a noticia com tão esmerado brilho, que fez sucesso. E todos os dias teve o funéreo encargo de mais noticias da gente importante que morria...

Achou de mais, e passou a fazer bastante mal essas míseras noticias que lhe vinham à mão, até que o director da gazeta o chamou para o increpar.

Já audacioso, explicou que tinham obrigação de aproveitar aptidões, até no proprio interesse do jornal, declarando que, se não havia obra jornalistica mais elevada para realisar, então iria para môço de bordo ou creado de «Café», onde a sua actividade in-

telectual encontraria ineditas modalidades, e poderia viver, mais intensamente, a vida que sonhava.

Rapidamente se fez reparado pela sua inteligencia, pelos alvitres praticos e planos de equilibradissima finalidade, até que o encarregaram de grande inquerito na provincia e, depois, duma *reportage* internacional.

Tal o rapido triunfo que, em poucos mezes, o seu nome foi disputadissimo. Alguns anos decorridos, e veio a ser pequeno principe na profissão.

Com a sua fortuna, surgiram os despeitos dos imbecis, as invejas, as pequeninas traições, que o feriram mais do que os momentos de miséria. Não houve um só dia que uma gôta de fel não viesse encher mais a sua taça!... E ele aprendia a conhecer o mundo, sentindo a lama duns, a inferioridade doutros tentando emparedar a sua alma!

Tudo isto de misérias passadas, e a ausencia dum grande amôr, crearam-lhe essa espécie de scepticismo que, sem extinguir a chama duma intima sensibilidade, o obrigara a dominar a vida, e a compôr essa mascara inflexivel que o defendia dum mundo que ele amava, mas de que sentia terrôr.

Valem um capitulo alguns detalhes da vida

do jornalista : Banville fez reportagem na America e no Oriente, correu Espanha, Italia, Russia, Africa, e conhecia, como os seus dedos, a intriga diplomatica de Viena e Berlim.

Assistiu no Mexico a covardes fusilamentos em massa, que ensoparam de sangue e infamia a paisagem esbrazeada dos pampas, tendo exautorado, num libelo severissimo, os autôres dessa matança vil realisada por mesquinharias politicas, por delitos de opinião.

Fez a primitiva campanha em Marrocos, revelando a brava resistencia dos mouros, e o heroismo dum romantico capitão espanhol que morreu cativo em fortaleza rifenha, cheio de chagas, roido de fóme e sêde, mas a sonhar a grandeza da sua Espanha doirada.

Comentou os estupidos massacres na Armenia, onde homens e mulheres fôram degolados e se lançara ao fôgo a sua carne viva, — só por efémeras, equivocas questões religiosas.

Escreveu o macabro relato dos tremôres de terra na California, scenografando a vermelho e negro o tremendo espectaculo dum mar selvagem tragando povoações inteiras, da terra urrando em subterraneo estertôr, de milhões de vidas sumidas entre escombros, deixando o sinistro rasto de lagrimas,

de luto, da loucura, dum brado inutil à misericordia do adormecido Deus.

Finalmente, onde qualquer acontecimento abalasse o mundo — quer fôsse rebento vermêlho de cratéra, conflito de povos ou grito de guerra, expedição scientifica ou certamen d'arte — Banville não faltava. Passava entre cadaveres, escombros e ruinas, de rôsto sereno e atento a recolher ineditas impressões, com argucias de joalheiro, para depois, à ordem da inteligencia, a sua pena descrever com rigorismos de côr, na plenissima posse de todos os segredos da fascinação.

Conforme os assuntos, assim destes extraía a flôr, a essencia, sempre com sabias delicadezas de alquimista, primores de raciocinio, lavôres de fórma, e naquela dôce e sobria moderação de linguagem preconizada por Arnold.

Manteve campanhas ruidosas em França, havendo arrancado à pena de morte varios condenados, entre os quais uma mulher perdida, que tinha matado por amôr, e um jovem anarquista acusado pela moral burgueza. Estas duas paginas de jornalismo — convulsas, humanas, tremendas de emoção — foram das mais amadas da sua vida, e crearam-lhe, no povo, um publico que o lia apaixonadamente.

Em geral, os assuntos era ele quem os escolhia. Jámais as empresas jornalisticas a quem serviu tiveram de lhe reprovar orientação, nem mesmo quando, duma vez em pleno *boulevard* e com a maior naturalidade, teve de esbofetear um principe diplomata, por causa das suas noticias; nem quando um dia, em Londres, depois de esperar uma hora por qualquer *lord* secretário do ministério dos Estrangeiros — destes politicos que em toda a parte devem o seu talento à complacencia dum jornalismo subalternamente imbecil — se recusara a esperar um minuto mais, preenchendo a noticia com informes dum continuo, e deixando cartão justamente insultuoso ao estadista malcreado.

Desde os opulentos aos humildes, Banville conheceu toda a gema da multidão: Conviveu com principes e párias, bandidos e milionários, santos e ladrões. Estudou a psicologia dos que se amotinam nas fabricas, nas minas, nos altos fornos, de todos — desde os ingenuos lapuzes até àqueles, de diversas raças e côres, que labutam e preguiçam nas grandes docas e caes, tão capazes dos belos gestos de heroismo como das mais negras horas de prostituição...

Pobres, ricos, rebeldes, resignados, cobar-

des, heroes, assassinos, genios, loucos, vadios e artistas — foram todos focados pela lente azul do seu nordico olhar, e feitos presa nas garras do seu aparo, para intimo requinte da sua profissão.

Lisbôa intelectual e artista conheceu-o pelo aprumo, pela elegancia que moldava — sempre vestindo côr de cinza ou azul, luvas e polainas alvissimas — conheceu-o, sobretudo, pelas aventuras e mistério...

Viera para Portugal depois do advento da Republica — de que fôra o maior cronista estrangeiro, dando o merecido relevo às incursões realistas e jornadas revolucionarias — e aqui se quedara a entrevistar diplomatas, politicos, artistas e, nos intervalos, amando mulheres e flôres...

Era rara a semana que não acrescentava um triunfo à sua gloriosa carreira. E, entre sucessivos exitos, afirmava-se que fôra o primeiro estrangeiro que de Portugal comunicara com o grande mundo pela telegrafia sem fios.

O seu principal processo jornalistico consistia em ser natural. Em saber desinteressar-se do «caso» que não servia ao seu publico, não obrigando, com a sua assinatura, a que lhe suportassem banalidades.

Jámais sacrificára a beleza clara duma

ideia ao brilho falso duma frase. Sabia adequar ao assunto o estilo proprio, fugindo a essa obcessão dos termos exquisitos que disfarça pobresa mental, e que, nalguns espiritos fracos, se assemelha à paixão que o indigena exteriorisa pelas lantejoulas douradas e missangas de duvidosa côr...

Se não amasse, ardentemente, a sua profissão de jornalista, Banville seria primoroso literato, capaz de escrever das mais belas paginas de vigorosa ironia e serena critica, sem pôr de parte a expressão de requinte, e aquela elegante naturalidade que, por vezes, emprestava à sua inédita prosa, gracil beleza, um vago arôma saboroso de junquilhos frescos e asfodélos em flôr...

O seu feitio pessoal sempre encantador. Camarada de porte elegantissimo, jámais usou deslealdade ou transigiu com vilanias para um camarada. E como era, autenticamente, um homem, nunca a inveja ou maledicencia fizeram ninho de odio no seu coração, comprometendo a sua inteligencia.

Um dia estalou a guerra. E a profissão arrastou-o para os campos da batalha onde deveria escrever formidaveis paginas de sangue, de heroismo e cobardia.

Partia — disse-mo ele — sem distinguir,

bem, qual a patria que devia preferir — sentindo-se russo pelo coração, germanico por laços sanguineos, francês por infantis recordações...

Nunca lhe preguntei a razão porque usava falso nome, mas percebi que tinha profundo ódio à politica, e que guardava, como um tesouro, o segredo dos seus belos e livres ideaes...

*

* *

Depois dalguns anos d'ausencia, feita a *reportage* da guerra, Banville tornou a Portugal, numa secreta e demorada missão. Foi dessa vez que encontrou a sua grande aventura — a maior aventura da sua vida e a causa da sua morte.

Voltou o mesmo: discreto e amavel, a grenha doirada, polainas alvissimas, perfume forte, e o eterno fato côr de cinza em cuja lapela já sangrava uma rosa vermêlha de Portugal.

— Você, Robert, sempre o homem forte?!...

Que sim, mas sentia saudades das flôres e das mulheres do nosso país. E, depois dum grande abraço, com ternura muito intima e velada, contou que havia casado e já tinha

um filho de cinco anos — mostrando a sua miniatura encantadamente...

Todavia, apezar da alegría do regresso, e do seu amôr pelo filho, notava-se nele qualquer vaga inquietação, melancolia, tristeza. Talvez uma pequena neurastenia que a guerra despertára — pensei.

Disse as minhas apreensões, e só então me contaram uma história recente, a razão daquela melancolia...

Afinal, um caso de paixão vulgar: Depois da sua ultima chegada a Lisbôa, num desses pedaços de noute em que, apoz o trabalho, costumava passar no Club, aqui travara conhecimento com uma mulher — talvez aquela que procurara para ansiada aventura, desde a sua adolescencia.

Fora no «Royal», quási madrugada, acabara de cear só e aborrecido na sua mesa, quando ela surgiu sacudindo, nervosa, o reposteiro de veludo, e atravessou o salão, em diagonal... Era um busto flexivel, toda obliqua e ondeante, envolta em peles preciosas, as mãos enluvadas em camurça, e a grenha curta, selvagem, muito negra, dum negro côr de amóra...

Sentou-se numa mesa em frente dele, pediu «Riga», acendeu um cigarro, e ficou-se d'olhos indolentes, amargos, abismados no vago, en-

volvida em espiraes de fumo, de vez em quando humedecendo os labios pintados no calice de licôr...

Banville notou qualquer cousa de estranho naquele estranho olhar que enchia o salão duma luz flebil, escorrendo perversão e melancolia. Sentiu curiosidade de se debruçar, como se estivesse à beira dum abismo — uma nervosa curiosidade de espreitar o que seria, para alem daqueles olhos, o mistério daquela vida...

Ao analisá-la, ele que percorrera toda a gama de mulheres, experimentou a timidez que não tivera com celebres mundanas, assim um vago terrôr como se roçasse invizivel perigo. E, pela primeira vez, sentiu a dominação de alguem...

Os seus olhos, procurando-se, encontraram-se em rapido entendimento. E quando um tipo, mixto de chulo e bailarino, veio busca-la para dançar, já não foi curiosidade mas perturbação, quási ciume, que o impressionou...

Com os olhos seguiu-a, febril, pelo salão, entre o revoltear duma multidão androgina de rapazes e raparigas jovens que se olhavam avidamente, cambiando sexos, esvaindo-se em intima tortura, como que afogados em morbida onda...

Pela vasta sala alagada de luz, imensa como um caes, espécie de pôrto-franco onde arribavam todos os mercadôres da luxuria e do prazer, silvavam os sons hiantes das musicas exoticas e cosmopolitas, que centenares de pares dançavam em histericas e elasticas correrias, ora recurveando braços e pernas, torcendo bustos em fantastica acrobacia, ora deslisando em valsas muito lentas, duma languidez suave — elas enroscadas como serpentes nos corpos deles, e as bôcas unidas, as mãos apertadas em crispação, as cabêças tombadas lançando para o alto o olhar brilhante, excitado e aflito...

Asfixiados num estravazamento de volupia, empalidecidos, exaustos de delirio, caldeados nessa atmosfera opiada de perfumes, hipnotica de alcool e luz — nesse ambiente onde a alegria tem esgares de morte, e a musica requinta a alma dos ingloriosos suicidas — esses tipos semelhavam massa informe, materia plastica aguardando os grandes móldes nas oficinas da Loucura...

Ela, liberta das felinas peles forradas de setim, fôra com a sua simplicissima tunica de seda negra — quási indiferente... Banville via-a de longe, balouçando-se, preguiçosa, na musica dos violinos, e depois em inconscientes

saltos selvagens, entre a barbara gritaria do estridulado jazz-band — e sempre o mesmo olhar em scisma, e os longos braços nús pendurados, indolentes, a escorregarem como enormes larvas brancas no *smoking* negro do dançarino...

Esperou-a, fumando muitos cigarros, bebendo champagne, scismando no estranho motivo porque — havendo tantas passado pelos seus braços e pela sua bôca — nunca havia esperado, assim, por outra mulher!...

Quando ela tornou ao seu lugar, onde se deixou caír fatigada pelo sofrimento daquêle gôso, mandou o *groom* convida-la para a sua mesa. Tomaram algumas taças de «Chateau Therry», com damascos gelados, e ambos fumaram magnificos cigarros, olhando-se num vago entendimento, sem trocarem mais do que estas palavras:

— Você chama-se?!

— Mary... chame-me Mary...

— Só Mary?!

— É o meu nome... o nome que adoptei...

Madrugada ergueram-se. Ajudou-a a compôr o abafo, com delicadezas de *lord* — mas nada disto a impressionára...

Pelo caminho, no automovel, em grande silencio, mirou-a bem.

Era uma dessas mulheres de bela palidez, mulher toda olhos e braços, daquelas nervosas creaturas que já não possuem o encanto da fresca juventude, mas que teem o eterno, o irresistivel dominio de sorver uma vida no gôlfo da sua carne, e de saber aprisionar na ilha do seu mistério. Emfim, uma prodigiosa perversa que sabia amar, mas com aquele violento, destravado, doido amôr que elas só conhecem depois dos trinta anos, e que se defende com todos os vicios e opios, mal o oiro do poente entra a caír nas primeiras ruinas da sua mocidade...

Ao pé dela, ele que conhecera tantas, sentia agora ridiculos acanhamentos de colegial. Emquanto, vagarosamente, ela soltava rendas e sedas, num enlevo de adolescente ele ia-lhe violando, só com os olhos, as formas delicadas. Aspirava-lhe o perfume, colhendo violentissimos e silenciosos beijos, que o embriagavam como se a bôca dela fôsse a taça de odorante licôr... como se aquêles olhos fôssem tranquilos lagos onde em gondolas de beijos todo o seu espirito adormecesse, vogando esquecido, enamorado...

— De modo que só Mary?!...

— É o meu nome!..

Foi assim o prologo da aventura. O resto

rapida vertigem onde se despedaçou, como estatueta de argila, aquele belo aprumo de homem forte.

*

* *

Quando Banville deixou de aparecer, os amigos souberam que o finissimo e esquisito animal, dominador como um *milord*, austero como um *chanceler*, estava perdidamente apaixonado, como romantico vulgar, ou ingenuo trovadôr.

Um dos seus camaradas mais intimos escreveu, comentando, que esse caso damôr, com o seu cortejo singular de tragicas surpresas, fôra a mais complicada noticia de Robert de Banville — porque este vivêra cerca de duas duzias de anos para a completar.

Mas o mistério, o encanto dessa paixão foi, afinal, assunto efémero que teve a sorte de todos os assuntos. Lisbôa que conhecera a figura aprumada desse jornalista *gentleman*, que se debruçára alguns minutos, curiosa, sôbre as suas extravagantes aventuras, especialmente sôbre o ultimo escandalo da sua paixão, esqueceu-o logo, algumas horas depois d'ele transpôr as fronteiras, aninhado com a amante no *sud-express*, a caminho de Paris.

Nos primeiros tempos, Banville — esquecendo familia e até o proprio filho, alheando-se da profissão, olvidando tudo — julgou viver das mais belas horas. Lembrando-se da sua humilde juventude plena de misérias, pensou que chegára aquela tardia aventura de acaso que ele sempre sonhára e merecia...

Não saber quem era essa mulher, ser dominado por aventureira estranha, não sentir, sequer, pressa de desvendar o mistério — seria prolongar o encanto...

Mas aquilo, certamente, não podia durar.

Um dia, Banville, que principiára a ter existencia irregular, morando na alcôva da amante, sendo como hospede de sua casa e de sua mulher, teve a nitida visão do abismo. Relampagos de inteligencia iluminaram-lhe a estrada do passado e do presente; e tremeu, pela primeira vez, sôbre o seu futuro.

Quando poude reflectir que estava faltando ao filho, à profissão, a si próprio, teve grande sentimento de saudade, uma grande pena desse outro homem que ele havia sido e, sobressaltado, pensou em mudar de vida.

— «Mas porquê, porquê? — gritou-lhe, então, dentro de si proprio, uma estranha voz — Pois não tens tu direito a gosar a vida, e não será ficção cobarde contrariar o impeto do

sangue, da propria natureza, vestindo sentimentos duma grosseira mentira, em homenagem ao preconceito vulgar?!»

Mas ele não nascera para ser escravo dalguem. E essa que nem conhecia, roubára-lhe o carinho ao filho, o amôr à profissão, entrara-lhe de mais na vida, creando surdos conflitos que alastravam no seu sangue com fragôr de tempestade.

Impossivel esse inferno, que era o não poder passar sem o côrpo da amante, sentindo-lhe, ao mesmo tempo, a afronta do dominio!...

Decidia, sempre, pôr termo ao insuportavel ridiculo, quando raciocinava a frio, e se lembrava que era menos do que um farrapo, esgarçando-se nas garras dessa paixão imbecil, sem elegancia ou dignidade. Mas quando ia pronunciar a palavra libertadora, era agarrado pelo terrôr de a perder. E dormia e acordava sempre pensando nela, e se estava a seu lado logo chegava os labios aos seus ouvidos para que estes, como um buzio de rosea madreperola, guardassem eternamente o som das suas palavras de amôr...

Um dia, ao espêlho, vendo a tristeza dos seus olhos e os cabelos a branquear, sentiu-se espectro. Sufocou intimos soluços, lembrando-se da beleza forte da sua mocidade.

Mas quanto mais austero se erguia o juizo da propria consciencia, mais esse dôce mal que o pervertera lhe tomava posse dos sentidos. Pouco a pouco, foi resvalando, dias e dias sem ir a casa, sem ver o filho, sem dar cuidados á profissão, esquecendo as belas, as queridas coisas que amara. Vieram, então, os piores momentos dessa luta intima que lhe diminuia o caracter, apagava a lucidez, e quebrava a vontade. Teve a mania da perseguição, vendo em todas as palavras, gestos e olhares, censuras para o seu procedimento. Desconfiava de tudo e, mais duma vez, em clubes e teatros, fizera escandalosas e ridiculas scenas de ciume por causa da amante. A sua dôr, porém, foi enorme, quando nos jornaes lhe fizeram os primeiros reparos que, embora delicados, eram certeira punhalada no seu orgulho.

Sentindo-se rolar como um falhado — ele o homem inteligente e forte, que fizera do jornalismo nobilissima arte, e fôra discutido em todo o mundo — pensou em pôr termo áquilo, e veio-lhe à cabêça o suicidio. Esse fim, porêm, achou-o duma suprema inferioridade, parecendo-lhe que no sofrimento altivo encontraria a unica e digna expiação. Mascarava, assim, o seu ensejo de viver, a sua esperança em se redimir . . .

Intimamente, cada vez sofria mais, ao verificar que o seu passado, educação moral, principios austeros, a beleza serena em que repousara o seu triunfo — tudo isso, afinal, não passara de pequeninas coisas debeis, mais frageis do que minusculas folhas à mercê do primeiro temporal...

Era, então, verdade que não havia homens fortes?! — Que um roble gigante podia ser derrubado por mãos delicadas de creança?! — Que o mais bravo dominador do mundo, em certa hora, trocaria a maior gloria pela bôca duma mulher?!...

Levava longos dias debatendo-se em intima luta, nesse dialogo com aquela desconhecida voz que lhe subia no próprio sangue.

— «Não sejas imbecil — dizia-lhe — gosa a vida como os sentidos to ordenam, e não contraries os ditames da tua natureza, em nome duma outra natureza artificiosa e convencional!

Procurar a morte para quê, creança inteligente?! Supões que a terra onde iria repousar o teu côrpo seria mais macia do que o leito da tua amante!?...

Duas horas depois nada restaria de ti! Tudo no mundo seria como dantes, sem possivel alteração! Nem, sequer, a tragedia do teu

exemplo impediria que os mais austeros e moralistas fôssem dos primeiros a solicitar primazia à mulher da tua perdição.»

— Mas o meu passado, profissão, mulher, filho, todos os meus amôres, e as cousas ideaes que amei?!...

— «Tudo mentira, efemera vaidade, inteligente artificio, mascara que afivelaste para vencer.

O teu passado, mulher, filho e profissão, tudo pieguices vulgares. Capitulo gracioso dum simpatico romance ingenuo, mas que nada de novo acrescenta à vida. No fundo, sempre a obcessão do homem forte, sêde de triunfar, mas sem a beleza e risco da dolorosa aventura em que mergulhaste. A hora pecadôra que te amargura é, afinal, a melhor lição da tua vida, lição tão bela que é preciso sofrimento para a pagar...»

— Não — insistia ele — a vida clara, harmoniosa, com a viril beleza da fôrça, da nobre inteligencia, da serena vontade, só essa é que eu quero viver e amar...

— «Mas o facto de teres uma ou muitas amantes não impedirá que sejas o mais virtuoso dos homens! Ha bandidos requintados que nunca sentiram no sangue um pequenino frémito ou leve tremôr sensual. Existem

grandes almas, em que se fundem as mais perfeitas harmonias de Beleza e Bondade, cuja vida se afogou em calcinantes ondas de amargosa luxuria!...

Vive a lei da tua natureza, e pensa em que não existe qualquer codigo de moral escrito por Deus. Tudo é feito pelos homens e para perturbação passageira dos sentidos!... O bem e o mal são obra da mesma fôrça misteriosa que governa o mundo, e o homem não passa dum detalhe minimo no grande quadro cosmoramico da Vida.

A completa perfeição individual que, vaidosamente, pretendes para ti, será, eternamente, irrealisavel aspiração. E os sofrimentos moraes, a dôr humana, são pequenas coisas necessarias aquele equilibrio que só poderá existir no harmonioso conjunto do Infinito...»

Robert de Banville, afinal, deixou-se vencer, entregando-se ao devoradôr instinto da paixão. A sua fisionomia, outrora duma translucida serenidade, toldou-se de lodosos livôres, tal como o espêlho dos lagos apedrejados...

Foi como os outros: elegantes, distintos, quasi canalhas, a quem a Sociedade não recusa a mão.

Mergulhou em aventuras, em perversões, defendendo-se com filosofias estranhas, e acusando a sua inteligencia de só lhe haver dado preconceitos e infelicidade legal.

Viveu, loucamente, horas de maior vertigem, esgotando a gama de prazeres que inventava essa magnifica doida eternamente desconhecida, excitando-se ao saber das mil bôcas que ela tinha beijado, dos mil braços que a tinham cingido...

E emquanto a sua sensibilidade vibrava sem limite, porque ela se desdobrava em novas perversões, ele foi deixando arder, em dias que correram como minutos, mocidade, inteligencia, orgulho — colhendo na sua bôca, como em veneziana taça, daqueles fatidicos beijos que embriagam como os vinhos raros e fazem scismar em loucura e morte...

Sôbre a vida dela pairando sempre o eterno mistério. Debruçado sôbre os seus olhos, escutando o bater do seu coração, nunca soubera desvendar mais do que isto: — Chamava-se Mary...

Decorridos tempos, uma noute, Banville regressou a sua casa. Vinha muito mais calmo, o rôsto tranquillo, sereno o olhar, e um grande ar radioso de felicidade.

Foi, pé ante pé, ao quarto do filho, demo-

rou-se a olha-lo, beijou-lhe as mãos, e depois encerrou-se no seu quarto, sossegadamente, passando a noute a escrever.

Á hora do almôço, depois da mulher e o filho cansarem a espera-lo naquela mesita alegre onde sempre havia uma toalha alvissima e frescas flôres, resolveu o pequenito ir por ele, e foi bater-lhe, satisfeito, à porta do quarto, com as mãositas leves:

— Pae, paesinho, vem almoçar, preguiçoso! Estamos à tua espera...

O quarto quedou-se em silencio.

— Paesinho, vem que tenho fóme! Anda paesinho!...

Como o silencio teimasse, o pequenito abriu a porta, entrou no quarto, mas logo caiu, aos gritos e aos beijos, sôbre o côrpo que jazia inerte, tombado no chão...

— Pae, acorda meu paesinho!... Não ouves que te estou a chamar?! Pae!... Pae!...

Não acordou mais. A morte fizera parar aquele belo e incoerente coração.

Na secretária encontraram uma carta para ser entregue ao filho, quando fôsse homem, e uma preciosa noticia sôbre o suicidio — ultimo artigo para o seu jornal, derradeiro adeus à sua amada profissão.

ANSIA DE CÔR

CHAMAVA-SE Nini Clavier! E o seu nome acudia aos nossos ouvidos, harmonioso como poema musical de Gluck, assim como o seu perfil já deixara nos nossos olhos aquela perturbada e estilisante graça dos desenhos de Benito ou Charles Martin.

Verdadeiramente fantastica a pequenina história dessa deliciosa e esquisita Nini Clavier, ha poucas noutes contada à mesa do Café pelo pintôr João Carlos, recenchegado da Espanha. Atravez da sua palavra encantadora, êle nos disse toda a tragica loucura dessa Nini — a prestigiosa bailarina de graciosidades de anfora, ao mesmo tempo felina e meiga, aristocratica e gitana.

Mas estaria certa tão estravagante história do mais literato dos pintôres — teria, ao menos, existido essa inverosimil Nini?!...

Tal o excentrico sabôr descritivo do alucinante destino da aventureira que, sôb a sugestão de possivel e caprichosa fantasia,

quási esqueciamos que a bailarina existira, que até mesmo nossos olhos a tinham gosado e as nossas mãos aplaudido, quando passara nalguns raros palcos de Lisboa — nas dansas de Sevilha, da Polonia, da Tartaria, coleante e ritual nos seus bailados de escrava, huri, e coribante, ritmando linhas puras de Tanagra, tremula graça d'aza e flor...

Sim, essa bailarina nascida em Murcia, educada em Paris e Milão, da estirpe das Djeli, Isidora, Badet, Tortula e Camargo — interprete do ritmo helenico, dos misterios asiaticos, da alma slava, e que dera a gama de todas as estilisadas atitudes, desde as dansas religiosas das sacerdotisas de Ósiris, até às valsas macabras, com orgias e apaches, do Baile Musset — sim, Nini Clavier existira.

*

* *

Era fragil, graciosa, incompreensivelmente loira. Mais do que os seus pés, dansavam as suas mãos, podendo até dizer-se que a grande volupia do seu bailado estava no ritual solenissimo com que elevava e movia os tremulos braços, contorcionando-se, de olhos em espasmo, enamorada da

transparencia espiritual das suas mãos nuas, dactilites fulgindo clarões em joias raras duma graça bizantina...

Nas dansas espanholas — a farruca, fandango ou bolero — com musicas de Valverde, Granados e Albeniz — deslisava entontecida e desgarrada, as rosas do monho beijando a doirada pele da nuca, o dorso ondulante, as narinas nervosas, os olhos brilhantes carregados de clarões de incendio e nocturnas orgias, toda ela evocando arraiais andaluses, aragoneses ou biscainhos, as luxuriantes scenas entre aromas de cravo e vinho, as tragédias de amor e os funeraes gitanos... Quando em agitados passo-dobles — cingida no alvo *manton* de cadilhos de neve e oiro, barrado de medronhos vermelhos — passava ofegante e crispada, cruel e dolorida, sacudindo o oiro da grenha, era como se, transfigurada, surgisse a propria alma estilisada duma nova Sevilha, com seu cortejo moreno de ciganos adolescentes, de imberbes toureiros, de mulheres de Triana d'olhos denegridos — todo o estandarte da raça marjado de sangue e oiro, qual labareda esvoaçante entre cantares flamengos, castelhanos e moiriscos, no ebrio alarido das violas e pandeiros...

Interpretava gavotas de Bach, cavatinas

de Florent Schmidt e Debussy, numa graça léve de falena, passando breve como um suspiro. Nas suas valsas lentas, com pizicatos nos violinos, havia reminiscencias de estelados alvôres sôbre lagos e canaes, vagos sons de mandolinatas cadenciados ao ritmo dos seus proprios braços, que pareciam querer remar seu corpo de cisne — como se fôra gondola de marfim nas aguas azues de Veneza...

Aquela eterna valsa triste de Sibellius dansava-a ela, em surdina, com a sala mergulhada na penumbra, um raio de luz sobre o corpo nu, mal velado de alvissimas gazes, esvoaçando entre veus lilazes, amarelos e azues. Quando a ultima nota expirava, caía por terra, humilde, amarfanhada sob a espuma das rendas, e nos olhos dolorosos e nos braços tombados, fazia-nos lembrar — não sei porque — bandeiras abatidas, lendarios moinhos fulminados, jardins ao abandono, incendio de ninhos...

Ás vezes, após certa dansa perversa em que compunha expressões selvagens, angustiadas e nervosas atitudes, ficava-se esquecida e turvada, d'olhos sunambulos, envolvida no fumo azul da cigarrilha. E parecia querer dansar, voluptuosamente, com o proprio fumo... com a propria sombra...

Todavia, Nini Clavier, que saboreava, conscientemente, todos os desiquilibrios da sua vida, e que estes mesmo estilisara para enriquecer a sua arte, sofria dum estranho mal que abria prasos de tragedia irremivel onde asfixiava a sua existencia.

Tinha a doida tortura, a doentia ansiedade da côr...

A visão cromatica de tal modo se dispersava, errante, no seu espirito que, perdida toda a noção da côr, algumas noites até tivera de dansar nua, apenas velada sob negros veos — gaze negra como flamula de luto, esvoaçante ao alto do pequeno castelo dos seus cabelos doirados, sob a arcada triunfal dos seus braços em grinalda, em ogiva...

*

* *

— «Se um dia me matar — dizia aos seus intimos — será pela ansiedade de côr que acompanha a minha vida, sonho inedito, irrealisavel, que me dilacera e tortura, incompletando a minha arte».

E, depois, às vezes desalentadamente, completando o estranho pensamento d'artista e nevrosada, explicava como conhecia todos os

segredos do ritmo, da harmonia dos sons, das esculturaes atitudes, das intimas expressões de alma que se comunicam num cerrar de olhos, no mover de labios, ou brandir de mãos.

Ela sentia a harmonia musical que se condensa nos mais diversos sons, desde os canticos da ave ao fragor dos temporaes. Apreendera o movimento das ondas, o balouçar dos hiates, o tremôr que palpita na aza da mariposa, na flamula de seda, ou na haste da flôr. Moldara no seu corpo as dionysicas atitudes da Hellade, as airosas curvas de estatuaria, das anforas e gomis. Sabia pintar nos olhos a piedosa expressão das preces, a amarga volupia das traições; e, com a sua bôca, tecera ineditos poemas dos loucos e sonhados beijos...

Mas a côr — a côr!... — era a sua infinita ansiedade, tortura inferiorisante dos sentidos, porque nem no azul do mar, nem no oiro dos poentes, nem no rubro acobreado das labaredas, surpreendera os ineditos tons com que anelára vestir o seu corpo nas horas de pompa triunfal.

Já consultara os raros manuaes de quimica, os velhos mestres da sciencia, estudando nas madrugadas, no iris, no espectro solar, sempre em demanda da côr. Conhecia dos

mais raros amarelos, verdes, azues, dos oxidos minerios; e os doirados, purpurinos fulgores dos topázios, das granadas e rubis, que eternamente dormem nos seculares dominios da cristalologia, e crepitam, como coalhadas gotas de vinho velho ou incendiado perfume, nos heraldicos aneis, nos preciosos vidrilhos, nas perolas dos colares, nas camandulas cristalinas.

Adoecida de cromismo, sabia a escala da diferenciação entre a púrpura, o escarlate, o carmim, o encarnado da Sibéria, de Veneza e do Brazil. E anotara que não eram gemeos o rubro das papoulas e dos romeiraes, e que nos cravos vermelhos, até no proprio sangue, poderia haver tons de mil côres.

Os verdes da montanha, dos hortejos e trigaes, não eram irmãos. E não podiam confundir-se o verde de Verona, o de esmeralda, o do ocre e malaquita.

Na cor amarela, que gama de tons, desde o flavo, o creme, o chamado amarelo de Napoles e das Indias, até ao do antimonio, ao oiro, laca, laranja e açafrão!

Nos azues, que infinidade de matizes entre o cobalto, o da Prussia, o do cobre, o ultramarino — e que indiscritivel, esse electrico e fosforescente azul do mar?!

Decerto o rôxo das violetas não era igual ao dos lirios, nem ao daquele rôxo-lilaz que as serras veste em horas de tristeza. Na côr preta havia diferença entre o negro do fumo, do café, do carvão. E até no branco divergiam: os tons da prata, anil, perola, velino — as alvuras de cal, do leite, e da neve, o branco de Espanha, de Creta e Caolim...

Nini Clavier nada ignorava sobre cromites — acerca das cores frias, das torridas, dos griz arroxeados e amarelecidos, de Van-Dyck. E dos seus vestidos e joias, que valiam milhões, escorria um oceano de côr onde ela procurava afogar a superexcitada fantasia. Tinha-os de mil tons, dos feitios mais excentricos e delicados: Axadrezados, como mosaico antigo; cerzidos em minusculos losangos de sedas multicores; de branca seda da China, em folhos dentelados a ouro; diabolicos, côr de fogo, com dragões, harpias e salamandras pintadas; os que imitavam as especies cromóforas, e as aves asiaticas de plumagem rica, com grandes caudas como as pavôas reaes; e outros de tecidos leves onde os bordados de ouro figuravam estilisados dragões heraldicos, bicefalas aguias coroadas, e cisnes desdobrando as suas azas...

Um dia mandara compôr estranho vestido

de transparente seda griz flordelizada a côres, onde cada liz marcaria um tom, sem se repetir, e sem uma côr faltar... Mas só leves momentos a encantou a policromica maravilha, porque horas depois descobriu que algumas cores faltavam — como o azul cadente que passa efémero nos meteóros, o vermelho enigmatico de certas flôres da Asia, e o verde doirado que fosforeja sob as pupilas nervosas das hienas e leopardos...

Todas estas fantasticas coisas não constituiam para ela um luxo vulgar ou caprichoso para arruinar amantes. Mas apenas estesia dos sentidos a transformar-lhe o guarda-roupa num museu de côres onde seus olhos vagueavam sonambulos e ausentes, sem encontrar aquela inverosimil côr exigida pelo seu transviado espirito de artista louca, requintada e anormal.

*

* *

Pois Nini, a bela Clavier das palpebras de petala, cutis doirada e braços em ogiva, acaba de encontrar a côr no seu ultimo bailado, junto ao mar, no Casino de Algeciras.

Depois de contratos opulentos em New York e Londres, de maravilhosas digressões atravez

da Russia, Italia e Berlim, rica de fortuna e emoções, encerrara a sua carreira.

Ultimamente, porém, instada por influencias, e com um contrato pesado a oiro, condescendera em trabalhar uma epoca no Casino de Algeciras — mais talvez para distrair a sua alma melancolica, profundamente adoecida.

Ali se apresentara com dois companheiros jovens — um palido violinista bulgaro e trigueiro mexicano bailarino — com quem vivia em equivoca *mariage.*

Rumores de escandalo logo se ergueram contra a ostentação impudica desse *menage* a trio. Mas taes protestos — quem sabe se de inveja ou de pudor — ela os afogara no caudaloso rio da sua arte triunfante...

Já não bailava, então, as danças regionaes que estilisara. Só ao purismo classico, ás partituras de Schumann, Saint-Saens, Korsakoff e Debussy, consagrára os ultimos acórdes desse instrumento favorito que era o seu corpo amado.

Os que tinham visto a Paulowa, a Sangalli, a Guimard, as russas de Diaclien, não ocultavam o seu deslumbramento por esta Nini — a propria transfusão da alma errante d'Afrodite, parecendo ter nas veias e na arte a liquida ardencia do Mediterraneo e do mar Egeu...

Mas o genio que lhe moldara a arte em apurados requintes, que fizera dos seus bailados precioso mosaico de rara feeria, creara-lhe superexcitação, fadiga dos sentidos, cansasso mortal — e já tudo era pouco para a satisfação dos seus nervos, desde a sedução das raras joias e brocados até á embriaguez dos perfumes e aos excessos pecadores...

Lá bem no intimo — talvez! — apenas uma doentia obcessão, a eterna ansiedade da côr...

Palida, triste, exausta, com terrôr da decadencia, havia nos seus modos laivos de agonia. Tinha momentaneas visões de louca, tombava em marasmos, na paralisia de movimentos e sensibilidade. E vieram-lhe frequentes sintomas de asfixia que, por vezes, quebravam a linha airosa da sua arte.

Longas horas ficava imersa em eter, em morfina, fumando *abdullas* negros, molhados em ambar. E perdia ao jôgo pequenas fortunas, que importaram a ruina de muita gente, a desonra de conhecido aristocrata, e até o suicidio dum milionário moiro.

De verdade — pensava sinceramente, em momentos de vaga consciencia — a ninguem ela queria fazer mal. E essas tragedias só

carregavam seus olhos de sinistra desventura...

Uma noite, depois de qualquer bailado simbolico — coreografico romance duma paixão de escrava, que ela dansou maravilhosamente, excitada e nervosa — quiz ficar no Casino, para pequena orgia com jovens libertinos.

Até noite alta, só com a sala alumiada pela alcoolica labareda roxa dos *punches,* ela rodou em fantastica dansa, de bôca em bôca, de mão em mão, entre perfumes e flôres, numa aterrante loucura.

A meio da bacanal, espavorida, alucinada, fugiu com os dois favoritos artistas para a alta *terrasse.* E aí, numa estravasante e doida volupia, em que havia solenidades de ritual, viram-nos trocando taças, trocando beijos, fascinados sob o alvôr desmaiado das estrelas...

Rapidamente, em crescente alucinação, ela subiu muito mais alto, ao pequeno miranête sôbre o mar de Algeciras. Agitando os véus sôbre o flexuoso busto desnudado, alongou imenso os lindos braços nus, segurando a taça nas duas mãos crispadas, num misto de oferenda implorativa e na visão de que gôtas de luar viriam diluir-se no oiro liquido da

sua taça. Depois bebeu, bebeu sofregamente, entontecida, e apontando com os dedos tremulos o espaço infinito, febril e deslumbrada, soltou angustiados gritos:

— Amigos, a Côr!... A Côr!... Vi a Côr!...

E, num momento, atirando fóra a taça, que foi quebrar-se nos marmores, lançou-se do alto, despenhando-se sôbre gumes de rochedos, por onde veio a rolar, rasgando-se, ferindo-se, até cair despedaçada...

... Já o luar morria quando, junto ao mar, os amigos lhe recolheram o lindo e mutilado corpo em sangue, na sua capa branca de setim...

A SOMBRA DO ASILO

Como de costume, transpoz a porta do café, receoso, compondo a gravata, em gestos acanhados, e foi sentar-se ao canto entre as mesas desertas, relanceando o timido olhar.

Á porta, um jovem companheiro esturdio ficara conversando com uma rapariga, vindo, depois, convida-lo a espairecer.

Quedara-se de cotovelos fincados no marmore da mesa, passeando os dedos magros pela negra cabeleira, misturando a tinta dos seus olhos magoados na luz flebil daquela hora de melancolia.

— Não vens, não?!...

Fez sinal negativo, sorrindo vagamente, e poz-se a olhar, distraido, o largo por onde o outro abalara assobiando, discretamente, um fado em voga...

Lá fóra, muito vagarosamente, anoitecia. Um poente suave tingia de mosto-doirado as colinas da outra banda do Tejo...

Miguel — era o seu nome — gostava imenso

da solidão daquela hora. E ali pousava olhando o caes, essa floresta ondulante de chaminés listadas, de cordeame, bandeiras e mastros de navios, atravez da qual passavam homens de diversas côres, carregando fardos e caixotes, entre a gemente chiada das roldanas e guindastes.

Seus olhos, numa volupia amarga, perdiam-se de encanto na estrada azul do rio, ou revolteavam curiosos sobre as aguas quietas das docas aonde as fragatas e faluas, listadas de garridas cores, se balouçavam harmoniosamente como grandes berços, e se recolhiam aqueles galeões com formas primitivas, de grande popa russa e olhos de gigante...

Gostava de ver todas aquelas lindas coisas que só ha pouco conhecia. E amava, secretamente, em solidariedade instintiva, essa estranha multidão que à noitinha era despejada das oficinas e estaleiros — juventudes em flor, velhices sem gloria — torcidos, esfarrapados escombros ardidos nas geadas da Vida...

Muito em silencio, e atento, punha-se à espreita para os ver passar — melancolicas sombras, palidos perfis enfebrecidos, nas meias tintas do Sol posto. E tal como os sabios se curvam sobre cartas e mapas, numa obsediante curiosidade, identificando mundos,

assim ele se debruçava fitando rostos crestados, precocemente envelhecidos, procurando nessa ressaca de humanos destroços qualquer razão que esclarecesse a misteriosa e intima tristeza da sua vida.

Emquanto bebera os ultimos golos de café e, delicadamente, enrolara fios de tabaco na branca mortalha, findara o dia. Passavam agora os ultimos grupos de operarios: fragateiros no seu ar dansante de embarcadiços; os serralheiros, mecanicos, electricistas, vestidos de ganga azul; de vez em quando a morena e graciosa costureira ou a loira dactilografa gentil; e a formar a retaguarda os carroceiros retardatarios, o bando negro dos descarregadores de carvão, d'olhos enegrecidos a luzir na treva, as bocas vermelhas, os dentes alvissimos, e a farraparia dos seus lodosos fatos a escorrer infamissima tintura feita de tição...

Já a noite caía, dulcissima, morna, primaveril, quando, por supremo sortilegio, surgiram no largo tres lindas sombras de moças esguias, descalças, ondulantes quadris, claros lenços a esvoaçar como bandeiras, e segurando sobre as magnificas cabeças cestos floridos com acacias e lilazes...

Enlevadamente, como num sonho, ele

viu-as passar e desaparecer no seu ar procissional, os braços arcados sobre a flexuosa cinta, envolvidas no suave aroma, emquanto desmaiava o harmonioso som da musica cantada do seu pregão de flôres...

*

* *

Pouco a pouco, o café animava-se de bulicio e luz, emquanto Miguel, ansiadamente, fixara a porta, esperando alguem...

Começara a afluir a freguezia da noite: os armadores de bordo, a gente da pesca, rapazes das barcas e navios, maritimos estrangeiros desses tipos do Norte, altos e loiros, de olhos ingenuos e timidez femenina — alguns trazendo já a sua amante de acaso, em quem desforçavam as longas abstinencias da sua vida transmarina...

Por entre o alegre estalar das gargalhadas, dos ditos picantes aquecidos a *boks* de cerveja, soltavam-se os acordes metalicos de derreada pianola. E, ao canto, em mesa àparte, patinhando poças de aguardente, um velho preto bebado, de olhos maliciosos, fingia-se enternecido a ouvir dois espanhoes nos seus roucos cantares andaluzes...

Miguel, a quem nada disto interessava, empalidecera levemente, enchendo os olhos de fulgor... Entre portas parara estranha rapariga que, depois de procurar logar com os olhos, veio sentar-se em frente á sua mesa... Era aquela, decerto, a que ele esperava...

Todas as noites era assim, do mesmo modo, um platonico amôr sem consequencias, idilio mudo que durara meses, feito só de mimica, de sorrisos e ansiedades...

Não era rigorosamente linda, mas que grande alma transfloria nos seus olhos, e que taça de prazer ele advinhava naquela boca!... Levavam a olhar-se sem palavras, horas seguidas. Quando ela, num triste gesto, lhe significava estranheza, ele ruborisava-se, queria falar, mas as palavras morriam na garganta, gaguejava sons, sentia-se ridiculo, as fontes a latejar... E ao ver, nas diversas mesas, como os outros sorriam e amavam, as pernas trocadas, os bustos cingidos, devorando-se num turbilhão de beijos, saindo engolfados nas amantes, sentia-se louco, a morrer de inveja...

Varias vezes a seguira, tocando-lhe a sombra, contando-lhe os passos. Mas quando o aguardava num passeio ou esquina, ele pas-

sava-lhe à frente, confuso e nervoso, até que ela, cansada de esperar, seguia com outro, e ele recolhia humilhado.

Depois, a tortura dos longos dias na oficina, sem estimulo ou amor pelo trabalho, suspendendo-se a pensar, a advinhar-lhe a oculta graça do corpo, o negro mistério dos olhos — a esperar, febrilmente, a noite... afinal para repetir a scena...

Pois naquela noite — pensou — não seria assim... E quando ela saiu foi-lhe no encalço, resolvido a não ser mais inofensiva creança...

Entraram num pateo escuro. E atrevidamente, aturdido, sem palavras, ele envolveu-a, logo, num cachão de beijos...

— Mas tu o que queres?!... — disse-lhe ela, meigamente...

Subito, soou um bater de portas, barulho de passos, rumor de vozes, coisa sem importancia. Impressionado, ele saiu a correr, sem pensar, estonteado e nervoso, só parando a distancia...

Talvez aborrecida, cansada da sua timidez, ele perdeu-a nessa noite. Nunca mais a viu.

Ficou-lhe da aventura o vago odôr dos beijos...

Aos vinte e dois anos, só e sem familia, tinha alma enferma de creança triste, dentro dum corpo de homem modelar.

*

* *

Inteligencia viva, espirito delicado, operario de brio, embora sombrio nas amisades, Miguel abraçara generosamente os grandes ideaes.

Todas estas virtudes, porém, mal expandiam e afloravam, porque a sua doentia timidez era como interminavel deserto onde corria, esteril, a sua mocidade, sem se dar, como ele queria, ás grandes lutas da Liberdade e Amor.

Lutar virilmente, desassombradamente, e engrinaldar a vida com os belos actos de beleza energica, varonil — votar-se ás belas causas da redenção humana, dar toda a sua piedade á miséria humilde, e depois prender-se nos braços duma linda companheira — emfim, viver, amar plenamente, com desinteresse e galhardia, era o seu grande sonho, ingenua e romantica aspiração da sua juventude!

Mas numa intima, numa estranha luta, a acção desobedecia ao pensamento, e o espi-

rito volateava, indeciso, sem desdobrar as azas para o grande vôo, até tombar cansado qual falena moribunda...

E, então, medico de si proprio, avaro a confidencias, entrara a diagnosticar das causas do seu mal. E como razão maior lá vinha a da sua meninice e adolescencia passadas entre as sombras do asilo.

Ah! a sua vida de jovem asilado! — as longas vigilias da interminavel epoca do asilo, as tristissimas horas desse mal velado captiveiro — como ele sentia todo esse tempo, errando como um fantasma no seu sangue, a projectar eternas sombras no seu caminho...

Lembrava-se muito bem: Pequenito ainda, vestindo um bibe preto pelo luto do pae, a mãe fôra deixa-lo no internato, onde havia grande pateo d'arcadas com azulejos e uma sineta, e mais álem um claustro conventual, grandes limoeiros e moitas de suspiros, onde uma velha fonte chorava...

A mãe dera-lhe um grande beijo... e nunca mais a viu...

Ficou nas mãos dumas senhoras que o mandaram lavar, cortar o cabelo e vestir um bibe aos quadradrinhos, como o dos outros internados. Deram-lhe cama muito branca, boas refeições e horas de recreio. Mas os ca-

maradas chamavam-no por um numero — «o 125» — e nunca mais foi «o Miguel», como lhe chamava o Chico da vizinha Tereza e os outros pequenos amigos da sua creação...

Ás vezes, quando se recordava do lindo viver do seu lar humilde — a mãe sempre contente, a trabalhar á maquina; o pai ainda novo e alegre ao redór da ceia; e ele a brincar num largo em que havia arvores, flôres, e se via o mar — quando se lembrava de tudo isto, pequenino prisioneiro entre as paredes geladas do branco asilo, renascia-lhe muito dentro dalma negra paixão...

Vivendo entre fria gente desconhecida, saudoso dos lugares da sua meninice, perdido das pessoas que o podiam amar, levava as noites estoirando em soluços, afogado em pavorosas sombras...

Nessas horas tristes, um camarada mais velhinho, que dormia ao pé do seu leito, vinha, então, nos bicos dos pés, meigo e condoido, dizer-lhe devagarinho:

— «Não chores, 125! Não chores! Olha, eu cá tambem já não tenho mãe!...»

Ah! a melancolia, o silencio frio, a indiscritivel tristeza dessas noites do asilo, á espera duma aurora tam tardia em despontar!...

Foi crescendo, crescendo, ensinaram-no a

ler, aprendeu ginastica, jogos desportivos, deram-lhe o oficio de gravador, e teve um fardamento — um vistoso fardamento como o dos outros pobresitos, que servia nas grandes cerimonias e paradas, quando o Estado exibia a caridade oficial...

Nesses dias festivos, em que vinha muita gente ao Internato, eles eram mostrados ao povo como mansos animaes domesticos, inofensivos.

Explicava-se ás visitas como eles comiam, como se lavavam, como dormiam, fazendo-os mover, como maquinas, em exercicios complicados. E a multidão embasbacava, como se os pequenitos fossem, realmente, duma nova ou rara espécie humana...

Pela festa escolar havia sessão solene. Vinham assistir os felizes bébés que tinham pae e mãe — e que nunca seriam internados — as senhoras ricas, no seu ostensivo e terrivel ar de protectoras, e sujeitos muito graves de casaca e farda — desses que faziam grandes discursos que eles não entendiam...

Para divertir aquela incomoda gente desconhecida, os pequenos fingiam de comicos, cantores e bailarinos, acabando sempre a festa pelo ramo de flôres oferecido ao ministro, e o hino do asilo cantado em côro...

Ah! a musica desse hino que embalara a sua juventude, quantas vezes a não cantara com soluços a estoirarem-lhe no peito, lagrimas na voz, e olhos exaustos de saudade!...

Quando iam pelas ruas da cidade, em policiados passeios, ou figuravam nas antipaticas formaturas para embelezar cortejos, com aquela rigidez solene que lhe ensinavam, e que era grilhão da sua mocidade — sem um sorriso alegrando seu rosto juvenil, sem um movimento a quebrar a cadencia do seu porte marcial — então, que inveja enorme ele sentia dos outros rapazes que, embora andrajosos e famintos, corriam como potros livres ao Sol, saboreando a vida e a Liberdade!

Ás vezes, sempre justo, reflectia se não teria sido muito peor sem o asilo. E se alguma vantagem reconhecia, porque não era ingratidão perversa o seu queixume, eternamente deplorava a mutilação da sua personalidade.

Doze anos estivera sequestrado. Quando um dia lhe disseram que estava pronto, e sentiu fecharem-se nas suas costas as portas do asilo, encontrou-se sem entender o mundo, sem saber olhar a vida, os passos presos pela timidez — assim como pequena ave enamorada do Infinito, mas d'azas encolhidas, sem poder voar...

Deslumbramentos de luz, ansias de ideal, sêdes de amor, rolavam como vagalhões dentro do seu sangue, em violencias desensofridas. Tudo isso, porém, era excesso cerebral, e ele permanecia como um neofito ante a grande catedral da vida!...

*

* *

Uma vez — depois de muito pensar e reflectir, depois de estudar em livros, de estudar em si proprio e na natureza — Miguel resolveu, duma vez para sempre, que não mais seria assim: tristezas, renuncias, melancolias, a tudo considerou flôres mortas, e lembrou-se de que a Vontade era o mais belo capitulo do grande livro da vida.

Assim como a Sciencia, pela reflexão, pelo exame, pela experiencia, ia fazendo o reconhecimento da constituição material dos mundos, ruindo a mentira das divindades, e englobando as superstições nos capitulos da ignorancia, da conveniencia ou dos sentimentos doentios, tambem o homem podia apagar as sombras que muitas vezes escureciam a sua vida, cobrindo-lhe com negros veus a porta da Ventura.

Trabalho, Liberdade e Amôr! — Foi ante este humano triptico que ele sentiu o transfigurante milagre da sua vontade, relegando a superstição fatalista de morbidas tristezas para o vulgacho inferior.

Fez uso da inteligencia. Nas horas de trabalho, austeramente, preparou a conquista dos seus direitos, da sua independencia. Nos dias de perigo soube sacrificar-se, a tempo, pela liberdade dos camaradas seus irmãos. Nos doces momentos de repouso não lhe faltou o ninho de amôr no côrpo duma amante. E conheceu dos almejados beijos, odorosos como os perfumados vinhos dôces, que noutros tempos embriagavam os deuses e os heroes...

Ás vezes, como que a querer indagar da sua fôrça, aparecia a velha sombra e levava-o, só um instante, atravez do parque roxo das penumbras, das saudades, das fôlhas mortas...

Mas ele lembrava-se do sortilegico poder da sua vontade, e logo compunha um riso alegre, juvenil e são, do homem decidido a ser feliz.

Daquelas timidas e vagas aventuras, em melancolicas noites perdidas nos cafés, não mais pensou. Viveu resolutamente as nervosas horas crispadas de revoltas e triunfos,

sentindo borbulhar a beleza forte do marulhar da vida. Frequentou passeios, teatros, diversões, e conheceu mulheres, teve amores, engrinaldando de belos sonhos a sua mocidade.

*

* *

Uma noite, apoz louca rapaziada esturdia numa velada de mascaras, veio ter-lhe à mão um par que o intrigou, falando-lhe de coisas intimas do seu passado. Num intervalo do baile, em afastado recanto, graciosamente ela arrancou a mascarilha, e gritou-lhe a rir:

— Mas és tu?! Mas estás melhor?!...

Córou levemente — era a sua primeira e platonica aventura do Café... Aquela que fôra o seu primeiro amôr...

Conversaram serenamente, inteligentemente, e madrugada sairam abraçados. No outro dia de tarde, no seu quarto de rapaz, ela acordou nos braços dele, a encher-lhe a bôca de beijos...

— Supunha-te perdido, meu querido amôr! — dizia-lhe ela, comovida, ingenuamente encantada...

Carinhosamente, interessado, ele quiz saber da sua vida.

— Não m'o preguntes! Sabes lá que tristeza!...

— Mas porque não começas uma nova vida?! — Deves ter familia, os teus amigos, a tua terra!...

— Nem terra, nem amigos, nem familia! Já não tenho ninguem!...

E depois de enxugar uma lagrima, num triste sorriso resignado:

— Desde pequenina fiquei só no mundo. Sabes, eu fui creada num Asilo!...

— O quê! Tambem tu?!... — Oh! minha linda, minha triste desgraçada!...

PALHAÇOS

Como vieste dar aqui, Tonica?! Onde é a tua terra?!...

— Fica longe, lá muito longe... — Olha, atravessam-se muitos campos, muitas serras, aparece o mar, e só depois se vê a minha aldeia, a minha terra...

— Porque a deixaste e vieste, Tonica?!

— Ora! Porque sim!....

O pequeno *faz-tudo* pendeu a cabeça, silencioso, e ficou-se melancolicamente, de olhos absôrtos, como que debruçado sobre a visão da paisagem floril, onde a sua juventude despertara.

Irmão mais velho, naquela boemia humilde de artistas vagabundos, o velho palhaço, interessado pela historia do pequeno companheiro, continuou:

— Mas tens saudades, an?!

O outro fez que sim, com a cabeça, e contou, de olhos maguados:

— Tinha doze anos quando de lá abalei.

Meu pae morrera, e minha mãe batia. Duma vez vieram os palhaços, que trabalharam muito tempo na praça. Eu tocava tambôr, porque gostava deles. Quando se foram, vim acompanha-los, andando pela estrada fóra, andando tanto, que quando me *alembrei* a aldeia ficava longe, e já caía a noute...

— E a tua mãe?!

— Sei lá!...

Fez um gesto com os ombros — como se coisa alguma impressionasse a sua precocidade — e cairam no silencio quebrado apenas pelos sons roufenhos que ali perto, na feira, soltavam os realejos.

O velho, depois de enrolar entre os dedos tremulos a mortalha com tabaco, passou a onça ao Tonica, que tambem fez seu cigarro, e ali ficaram os dois assentados detraz da barraca do circo, lançando ao ar pequenos rolos de fumo, de olhos dormentes sôbre a larga planicie...

Luciano, velho palhaço, desdentado, calvo, magrizela, era apenas o fantasma daquele agilissimo e esbelto acrobata doutras horas.

E pensava que breve viria o momento em que o lançariam à margem, como jumento sarnoso, sem, ao menos, o tiro de misericordia!

Ele bem o sentia, quási reduzido à função de creado, quando os rapazes lhe chamavam «ti Luciano.» Por isso, a pensar na miséria, a sua voz de falsete tenia como moeda falsa, e o seu riso de palhaço já não fazia rir a multidão!...

De mais a mais, aquela doidice de se haver juntado a moça nova, que parecia desfazer-se em filhos!...

Subito, seus pensamentos foram interrompidos por uma voz de trovão — era o anão que, enfiando a cabeça enorme, peluda, terrosa, por um rasgão da barraca, escancarava a bocarra na gracinha do costume:

— «Sou feio !!!...»

— Um raio que te parta! — resmungou Luciano.

O anão, num riso medonho, fazendo luzir grandes olhos amarelos e oleosos, escancarou outra vez a bôca, reclamando luz.

O director da Companhia, com um saguisito ao ombro, passou correndo e foi lembrando, amavel:

— Luciano, mexe-te! Tonica, toca a vestir... Vamos a isto... São horas, são horas...

Por entre as rasgas da barraca, viam-se correndo para os seus camarins de lona e chita, jovens ginastas de dois sexos, que

se vestiam em promiscuidade. No tablado da entrada, onde soava o cornetim e tambôr, uma palhaça morena, passeando seminua no seu *maillot* lilaz, fazia olhos dôces e meneios de cobra, deixando devorar a inquieta plastica pelos olhos famintos da multidão. Mais alem, uma *ecuyére* loira, de boné a *jockey*, ares desdenhosos de duqueza em decadencia, aguardava seu numero, deixando-se conquistar por jovem clarim. E, emquanto se experimentavam arames, cordas de trapezios e argolas, o *faz-tudo* Tonica acabava-se de pintar, e Luciano — coxeando, de rabona a rojo, fingindo-se alegre, à frente de ruidoso bando de palhaços — vinha com momices para o publico entrar...

No vasto arraial da feira principiara a cair, docemente, a ultima luz da tarde. Havia restos de Sol, como laivos de oiro, scintilando nas louças de barro vermelho, quinquelharias e metaes. Cheirava a feno, a fruta, a vinho. E pelas estradas e veredas, envolta em nuvens de poeira, começara a vagarosa debandada de tendeiros e feirantes...

Já noite, à frente das barracas, onde fumejavam tôscos candieiros com morrões, juntava-se pôvo embasbacado. E entre a atroada dos apitos, gaitas e campainhas, descargas

nas barracas de tiro, pregoeiros de leilões, arrastavam-se tristes, estafadas, as velhas árias nos realejos das vistas e figuras de cêra...

No tablado do circo agora exibia-se, em alegre algazarra, toda a Companhia — filarmonica infernal, mulheres de pernas nuas, ginastas imberbes, o repelente anão de chapéu alto, e o estropeado Luciano, de grande colete verde e comicos colarinhos, automaticamente a gritar em falsete:

— Entrar, senhores, entrar!... A ver, a ver, a ver!!!...

Á porta duma venda, rodeado da multidão indiferente aos palhaços, um velho cego muito alto, rosto esbranquiçado e orbitas vazias, guiado por mocinha loira, as mãos magras perdidas nas cordas do violão, cantava, em decimas, um romance da guerra. E no seu ar profetico e modo de trovar havia sabôr antigo — um vago fatalismo de cantôr de xacaras...

*

* *

Correram mais algumas feiras. Numa destas, em Moura, o velho palhaço, para substituir um companheiro doente, e querendo mostrar agilidade, propoz-se realisar certa

sorte de arriscado equilibrio. Ao executar tal numero, faltaram-lhe as forças, desfez-se a piramide de cadeiras, e ele resvalou no circo, com os ossos num feixe, entre apupos e gargalhadas.

Levaram-no ao cólo para a estalajem, onde só o Tonica o foi ver. Passado tempo, quando se ergueu do leito, já a Companhia ia longe. Tinham abalado, deixando-o só e doente, com mulher e dois filhos...

— Que iria agora fazer?! Assim velho, esfrangalhado, nenhuma Companhia o quereria para palhaço!...

Depois de curtir muita fóme, ofereceu-se para creado, policia ou aguadeiro. Todos se riram da sua pretenção...

Ensaiou diversos misteres: foi contínuo, vendeu cautelas, quiz ser barbeiro, apregoou jornaes, pensou em trastear...

Ninguem o tomava a sério. A vida de palhaço pobre deixara grotescos vestigios, e as palavras chocarreiras, e o andar de acrobata, não eram bôa apresentação...

Mesmo a falar de miséria e da fóme dos seus filhos, parecia dar vontade de rir — lembrava alguem que, a estoirar de soluços, escondesse a sua tragedia em burlesca mascara de entrudo...

Porque ha sempre quem brinque com a dôr alheia, um dia vieram oferecer-lhe emprego — era no cemiterio... e o lugar de enterradôr...

Quási rendido pela fóme, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterradôr — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemiterios só aceitaria o lugar de defunto...

*

* *

Ergueu-se uma manhã muito cedo, largou a estalajem, poz aos ombros a trouxa com farrapos, as cordas e arames dos seus tempos de circo, e abalou a pé, com a familia, estrada fóra — misérrima, esfomeada caravana sem destino...

A' primeira terra onde chegou fez-se anunciar com letreiros pelas esquinas — *Luciano, o celebre palhaço Luciano* — e deu espectaculo de sensação.

Semanas, mezes, anos seguidos, errou nessa peregrinação, em longas caminhadas, dando funções em lugarejos, vilas e aldeias, para que os seus filhos tivessem de comer.

Uma noite, na velha praça do Alandroal, junto de tôsco trapezio armado, Luciano, velho e doente, já parecia um esqueleto a rufar desesperadamente num tambor...

Para juntar a multidão tardia e entreter os impacientes espectadores, a mulher, andrajosa, trapenta e esfomeada, com uma creança pendurada das mamas murchas, veio cantar velha cançoneta obscena...

Rufado mais uma vez o tambôr, o faminto palhaço, descalço, de calças de cotim, amarinhou pelas cordas e suspendeu-se là em cima no trapezio, demorando-se a cabriolar em sortes conhecidas.

Aquele acto nocturno—com rufos de tambôr rompendo um silencio aldeão, e a fumarenta luz do morrão de petroleo a torcer-se á ventania, projectando sombras da populaça nos muros negros do castelo — tinha laivos sinistros de execução medieva...

E o homem, lá em cima, entre duas traves, balouçando-se nas cordas, torcido a dansar, em vez de palhaço lembrava um condenado á forca, perneando sobre o patibulo...

Soaram palmas, o môço veio fazer o peditorio, e outra vez a mulher cantou a cançoneta, para seguir um numero de sensação.

Agora, o velho palhaço esfarrapado veio

deitar-se de papo para o ar, num velho capacho apodrecido. Sobre o peito colocaram-lhe enorme pedregulho, que o filho mais velho teria de quebrar, ali, a golpes de marrão.

Soou uma, duas pancadas, depois muitas mais pancadas, cujo som cavo se repetia em eco lugubre na silenciosa praça. Mas a maldita pedra não partia.

— «Com mais força!» — gritou um dos espectadores, entusiasmado, emquanto outros davam assobios quadrados, escarnecendo em gargalhadas...

— «Com mais fôrça, rapaz!» — mandou o velho Luciano, ageitando melhor a pedra sôbre o peito magro.

— «Uma!... Duas!»... — ia contando o filho, a suar, a cuspir nas mãos, e o braço já cansado...

Á terceira, o marrão zuniu, a pedra fez-se em lascas, e o palhaço rolou para o lado, lançando da bôca golfadas vermelhas... A multidão aplaudia.

— «Malandro, estava bebado!» — disse um, indicando o vomito. Entretanto seguia nôvo peditorio, e a mulher cantava, entre vaias e chufas, com o filhito atravessado nos quadris...

Debandado o povo e contada a magra recei-

ta, quando se dirigiam para a pousada, com o mísero aparato, ela reparou que o homem permanecia deitado.

—«Eh! Luciano! — Vá daí!...»

Como se não erguesse, veio por ele, encontrando-o de bôrco numa poça de sangue, já muito alvo e sem poder falar...

*

* *

Dois dias e duas noites jazeu na enxerga do hospital, acarrado à febre, num estranho delirio que povoava os seus ultimos momentos de felizes imagens e ilusões.

Dir-se hia que o Destino, trazendo-o aos baldões, mostrando-lhe só de longe as coisas belas da Vida, recusando realisações ao seu sonho de boemio, dando-lhe um ridiculo epilogo de miséria e fóme, vinha, agora, arrependido, doirar a sua ultima hora num deslumbramento suave.

O peito arfava-lhe em violentas extremeções. Os labios moviam-se soltando confusas palavras e sorrisos. E os olhos inundavam-se de extranha luz, procurando reter fantasticas senas, emquanto as mãos corriam atraz das lindas formas e figuras que vinham florir e

refrescar com rosas de sonho a sua febril imaginação...

As noites gloriosas de circo, amotimnadas de côr e som, com musicas estranhas que recordavam distantes países, dansas exoticas e boemias, orquestras de zingaros e fanfarras de etiopes, o bailado dos romanticos *pierrots*, cavalos prateados montados por amazonas loiras, os intermezzos com palidos *clowns*, as troupes acrobaticas de salteadores japoneses e arabes, gritando como no deserto, e os lutadores negros, belos como estatuas — tudo isto, que passava em transluzente ronda, o aturdìa e deliciava...

Ah! como ele sentia reviver esses momentos, de cegueira e paixão, da sua primeira juventude, e de tudo se lembrava! O trio maravilhoso dos ginastas, de que fizera parte, vestido de lhama e seda azul; Mister Jack, o que se equilibrava num enorme glôbo, e se dizia *lord;* Ferdinando, o moreno italiano, que dera uma queda de morte, e aquele domador armenio, côr de tamara, que fôra rasgado por panteras...

Sobre todos, porem, não podia esquecer a bela *mademoiselle* Ruth, com quem trabalhara, e que fôra a sua primeira amante...

«*Mademoiselle* Ruth!... Ele teria, então, os

seus dezoito anos, e ela quasi trinta. Era loira, elegante, gentil — e que pele mimosa, e que braços lindos! Trabalhavam juntos, como camaradas, e como ela quiz, tambem foram amantes!...

«*Mademoiselle* Ruth! *Mademoiselle* Ruth!...

Lembrava-se muito bem do seu fim, certa noite em que no trapezio, junto á cupula altissima, ela fazia equilibrio arriscado. O publico, opresso, aflito, seguia a sorte, mal contendo a respiração, enquanto no enorme silencio soava uma valsa triste, levemente tocada em surdina nos violinos. Rompendo a penumbra da sala, um fóco de luz doirada aureolava o pequeno trapezio onde, com levezas de flôr, vestida de seda branca, graciosamente ela se balouçava, tranquila, lendo *magazines,* sorvendo *champagne,* fumando cigarrilhas...

«Em baixo, esticando a corda, ele seguia-a com os olhos, aguardando numa angustiada ansiedade...

«De repente soou agudo grito, e a taça de cristal rolou do alto, quebrando-se em estilhaços...

— *Mademoiselle* Ruth!!!

«Toda a gente cerrara os olhos, e o enorme grito passara numa convulsa rajada de terror e aflição...

«Despenhando-se do alto, viera tombar morta no circo, quedando-se, esmagada e disforme, como linda boneca mutilada...»

Parece que esta tragedia, evocada em delirio, mais o oprimia. As descarnadas mãos moviam-se, agora, como que afastando sombras, e na curva arroxeada dos olhos e da bôca pairava a expressão convulsa dum intimo chôro.

Depois, o sonho continuara: passaram mais ginastas, *clowns* empoados vestidos de veludo, farandula interminavel de palhaços, atletas, funambulos, arlequins, animaes estranhos de liliputeana graça, tigres amansados, ursos e gigantes, ventriloquos exoticos, excentricos musicos, nervosos bailarinos — e não tinha fim esse tropel que o palhaço seguia encantado, recordando pantomimas e aventuras, entrando ele proprio, vestido de lhama rica e sedas bizarras, nessa acrobatica ronda, que tam tarde o conduzia, triunfal, às belas cidades que ele sonhara!...

*

* *

Uma noite, o enfermeiro acordou, aterrado, aos atroantes e roucos gritos do palhaço.

Veio encontra-lo de pé, a tremer sobre o

leito — os musculos retezados, os ossos rompendo a pele, olhos escancarados numa expressão de doido, gritando a toda a força, numa voz cava de agonia.

— «Entrar, entrar, senhores!... A ver o grande e ultimo espectaculo — a ver, a ver!...»

Ninguem entrou, a não ser a madrugada, muito de mansinho, com seus passitos cor de rosa, sua lampada de oiro derramando suave luz na ultima função do palhaço mesquinho.

Lá fóra, na praça, a brisa da manhã brincava nas cordas do trapezio — aquelas cordas donde se balouçam os torcidos corpos dos palhaços e dos enforcados, e que, indiferentemente, pendem das traves dum trapezio ou dum patibulo...

O MESQUITA

TÁ?!... Tá, lá!... Daqui o Mesquita. Sim, o Mesquita!...—E' o Senhor Ministro?!... Ah! O Senhor Secretário!—Mas é a mesma coisa... perfeitamente...

—?!...

—Muito agradecido a V. Ex.ª—E' que me esqueceu pequeno detalhe para a noticia, e desejava que mandassem informar...

—?!...

—Apenas para saber quantos pares, ao certo, dansaram a quadrilha de honra, e de que côr era o vestido da Senhora Ministra do Chile...

Curvado sôbre o telefone, o Mesquita ouvia atento, tomava apontamentos, e ia agradecendo, entusiasmado.

—Muito obrigado a V. Ex.ª, muito obrigado.—Negro com aplicações de prata...—muito obrigado...—Outra coisa: o sr. Embaixador tinha na lapela a fita roxa de São Tiago, não era?!...

Após resposta afirmativa, largava o auscul-

tador, ainda curvado em ar de cerimonia, como se, pessoalmente, estivesse falando com altas personagens. Depois, atarefado, corria para a carteira, a completar a noticia da grande recepção, sorrindo satisfeito — apesar de serem cinco horas da tarde e não ter nesse dia almoçado...

De resto, era sempre assim o pobre Mesquita!

Estou a vê-lo, muito alto e magro, metido no fraque antigo dum negro esverdeado, os bocaes das mangas já roidos; ao pescôço o lenço branco pregado, em forma de manta, com alfinete feito dum tostão em prata de D. Pedro V; e umas botas, de saltos elasticos, cambadas e pobresinhas!...

Tinha o ar resignado, e um olhar dôce. E todo ele muito honrado, muito leal, muito grande na sua miséria — esse desgraçado Mesquita!

Em dias de grande recepção diplomatica não parava, nem deixava o telefone, para que a sua noticia, a noticia do seu jornal, fôsse a melhor, a mais completa, sempre orgulhoso do perfeito desempenho da sua função...

— «Você, Mesquita, ha de ganhar muito, deixe estar que os chefes reconhecem mesmo

isso» — diziam-lhe os mais novos, aborrecidos porque tal atitude os obrigava a trabalhar.

E ele, quasi ofendido, corando levemente, apesar dos seus cabelos brancos, retorquía:

— Mas é a minha obrigação... só a obrigação!... Pagam para eu trabalhar...

E desentranhava-se em nomes, organisando completa lista pela ordem das jerarquias, nada escapando, desde a marca dos automoveis, das fardas e librés de creados ou porteiros, ao feitio, qualidade e côr das *toilettes* dos mais distintos convidados.

*

* *

O seu forte, mesmo, era a descrição das fardas, o ouro scintilante dos bordados, as fitas e o fino esmalte das constelações. Como nenhum outro, ele sabia colocar — entre as rendas de seda e oiro da Senhora Embaixatriz e a elegante casaca negra, onde sangrava a Legião d'Honra, do ministro dos Estrangeiros — a purpura do Nuncio Apostolico, em cujo peito se constelavam raras veneras, como a britanica Estrela das Indias, ovalada de oiro, suspensa da fita azul; a Ordem da Rosa, rutilante estrela de seis pontas cercadas por pequeninas

rosas rubras e encimada pela corôa imperial do Brazil; as cruzes verde e vermelha de Alcantara e Calatrava; o cisne branco da Prussia, de azas desdobradas sôbre oiro; e a famosa Ordem de Cristo, da Santa Sé, pequena cruz de rubis sôb fino esmalte branco, e a cercadura doirada suspensa de fita vermelha...

Sabia bem disto, esse pobre jornalista. E quantas vezes—monstruosa ironia!...—ele teve cuidados de esmero e relevo, apurando as minuciosas notícias sôbre a heraldica e titulos dessa fauna representativa da igreja e da diplomacia, minado de desgôstos e fóme...

Nas grandes recepções e festas de mundanismo, esses bailes onde se rojavam as sêdas, as rendas, e as paredes espelhadas reflectiam milhares de figuras hieraticas, peitos enlaçados por faixas, bandas, e colares de pedraria e oiro—e nos banquetes diplomaticos realisados em salões opulentos, onde uns sujeitos muito graves e muito inuteis davam a direita a magnificas mulheres decotadas—nesse ambiente estonteador pelo arôma dos perfumes e das raras flôres, scintilante de baixelas de prata, de licôres e vinhos velhos doirados tremeluzindo em preciosos cristaes—là estava o Mesquita, em qualquer ante-

-camara, voluntariamente escondido entre as dobras dos damascos e veludos...

Instalava-se á parte, espreitando e tomando notas, pudicamente de olhos afastados dos loiros assados, dos môlhos saborosos, dos aromaticos pudins, dos dôces complicados e frutas mimosas, das mil delicadas iguarias que jovens creados, vestindo meias de seda e ricas fardas, transportavam, andando nos bicos dos pés sôbre fôfos tapetes orientaes, por entre acordes suaves das mais raras partituras de Saint-Saens, Ravel e Debussy.

E no outro dia, lá vinha a cuidadosa reportagem da assistencia — os altos funcionarios civis e militares, as duquesas, condessas e ministras, os embaixadores e plenipotenciarios, com suas fardas, medalhas e gran-cruzes descritas a rigôr.

Era, então, de ver a minucia descritiva com que ele se embrenhava no labirinto das condecorações. Citava a fita vermelha da Legião de Honra, a estrela branca com espigas de ouro do Merito Agricola, e as palmas academicas suspensas da fita rôxa, tão usadas pelos franceses; a lendaria Ordem da Jarreteira, a cruz branca de Malta rodeada de pequenos leões de oiro da Ordem do Banho, as comendas de S. Miguel e S. Jorge que dão

direito ao tratamento de *sire*, e a grande placa vermelha esmaltada a verde, encimada pela corôa do Imperio das Indias; a cruz de ferro da Austria, com suas aguias coroadas de oiro, sôb fita vermelha; a cruz de Malta, de Bade, e a Ordem da Fidelidade, a vermelho e oiro, com fitas amarelas; o Leão do Palatinado, da Baviera, cruz azul e oiro, leão ao centro, suspenso de fita negra; a cruz do Sul, brazileira, coroada de oiro, enlaçada em seda azul; a Ordem do Elefante Branco da Dinamarca; as cruzes de S. Fernando e de Isabel a Catolica, e o Leão de Ouro de Espanha, presos às côres nacionaes; a cruz civil de Saboia, azul, arruivada de oiro, e a de Constantino de Italia, rubra, num esplendor dourado. E mais, ainda: o Leão de Oiro do Condado de Hesse; o Sol Levante do Japão; a Estrela Negra de Porto Novo; as aguias vermelha e negra da Prussia; a Cruz de Santo André e a Águia Branca da Russia; o Falcão de Saxe; a Estrela Polar, com fitas negras, e o Elefante Branco do Sião.

Emfim, era um nunca acabar essas descrições que ele fazia maravilhosamente, algumas vezes apoiado na historia. Investigara tudo isso, desde os tempos remotos em que os Faraòs do Egipto jà usavam simbolicos co-

lares feitos de pequenos troféus, simbolicos leões e moscas doiradas, até aos gregos e romanos, com suas comendas de remeniscencia barbara, escudos cravejados de luzente pedraria, corôas de róble mirto e louro — e daí até aos nossos dias, onde o genio e a heroicidade tantas vezes zombam dessas ninharias, não precisando que o vermelho de Cristo, o verde de Aviz, ou o rôxo de São Tiago sejam pregão de merito e bravura — talvez porque sabem que muito heroi obscuro, simples, modesto, de alma generosa e grande coração, se queda môrto ou ignorado sem jamais haver cingido ao peito qualquer *fourragére* de seda e agulhetas de oiro!...

*

* *

Pois o Mesquita elevava á loucura os pormenores da sua profissão. Estavam ali quasi quarenta anos honrados, ardidos nessa fornalha que atrae a mocidade — tôda uma vida perdida na tarefa ingloria do mais obscuro jornalismo!

Aos vinte e cinco anos viera até Lisbôa, com tres cartas, um volumoso manuscrito de versos, a bôlsa vasia e uma carrada de ilusões.

As duas primeiras cartas, para politicos, não deram resultado. A terceira abriu-lhe as portas do «*Universo*» que era, ao tempo, o jornal maior.

Sousa Aranha, o director da gazeta, recebera-o com desconfianças, medindo-o de alto a baixo, emquanto inquiria das suas aptidões, a pedir qualquer prova. E como o ingenuo Mesquita desdobrasse o manuscrito...

— Oh! homem!... Tire para lá os versos! Você que supõe?!... Que ideia faz você do leitor?!...

Atarantado e vermelho, chapeu a rolar-lhe nos dedos, o olhar muito triste, já ia retirar-se, com desculpas, quando o outro mais amavel... menos cruel...

— Está bem, oiça. Ficará para as noticias da rua, como outros, a experimentar. E vamos a ver o que dá...

— «As noticias da rua?!...» — pensava, intimamente, aterrado...

Por mais que lho explicassem, não as compreendia. Jámais as entendeu em toda a sua vida, sem saber medir o grande papel que, na creação dum publico, representava essa substanciosa e indispensavel empada da culinaria jornalistica...

— Afinal, você não nasceu para isto. Ainda

não conheço o seu talento! — disse-lhe, um dia, bruscamente, o Sousa Aranha.

«Bem, agora temos aí uma vaga para o noticiario dos consulados e legações. Vamos ver, então, e ganha dez mil reis.»

Correndo como um gamo, feliz como se houvesse escalado o Olimpo, escreveu para a terra e lançou-se à nova faina. De principio só escrevia asneiras com gramatica, coisas espantosas e empoladas, de estoirar a rir. Mas entrou a estudar, tomou tento no que os outros faziam, poz no caso os seus cinco sentidos, e um dia veio em que, afinal, as suas noticias já não sofreram emendas, chegando a escrevê-las com rara perfeição.

Sousa Aranha, recomendado por um amigo da provincia, mandou-o chamar, dando-lhe elogios e mais seis mil reis...

Mesquita, ingénuo e contente, foi num pulo à terra. Casou, sumariamente, com a sua unica namorada, e vieram morar para Lisbôa, numa linda casinha pobre, na Costa do Castelo.

Longe da intriga, estranho às ambições, respeitando chefes, amigo dos camaradas, levava uma vida de justo. As horas vagas, aproveitava-as para leccionar num colegio, dando todo o outro tempo aos cuidados da sua profissão.

Lidava com viscondes, ministros, principes, altos funcionaríos — todas essas aves raras de plumagem rica que esvoaçam nos dourados poleiros dos ministerios, legações e embaixadas. Mas, sem lhes faltar com a cerimoniosa cortezia, jamais solicitou benesse ou mendigara graças.

Demais sabia ele que essa gente de tom e de prosapia, que morre por ser falada nos jornaes, é prodiga nas suas dadivas ao topar guloso ou môço de fretes que no jornalismo ande por engano, corrompendo-os com miseraveis favores...

Mas era rico dum orgulho humilde. E a sua pobreza, embora mal jantado, a nada se rendia, a não ser aos cuidados de fazê-la honrada.

Tinha, talvez, excessivo amôr ao jornal. No intimo, vaidade ingénua — por mais que a mulher lhe dissesse ser molestia, uma tal dedicação que não dava para almoçar todos os dias...

*

* *

Duma vez o director mandou chama-lo e, depois de grandes rodeios, fez-lhe esta proposta:

— Como você ganha pouco, Mesquita, tenho aqui um serviçosinho particular, bem pago, que podia fazer em casa, aos serões... Coisa facil, dou-lhe todos os elementos. Precisa, apenas, um pouco de gramatica. E, como diz respeito a gente das legações, está na conta para você... Guarde segredo sôbre os informes da campanha...»

Levou a papelada, contente, e em casa esteve a ver...

Nessa noite já não dormiu. No outro dia não comeu. Mais outra noite perdida, e queixou-se, á mulher, do enxovalho. — «Uma infamia — entendes!? — Uma campanha torpissima por causa de negocios escuros, e contra gente de bem!...»

E encomendavam-lhe aquilo, por dinheiro, a ele, um homem honrado!... Assim abusavam da sua pobreza!...

Devolveu os apontamentos ao director, dizendo, timidamente, que não sabia fazer daquilo... Que não entendia...

— Pois não falta quem queira ganhar dinheiro, *tá bem*, Mesquita... — Dê para cá a papelada...

No fim do mez, sob insignificante pretexto, foi despedido, precisamente quando havia maior crise nos jornaes, e a fóme ameaçava.

A miséria entrou-lhe pela porta, mas a virtude não lhe saíu pela janela...

Depois de muitas voltas, deram-lhe cartas para uma Companhia de Seguros, onde foi admitido. Muito aprumado no seu aceio, dedicou-se a angariador. Nas primeiras casas a que bateu perdeu longas horas sem fazer nada. Olhavam-no dum modo, diziam-lhe taes palavras, que o faziam córar...

— Não tenho geito para tal!...

— Talvez a publicidade, agenciação de anuncios — lembrou-lhe um pobre amigo.

Ele lá foi a experimentar, pasta debaixo do braço, palavras delicadas, subindo novamente escadas, batendo escritórios, esperando ás portas...

— «Venha ámanhã» — dizia um...

— «Não interessa» — dizia outro, malcreadamente, fechando-lhe na cara a portinha do *guichet*.

— «O patrão agora não está aí» — dizia noutra parte, um empregado apresentavel, com ares de mentiroso...

E o Mesquita, corando a todas as respostas, como se andasse a premeditar um crime, ou fosse surpreendido a praticar mau acto, escoava-se como sombra, e desaparecia pelas ruas de menos concorrencia, para não mos-

trar o fato puído, as botas cambadas, o rôsto emagrecido.

Refugiava-se, então, como um cão corrido, na sua casa fria, e contava á bondosa companheira os seus queixumes...

Mas, como só do colegio lhe vinha magra receita, alguns mezes conheceu negra fóme, até que um camarada, condoído, conseguiu abrir-lhe as portas doutro jornal.

Passaram tempos, largos anos, e ele sumiu-se na simples e apagada vida dum modesto e anonimo jornalismo onde espirito e corpo foi extinguindo-se, como lenha seca, alimentando a grande fornalha...

*

* *

Um dia, já velho, morreu-lhe a companheira... Ficou como partido, a entristecer naquela fria solidão, tal qual um menino demente caído em orfandade...

Muito alto, muito branco, vergado e sombrio, as mãos tremulas, já quasi cegos os seus olhos azues, assim mesmo ainda fazia as noticias — mais vagaroso, mas com a mesma perfeição.

Sempre aceadinho, o eterno lenço branco

no pescoço, o fato esfiambrado, passava no seu sorriso humilde. Se lhe davam palavra, não se queixava da vida, encolhendo os ombros numa resignação muda...

— Cá vamos!... Cá vamos!...

E abalava, ás vezes com os olhos enevoados de tristeza, a si mesmo prometendo não mais se erguer do leito, até estalar de fóme. Tal a sua aparencia e magreza, que a moçada da rua, malcreada, advinhando-lhe o mau passadio, já ía, com grandes pedradas na porta, gritar-lhe indecentes chufas, inventando, até, que o pobre se sustentava a ratazanas...

Repentinamente, um dia, deixou de aparecer na redacção. Soube-se, mais tarde, que condoídos parentes da provincia o haviam recolhido por caridade, pondo termo áqueles ingloriosos e mal empregados quarenta anos de jornalismo honrado...

Aquele seu amado livro de versos, poema ingenuo, sonho lirico da sua juventude de poeta aldeão, amarelecera esquecido num armario, servindo de repasto ás traças...

Entretanto, no seu tempo, quanta vaidade lorpa, quanta inconsciencia alvar, quanta ignorancia atrevida, tinha trepado, esfomeada de falsa gloria, ao seu redór!...

Demais sabia ele de que especie era o talento de certos vencedores, e muito bem conhecia a elasticidade dos escrupulos daqueles *arrivistas*, sem crenças, sem ideaes, que levavam a vida agatanhando-se, intrigando-se, para melhor se aquecerem ao *sol nascente*, e fazendo da pena gazua para se atocharem de honras e proventos.

De mais os conhecia o Mesquita — aos que passavam atropelando tudo e todos, para chegarem *primeiro*, para chegarem *de qualquer modo*, para chegarem *sempre*...

E quanto mais os conhecia, sem invejar taes triunfos, mais se refugiava no seu isolamento, mais se mirava, orgulhosamente, na sua pobreza, na sua humildade — porque a humildade altiva era o seu unico paradoxo, o seu maior egoismo...

— Meu pobre Mesquita! — Planta tristonha e sombria! Quási um santo na sua resignação, quasi ridículo na sua humildade!...

Como haviam de compreender os espiritos grosseiros a sua alma delicada, se ele nada entendia desse arraial de interesses torpes, de ridículas subserviencias e vaidades!...

Mais do que nunca o evoco — pobresinho, simples, modesto, orgulhoso na sua humildade, escravo da sua profissão!

Sem saber viver para si, levou a vida a tratar da vaidade dos outros, naquelas suas cuidadas reportagens de fardas doiradas, de comendas flamantes, de títulos nobiliarquicos e honorificos, em que passavam ôcos ministros, estupidos conselheiros, inuteis bispos, viscondes e generaes...

O seu grande mal foi esquecer a sua miséria, tomando muito ao sério toda aquela burlesca farça da vida!

E tam generoso, tam ingénuo e desinteressado!

— Quere subir para o carro, Mesquita?...

— Quere almoçar, sr. Mesquita?...

E ele, logo muito corado, a gaguejar, como se lhe propuzessem uma má acção:

— Não posso aceitar! Agradecido a V. Ex.ª, senhor ministro... Agradeço imenso, senhor secretario...

E quantas vezes, estalando de fóme, morto de cansasso, e a ter de seguir á chuva, desagasalhado, a regelar de frio — o pobre, o honrado, o grande Mesquita!...

OS SACRIFICADOS

O soberbo arraial colmeado de milhões de homens parecia, aquela hora matinal, um desabitado ermo, em sossego tam calmo que se ouviria o mais leve esvoaçar de ave.

Velando armas, junto á trincheira, o môço soldado pensava... A linha do horizonte cerrava-se aos seus olhos, em tremula curva, nos longes nocturnos dum azul esvaido; e para as bandas do mar a lua, amarelada e doente, laivava de iluminuras de tocha a melancolia da hora.

E o jovem militar, esperto no seu *quarto de sentinela*, continuava pensando em que, para alem dessa curva que o errante olhar marcava, lhe ficara a terra querida onde fôra gente, onde sonhara e sofrera uma vida que era montão de saudades...

E, contudo, havia sido voluntario!...

A guerra — esse odioso enigma que o consumia em doidas cogitações — tinha-a ele

abraçado, voluntariamente, substituindo humanitarios principios pela falsa rasão dum momento. Já os cinzentos automatos do Kaiser manchavam de sombra as lindas terras da Flandres, ainda ele trovejava em imprecações antimilitaristas, vibrando, no seu anarquismo ideal, contra o incendio que lavrava no coração do mundo — esse vulcão de fôgo espumando lavas, abrazando a terra.

E' que ele sentia a onda de loucura a invadir o Universo, com tal ansia destruidora, tamanho delirio de aniquilamento, que tinha a impressão de que viria breve a hora em que até se violariam jazigos e escavariam sepulcros, para que os proprios mortos marchassem, á ordem de Torquemada, a oferecer os seus restos decompostos á onda insaciavel dos eternos Marios e Syllas, para maior gloria dos novos Cezares...

Emquanto estadistas e profissionaes de guerra, revestidos de retorica e condecorações, enchiam a bôca com a palavra «Patria», o povo entregava-se ao sacrificio, morrendo sem saber para quê, sem conhecer por quem...

Á hora em que os filhos da plébe tombavam ensanguentados, morrendo enterrados em lôdo e neve, alguns miseraveis, de garras

enclavinhadas na garganta do pôvo, roubavam covardemente... sinistramente... infartavelmente... pedindo aos seus deuses que a guerra fôsse eterna.

E ninguem defendia, apaixonadamente, esse pôvo! E ninguem vingava a plebe sacrificada!...

—«Porque se faziam—perguntava a si proprio — a quem aproveitavam as guerras?!

«Ele não podia compreender que a humanidade, dia a dia a conquistar, pelo esfôrço intelectual, as culminancias do maravilhoso, assombrando-se com descobertas scientificas, reduzisse toda a beleza da sua inteligencia a um instrumento de morte!

«Se os barbarismos do passado eram recordados com pavor, e condenados pelo espirito moderno das escolas racionalistas, como podiam repetir-se esses dramas em que os homens — turvados de inconsciencia, rasgando codigos de Fraternidade e Civilisação, excedendo as proprias feras — se resignavam a ser lançados à arena, a combater por mentirosas convenções!?

«Que estranho motor impelia essa desgraçada espécie para lutas inconscientes, inglorias, que nos faziam recuar aos primievos tempos de barbarismo oriental?!

«Onde residiam os humanistas, os filósofos, os apostolos das ideias novas?!

«Onde estavam todos os impulsores dos sentimentos queridos porque sofremos, a que nos amparamos?!

«Onde, tudo isso que representava milhares de anos duma cerebração universal?

«Sentimentos gravados a sangue, ideias sorvidas em lagrimas, por entre o convulso fragor de mil lutas—a filosofia do Cristianismo, a da Enciclopedia que gerara a declaração dos Direitos do Homem—para onde se ausentariam, que não lhes sentia a acção, e tudo proclamava a sua falencia mesquinha?!...

«Afinal, ele verificava que a bondade dos homens—ideal eterno que só habita nos palacios da Ilusão—era como aquela flôr de neve e oiro que vive nas misteriosas florestas indianas, mas só para as estrelas noctivagas, porque logo encerra no calix toda a sua beleza assim que nasce a luz do dia...

«As guerras—ele bem o sabia—haviam-nas feito, sempre, os fortes contra os fracos, movidos pelo instinto pirata de se engrandecer. E a humanidade, que consumia o tempo em puerilidades, servia hoje de vitima, àmanhã de instrumento, para que a ronda maldita prosseguisse, dando entusiasmo, queimando a vida

ao serviço de causas que lhe não interessavam, sem meditar em que o remedio estava na sua vontade!...

«Amarrados á fatalidade consumada, a que não sabiam desviar o rumo, alguns filósofos tentavam demonstrar, com subtis artificios, a necessidade das guerras, e chegavam a supôr uma verdade esse erro louco.

«Em vez de proclamarem a sua impotencia intelectual para refundir a Sociedade, creando-lhe Direito Puro que fosse impenetravel de hermeneuticas viciadas e subjectivismos impostores—e de confessarem que a guerra é sequencia das oligarquias, a justificação do despotismo, o remate das convenções egoistas de que vivem—inventaram que todas essas lutas regadas com precioso sangue, eram logicas, precisas e indispensaveis as leis da continuidade social! E á força de proclamarem taes monstruosidades, acreditavam em si proprios, sagrando-se infaliveis mentores, e orientando profeticamente a multidão que não raciocina de conta propria, ou que aumenta proventos e honrarias com o esplendor dessa mentira...

«E nem ao menos sentiam como a grandeza das catastrofes sociaes vinha rolando, impiedosa, sobre a sua ridicula nulidade...

«Se a guerra é a morte, a prostituição, o roubo, a violação, a miséria, o luto — a licença de todos os crimes que, em tempos de Paz, as leis finjem corrigir, aparentam evitar — como acreditar nas teorias dos partidarios e defensores da guerra!»

Todos estes pensamentos o môço soldado idealista cultivara no florido canteiro do seu Ideal. E aos seus labios afloraram das mais belas palavras de sagrada revolta, que eram como petalas de flôres de fôgo incendiando a multidão.

Mas surgiram dias de terriveis lutas, e a humanidade sangrava com as barbaridades germanicas. Trucidavam-se velhos e creanças, arrazavam-se jardins, bibliotecas, teatros, escolas e catedraes...

Disseram-lhe que a liberdade do mundo estava em perigo. E foi, então, que o moço anarquista, vendo correr lagrimas de revolta pela maior desgraça universal, se decidiu a ser, temporariamente, legionario contra essa Prussia embrutecida. Nos seus tremulos labios, como em urna de marmore, ele encerrou as suas palavras de Sonho, para as soltar quando voltasse, um dia...

Embora torturado pelo sacrifício da sua transigencia, ofereceu-se ao ministro da guer-

ra, disputando logares de perigo. Ao chegar a hora de partir foi, sem uma tremura de comoção, e sempre tam bom soldado como se não houvesse sido o mais ardente e leal antimilitarista.

Um triste sentimento, porém, logo toldou o seu nobre espirito. E' que em breve ele reconhecera, na reincidente ambição dos homens, que seria inutil o seu ingenuo sacrificio...

*

* *

Aquela noite estava quasi vencida. Já a estrela de alva tremeluzia anunciando o Sol. O môço anarquista continuava agitando saudades no tumultuar das suas lembranças.

Tam longe os campos vastos de trigaes doirados, razos de cinza! E o pão dos pobres, negro, duro, caro, sabendo a morte!

Flôres côr da neve, côr de rosa, côr do ceu, embebidas em sangue, orvalhadas de lagrimas!...

Arvores avoengas, de dôces sombras, morrendo á mingua de trato, tombando as ramarias para a terra, num grande ar de desalento!

Casinhas brancas, montes serranos que outrora, na sua alva pureza, esmaltavam a ver-

dura dos campos, agora negrejavam em ruinas, manchando de luto esses suburbios de longinqua paz onde floriram as mais lindas rosas bravas, e os rebanhos saboreavam ervas tenras, aguas mansas, num grande socego biblico.

Aldeias duma vida ingenua onde, em poentes calmosos, ecoavam as cantigas de pasto- e ceifeiras, eram agora campo razo de finados envoltos na paz dos cemiterios...

Môços do campo e da cidade abandonavam os lares. Lá iam, silenciosos, levando presos no coração e nos olhos os beijos que as mães e namoradas lhes davam á despedida — para quantos derradeira!...

«Até quando, meu amôr?!...»

E uma estranha voz segredava-lhes intimamente — «Para nunca mais! Para nunca mais!...»

Almas que haviam sonhado noivar, em breve, no colo de noiva ideal, outros o unico amparo duma mãe velhinha — todos partiam á ordem duma minoria de loucos...

Quantos voltariam?!...

Que alguns seria melhor não tornarem! Voltavam cegos, sem poder ver os olhitos azues dum filho pequenito e amado! Voltavam trucidados, heroicamente retalhados, como vi-

sões fantasticas, creações de tragedia antiga, macabros tipos de museu . . .

Tudo isto o môço antimilitarista revia, constantemente pensava . . .

Subito, no silencio da noite, ouviu passos abafados, cautelosos, de gente que se aproximava. Colou o ouvido e sentiu mais perto.

— Quem vem?! Quem vem?! . . .

Gritou mais vezes e, como ninguem respondesse, apontou a espingarda, atirando a esmo na direcção do ruido. Correu depois, e viu alguem procurando fugir. Galgou a distancia, correu mais e, desesperadamente, agarrou um vulto . . .

Mal se via. Um uniforme cinzento pareceu denunciar-lhe oficial alemão. Viu melhor, era efectivamente um joven oficial.

— V. é espião, entregue-me as suas armas e considére-se preso. Inutil resistir, está perto do posto . . .

O aprisionado explicou-se rapidamente: Não tinha armas, nem era espião, e não resistiria...

Uma extraordinaria surpresa colheu, então, o soldado. A' luz da madrugada reparou que se tratava duma mulher, evidentemente disfarçada, masculinisada pelo traje.

— Seja como fôr, V. tem de me acompanhar . . .

— Considero-me presa, mas, se V. tem coração, saiba que sou a condessa X . . . Estou na Cruz Vermelha alemã, e vim ao acampamento francês para conseguir ver um jovem oficial meu amante que, segundo informes, será fusilado logo. Não tenho armas, não sou espia, que ganharão os aliados com a minha morte?! . . . Sou apenas mulher, uma triste mulher . . .

O môço vacilára, mas lembrou-se do seu dever. Neste momento era um militar, sómente militar . . . Quasi ao entrar na linha, a mulher ajoelhou-se-lhe aos pés:

—Suplico-lhe que não me entregue. Já tenho um irmão em poder dos franceses, e possuo uma filhinha que adoro! Deixe-me fugir . . .

O môço soldado tremeu. Nos seus olhos passou, em tintas suaves, o perfil duma sua irmã pequenita. Lembrou-se que prégara a paz e o amôr. Recordou-se, especialmente, que tinha na sua frente uma pobre mulher . . .

Voltou-lhe as costas, alucinado, e, numa voz perturbada, deixando esvoaçar o coração, disse apenas:

— Fuja depressa! . . .

Era tempo. A manhã rompia preguiçosamente, e pelo vasto acampamento o sol luzia, chispando clarões nos metaes das armarias.

Trotavam ao largo matutinos cavaleiros. Davam-se ordens que soavam confusas, vagas. Colunas tremulas de fumo, subiam lentas, a beijar as nuvens.

A guarda veiu render o môço sentinela que, febril, junto à trincheira, procurava reter nos seus ouvidos o eco dos passos aventureiros, a perecerem na bruma albacenta...

*

* *

Passaram tempos. Havia terminado uma dessas soberbas jornadas de guerra em que os filhos da França, regando a terra de sangue, tinham recordado ao mundo que ainda eram descendentes dos bravos do Marengo e Austerlitz.

Os oficiaes abraçavam-se mudamente, e os môços soldados erguiam a alma da França nos canticos da Marselhesa...

Dir-se-hia que a aguia morta em Santa Helena ressurgia iluminando, com os seus olhos de sol, os campos do Marne.

Rasgava-se a estrada da vitoria — dessa victoria que seria uma ilusão a mais para tantos sacrificados...

Dentre os milhares de mortos e prisionei-

ros, ao môço anarquista coubera a sorte de cair em poder dos alemães—a quem irritou com a sua franca rebeldia.

Chamado ao promotor do conselho de guerra — não por alardear serviços, mas por achar estupido o morrer sem se dar todo à sua causa—invocou em sua defeza o facto de ter salvo, no acampamento, uma mulher alemã, a condessa X...

Em pleno conselho de guerra, veiu a condessa. Era a mesma—o môço sentiu-se ressuscitado.

Sem duvida, essa mulher iria salva-lo. Os seus olhares trocaram-se, fixaram-se imperturbavelmente...

A voz do juiz soou, forte, agressiva:

—Conhece este homem, condessa?...

E ela, sempre imperturbavel, avançando mais, fixando o môço num olhar claro de miope, dèscerrou a bôca, num sôpro de gelo...

—Não, não conheço. Realmente nunca vi este homem. Nunca o poderia ver...

E retirou, imperturbavel, fria, loira...

O môço empalideceu. Uma comoção intima feria-o tanto na sua alma, que nem já ouviu a voz do juiz, fórte, mecanica, a proclamar, entre baionetas luzentes e dragonas doiradas, a sua sentença de morte...

AQUELE HOMEM DO CAFÉ

TODAS as tardes, pelas cinco horas, encontrava aquele estranho homem, sempre sentado à mesma mesa, no «Café Central».

Era esquisito o seu rôsto, dum velino desbotado, onde as longas vigilias sulcavam em devastação. E sôb a ampla testa, nas orbitas fundas, os seus olhos, como bichos acossados, chispavam clarões, parecendo espreitar...

Se a pianista tocava, seguindo-lhe os movimentos, o seu inquieto rôsto adoçava a expressão, como se advinhasse a partitura. E nos intervalos da musica, levando o calice à bôca, saboreava alcool, depois de inquirir com a vista se alguem estaria a olhar...

Era assim todos os dias. Passava as tardes sem comer, e á noute, só depois da pianista descer a tampa do piano, é que se erguia. Pagava, então, a despeza; levantava a góla do casaco e corria rapidamente por entre as

outras mesas, desconfiado como se fôra um ladrão, e misterioso como as sombras...

Curiosa estampa de noctivago, a sua fisionomia evocava a macabra ideia da morte — especie dum modelo de Holbein ou Brueghel, escapado à forca ou ao suicidio...

Ao mesmo tempo, nessa magra figura donde parecia soltar-se ruido do cascalhar dos ossos, na sua fisionomia de caveira forrada a pergaminho, naquelas mãos de alcoolico, já harpejando em delirio, prendia-se um misterio que apetecia desvendar. Emanava dele qualquer coisa de intima, de longiqua ternura, assim como veio de cristalina agua perdido entre bravos silvedos ou ruinas...

Uma tarde, quasi à noitinha, pé ante pé, fui sentar-me numa mesa vaga, ao pé da sua. Distraido, ele corria os olhos loucos pelo teclado onde rolavam as mãos da pianista, nos ultimos acordes duma rapsodia de Brahms.

Toda a sala aplaudiu. Ele ficou-se largo tempo absorvido, tambem a dar palmas, numa sinceridade infantil...

Ao dar com os seus olhos nos meus, pareceu contrariado, esboçando movimento para sair. Deu algumas voltas na cadeira, mas logo

acalmou porque eu disfarcei na leitura dum jornal, deixando-o beber tranquilamente.

A pianista — grande artista perdida no boemio tumultuar dos Cafés — depois duma valsa ligeira, que não interrompera conversações, atacou os compassos de certa composição classica...

Era uma musica dulcissima que ela trabalhava delicadamente, desenhando a sensibilidade mistica do genio musical do Norte, pondo toda a sua estranha psicologia pessoal na interpretação suave.

Quando acabou, nova revoada de palmas veio quebrar o religioso silencio que se fizera ao redor.

O misterioso homem, como que perdido e alucinado sôb a impressão da partitura, dirigiu-se-me num quasi simpatico olhar de doido:

— É Bach, não é?!...

— Bach, talvez a sua mais bela serenata — respondi.

— Tal qual, exactamente o mesmo, tocava a minha filha!...

E ditas taes palavras, dum estranho modo, tombou na mais dolorosa melancolia.

Tentei aproveitar o tema, para lhe arrancar impressões, mas vi-o levantar-se, aflito,

como que arrependido de se me dirigir, e desaparecer pela porta — a mesma louca sombra, receosamente a olhar para traz, sempre a correr... a correr...

*

* *

Passaram dias, mezes, desse inverno triste. Á mesma hora ele vinha e assentava-se, sempre, em frente à pianista.

Á força de me ver, de me ouvir conversar sôbre musica, ganhei-lhe a confiança, e uma vez consentiu em falar.

— O senhor sempre pontual no Café?...

— A musica — sabe!? — a musica do piano traz-me aqui... E tambem gosto dos Cafés, cada um tem sua vida propria, uma especial fisionomia!...

E, depois dum grande silencio, continuou:

— Pois eu conheço todos os Cafés... todos os Cafés...

As palavras saiam-lhe sêcas, repetidas, desligadas umas das outras, num estranho e cavo som. Entaramelava-se-lhe a lingua, demorando-se em longas pausas, emquanto relanceava os olhos pelas outras mesas, sempre timido e desconfiado.

Como a pianista constantemente tocasse, declarou-me, nervoso, num riso cadaverico, acusando obcessão:

— «Olhe — sabe!? — tal qual, isto tudo tocava a minha filha!... Escute agora... era mesmo assim...

«Até dava ares a esta pianista — os olhos claros, as tranças loiras, a mesma idade...

«Porque eu tive uma filha — sabe!? — uma menina que tocava tudo isto no piano, tal qual assim...»

— Mas sua filha... morreu?!... — interrompi, interessado.

Como que acordando, numa surda exaltação que se alastrava pelo seu negro olhar, tornou num riso amargo:

— Isso é comigo!... Uma velha historia... E já a ninguem interessa a minha vida!...»

Desconfiado, hesitando se devia ou não sair, num sorrir de louco, os olhos a espiarem, foi disfarçando a conversa. Depois, quasi eloquente, veio a perder-se numa caprichosa resenha acerca de «Cafés», emquanto esvasiava muitos calices de genebra.

— «Pois eu conheço todos os Cafés — sabe!? — Cada um com seus sentimentos e paixões e, tal qual como as pessôas, possuindo caracter, vicios, voz... Como os frequento,

e não falo com o mundo, entretenho-me a scismar.

«Ora repare: Não é verdade que a porta principal semelha uma bôca escancarada onde se veem, como luzente dentadura, os marmores das mesas: amarelos, côr de rosa, brancos como jaspe, enegrecidos ou cariados?! E desta bôca, que tem lingua sibilina, sae bafo, sae fumo, brotam palavras incoerentes e magnificas, e soltam-se canções vermelhas que, às vezes, são marselhesas e internacionaes de rebeldia!...

«As janelas rasgadas, em forma de estrela e ogiva, iluminadas por vitraes, lembram grandes olhos fitando a rua, atraindo multidão—olhos que à noite se acendem em misteriosas fosforescencias, e só cerram as palpebras quando nasce o Sol.

«Como as pessoas, os Cafés teem preocupações de higiene e *toilette:* Ha os que não se lavam, cheios de môscas, nauseabundos, esverdiados; os que se limitam aos remendos de cal, aos vernizes de côr e papeis pintados; os de marmores fingidos, espelhos pelintras, lambidos e muito aperaltados; e os faustuosos, de policromicos mosaicos, encerados *parquets*, veludos granada, bronzes e cristaes.

«Aqueles de aparencia infamissima, bafo

pestilento como infectas mansardas, são intimos das desdentadas rameiras e assistem às orgias dos mendigos, dos rufias e ladrões.

«Os que teem ar pobre, aceado, recolhido, acamaradam com funcionarios modestos e jovens operarios romanticos, guardando na alma um eterno sonho de bela revolta, e tendo, às vezes, na voz toadas ingenuas do fado.

«Outros, barulhentos, internacionaes, e aventureiros, moram à beira dos caes, dansam com os maritimos bebados, e conhecem os mais estranhos dialectos dos russos, biscainhos, australianos e mulatos. São apedrejados por chineses, esfaqueados por espanhoes, e vivem numa poça de alcool, entre vomitos de cerveja *whisky* e *rhum*, e os indiscritiveis beijos e dentadas que trocam os emigrantes com as meretrises.

«Ha, ainda, os Cafés harmoniosos, simples, claros, que desprezam negociatas e não conhecem cambios, vivendo com boémios, artistas e sonhadores. Os tepidos, como alcôvas, onde os passos esmorecem nas fôfas alcatifas e *carpettes*, e os idilios passam em murmurado scherzo, suspirados por efebos palidos e mulheres caras, entre perturbantes valsas zingaras, perfumes e flôres. E, finalmente,

aqueles de aparencia — só aparencia — austera, que são pousada da finança e de falsa aristocracia, guardados como um tesouro, velados como um sacrario, e em cujos atrios guardas altivos, de bandoleira luzente e galões de marechal, passeiam como cães, espantando mendigos e creancinhas . . . »

O estranho homem interrompeu-se, para sorver mais golos de genebra e, depois, prosseguiu na prelecção torrentosa:

— «E tambem teem coração, nervos, alma, e são politicos, poetas e artistas — os diabos dos Cafés!

«Aquele, imperialista, monarquico, aristocrata — sonha que fantasmas podem dominar os homens. Este, republicano, liberal, democrata, ingenuamente passa o tempo a levantar barricadas, erguendo e derrubando idolos, a cuidar do estomago dos triunfadores. Mais acolá, um outro, anarquista e libertario, tem coleras frementes, sagradas rebeldias, e não tranquilisa o leal coração, à espera do seu dia . . .

«Todos querem salvar o mundo, remir a humanidade, supondo-se os detentores, até os creadores, da nova e verdadeira Ideia . . .

«E tal a vertiginante carreira atraz das suas quimeras, que nem volvem a cabeça para ver,

lá muito longe, nos confins dos seculos, como tudo isso é velho — como o pobre povo, eternamente, creou e extinguiu sistemas, e todas as conquistas se afogaram num mar de sangue — afinal só para os vencedores provarem que jamais souberam fazer perfeito uso da sua vitória...

«Outros Cafés nada sabem de politica, ou de filosofias sociaes. Ficam-se enamorados das sombras das Paulowa ou das Pastôra Imperio, contentam-se em citar Lalo e Borodine, e leem Papini, Eça e Margueritte. Adormecem discutindo os *sportmans* e toireiros ou, então, eternamente scismaticos, ruminando invejas, quedam-se naquela sonhada obra que nunca chegam a compôr...

«No fundo, tudo homens... tudo Cafés!... Morbido palustrismo que se exala desse negro lôdo amassado com oiro, sangue... e café...»

Calara-se subitamente, hipnotisado pela voz do piano, onde passava, agora, em raros debuxos e iluminuras de côr, uma cavatina de Liszt.

Quasi dominado, num grande enlevo, ele escutara. Depois, de repente, gritou numa alvoroçada confidencia:

«— Conheço tudo isto — sabe?! — Eu corri

o mundo! Quando tinha a minha filha andava sempre com ela, e ouvimos das mais lindas musicas nos grandes teatros e concertos internacionaes...—Porque eu tive uma filha —sabe?!... sabe?!...»

No espelho do seu febril olhar passavam, a galope, negros pensamentos e recordações...

Depois, adoçando as palavras, numa insistencia vaga, quasi falava para si:

«—A pianista! Se ela quizesse ser minha filha!... É tal qual!... O mesmo cabelo loiro, a mesma idade! E toca as mesmas musicas, até parece que com as mesmas mãos...»

Ficou-se largo tempo numa mudez inquieta, a cabêça pendida, até que, repentinamente, sacudindo-me com suas mãos de febre, confidenciou, em surdina, numa voz estalada de soluços:

«—Se ela quizesse!... Se a pianista conhecesse a minha solidão!—Porque será que uma mulher acredita no homem que lhe pede para ser a sua amante, e não crê no que lhe implora que seja, apenas, a sua filha?!...»

Mas, logo arrependido da confidencia, o rôsto transtornado com modos de louco, fez rapido gesto de cumprimento, e abalou a cor-

rer, como de costume, perdendo-se na Noite... e sempre a correr...

*

* *

Um dia deixei de o ver. Passaram tardes, noites, e não mais o vi.

Só então reparei que já ali não tocava a loira pianista... Disseram-me que ela havia ido para outro qualquer Café...

O BAILARINO

«LEVANTASTE-TE hoje mais tarde, e muito pálido, Leonel — e as janelas dos teus olhos veem carregadas de luto! . . .»

E, depois de oferecer ao amante a rubra flôr dos seus labios, Alexandra continuou, ironica, sorridente, movendo entre os finos dedos a perfumada cigarrilha:

— Olha que os fenicios é que suspendiam das suas muralhas colchas negras, em horas de perigo . . .

— Bem o sei . . . — respondeu ele, tambem sorridente. — Mas eu não sou fenicio . . .

— Antes o fôsses! . . . Talvez tivesses na raça a felina astucia dos filhos de Cartago, e haverias libado, em tericleos de prata, do doirado vinho da Sicilia ardente . . . — E, depois, na elegancia decadente dos teus bailados havias sempre de pôr um pouco da graça ancestral desses masculos arraiais guerreiros. Palpitaria no teu sangue a herança selvagem dos cantabros e louros celtas, a malicia dos

negros libios, a volupia dos escravos assirios, todo o translumbramento dos canticos pagãos e divinas orgias vividas entre piramides, cupulas, colunas de oiro e marmore, nos bosques sagrados de Byrsa...

— Basta! basta!... Estás hoje ridiculamente erudita e terrivelmente alegre!

— É só para te fazer rir... Para apagar as sombras dos teus olhos lindos! Quero-te vêr contente, meu amor...

E, puxando-lhe a cabeça para o cólo, num violento e amoroso afago, mergulhou as suas brancas mãos no oiro fulvo da sua cabeleira...

— Porque hás de ser assim tam triste?!... — Ouve, Leonel: a volupia da morte ou da melancolia é sentimento requintado de renuncia que vai bem á nossa arte. Mas deixa lá essa amargosa luxuria para o perverso encanto dos teus bailados, e fóra da scena ama com saude, com alegria... Sê homem na vida como o és na arte...

— Dize lá, então, como queres que eu ame?!

— Olha, assim...

E, apertando-lhe a cabeça nas mãos crispadas, cravando a bôca dele na sua bôca em flôr, estiveram longos minutos entontecidos, devorando-se com beijos...

Veio desperta-los a melodia suave dum piano, em surdina, que soava perto, numa casita romantica entre alfombras . . .

Muito cingidos, fôram entreter-se debruçados sobre o *terrasse* do hotel, e quedaram-se em silencio, distraidos, encantados naquele mar de safira que franjava de alva espuma a curva airosa das doiradas praias do Estoril.

Em toda a oceanica imensidade, só muito ao largo havia rastro de fumo. No meio da baía azul, um hiate branco, com finissimas riscas cinzentas listando a sua alvura, balouçava-se, airoso como um cisne, sob o banho de oiro dum sol do meio-dia . . .

*

* *

Alexandra e Leonel, dansarinos classicos, eram as primeiras figuras duma companhia de bailados russos, dos melhores discipulos de Zambelli e Ivan Clustine. A sua passagem por Lisboa, como por toda a parte, deslumbrara qual clarão de maravilha — harmoniosas linhas desabrochando em luz, espargindo côres, formas e sons, despertando os sentidos para uma nova Arte.

Assistir aos seus bailados era como ser to-

cado duma requintada graça — envolto no proprio sortilegio em que eles ressuscitavam figuras e imajens das eras extintas.

Nos temas da sua estilisação, tão leve como se fôsse debuxada a halito de flôres, passavam esses quadros com as dansas religiosas e guerreiras da India e do Egipto — todo um estranho ritual em que havia o culto das serpentes, das aves, e do fôgo — e aqueles mil motivos de inefavel e pastóril encanto.

Os môços belos, como Lino ou Corydon, que apascentavam ovelhas brancas em doces prados cheirosos de murta e ervilhaes, ao som de pifaros de prata e marfim; Ascreo o que, tocando na sua flauta, até fazia dansar, nas florestas sagradas, os olmos, os freixos e pinhaes; Apolo, o da lira de oiro, e os Silenos bebados dos mostos de Falerno, das uvas roxas d'Engadhy; todos os pastores — poetas que descansaram em virgilianos idilios, a entrelaçar grinaldas de oiro e aipo florido, pelas sombras dos carvalhos, aveleiros e choupaes — todos estes, simbolos ou sombras de Beleza, eles evocavam, abrazados de fervor pela Arte.

Nas suas dansas enlaçavam-se, como flôres de espuma, as Dryades, as Galateas, todas as vaporosas ninfas que se banhavam nos

regatos perfumados de mandragora, e vinham refrescar a bôca no orvalho recolhido nas urnas dos lirios e açucenas; e que, depois, nas alfombras dos jardins fechados, ofereciam aos amantes maçãs loiras, gomos de laranja e romã, aromas de nardo e junquilho, e pedaços de neve em petalas de rosa, para assim apagarem o fôgo dos seus beijos...

Tal era, o mago poder evocativo desses quasi sagrados bailarinos!

Leonel, duma familia aristocratica, era austriaco. Alexandra, descendente de artistas, era polaca. Ambos tinham estado na Russia, na America, e haviam sido condiscipulos em Paris.

Leonel, bastante triste, tinha a noite nos olhos, a melancolia na alma. Escravisava-se, fundia-se na propria arte, vivendo-a numa volupia amarga, asfixiado de emoção.

Alexandra era alegre. No azul do seu olhar trinava um cantico á Primavera, pleno de amor e Sol. E o seu corpo môço, sempre reflorindo em novas harmonias, movia-se pela sensibilidade da inteligencia, no sereno dominio da vontade.

Leonel era uma figura airosa, alada, duma voluptuosidade dolente e subtil. No ritmo das dansas, na escolha das côres, na pintura da

expressão — quere evocasse o timido pastor da Tracia, perseguido por ninfas; um zefiro a embebedar-se nos labios das flôres; qualquer efebo assirio nos braços de escrava grega, ou Apolo de marmore enamorado das estrelas — ele moldava, sempre, requintes decadentes de renuncia, na figuração votiva de quem sacrifica á Morte.

A dansar, transfigurava-se, subia. Por vezes, dava a ideia de abandonar o involucro de seu proprio corpo e poisar no espaço, suspenso, imaterial, tremendo como azulada chama, traçando no ar cabalisticos sinaes — a chave dos misteriosos enigmas contidos nos papiros egipcios, guardados em faraonicas tumbas...

Seus braços, tremulos como azas, como helices, por vezes semelhavam elasticas serpentes, ou tentaculos de monstro marinho saindo do seu proprio corpo, e de que ele parecia fugir, aflito, prestes a sentir-se estrangulado pela sua propria sombra...

No movimento dos seus nervosos flancos desconjuntava harmonias que lembravam frisos e capitais partidos, marmores quebrados. E alava-se triunfal, contorcionado, numa unção religiosa, como se dansasse sôbre lapides mortuarias, entre fumos de incenso, sandalo e

aromaticas gomas, deslisando entre as sombras das goticas absides, mitrado de oiro e rubi, e as mãos, os pés, os tornozelos calçados de acutilante pedraria...

Sublime e maravilhoso artista — embora duma inspiração morbida e doentia — a sua arte, porem, era sonho, espuma, onde a sua vida flutuava como flôr já morta.

Alexandra, flexuosa, magra, era perfeita. Parecia, a todo o momento, exaurir da natureza jovens atavios para embelezar a vida. E da pele doirada, da bôca nervosa, da flôr azul dos seus olhos, erguiam-se todos os amaveis encantos duma raça pagã.

Quando deslisava nos seus bailados, sem roçar o chão com os pés nús, parecia desenhar curvas de aza. E ao parar ainda ficava com estremecimentos de palmeira, ondulações que lhe cinzelavam, na epiderme de seda, efemeras atitudes, desenhos e imajens que lembravam efeitos da mansa aragem ruflando nas velas dos buques, nas hastes dos jasmins e canaviaes.

Iniciada nos intimos segredos da sua arte, conhecia os misterios das civilisações mortas, e saciara seus olhos, fascinando-os na mutilada beleza das deusas e simbolos tombados em ruinas e museus.

Toda essa dispersa beleza — a que juntava reminiscencias esplendorosas das selvagens dansas e divinas orgias debuxadas nos estôfos e panos da Siria e da Arabia, modeladas nos tumulos dos lendarios herois, nos vasos e taças da Zonia e de Pompêa — era estilisada ressurreição que alvorecia nos seus bailados.

A dansar, por vezes, o seu busto parecia um calix donde brotassem flôres e perfumes de que só os seus olhos cantavam o segredo, numa embriaguez dolente...

Seu côrpo comprimia-se, pequenina e mimosa como autentica *mesumé*, no ritmo exotico de certa dansa japonesa. Alongava-se, elastico, serpentino, a querer possuir a Lua, naquelas dansas perversas compostas por Fokine. E passava vitoriosamente, numa serena graça evocativa de musicas d'agua em bosques virgens, nos harmoniosos bailados gregos, segurando nas alongadas mãos o cimbalo, a avena, floridos cachos de corymbo ou grinaldas de rosas.

Alexandra sentia-se mulher e feliz. E, atendendo ao requinte sadio da sua arte, ia colhendo das mais belas flôres para engrinaldar a Vida.

Um alegre, outro triste, viviam como cama-

radas e amavam-se como amantes — com as liberdades e mutuas licenças vulgares nos artistas...

*

* *

Esses dias da sua ligeira passagem por Lisbôa, Leonel vivera-os bem triste. Inflexiveis rasões, que em breve iriam pôr termo á sua gloriosa carreira, toldavam-lhe a existencia, de melancolia.

Uma tarde, no hotel, fugidos á musica da sala dos concertos, muito cingidos, conversavam num afastado recanto florido, donde se via o mar. E Leonel parecia opresso duma angustia enorme.

— Recordas-te, Alexandra, do nosso primeiro encontro?! Foi em Paris, numa linda festa em casa de Ema Sorel. Tu tinhas dezoito anos, aprendias os primeiros passos com Isidora, e eu, mais velho cinco anos, já era artista.

«Começou ahi o nosso amôr, que veiu a criar raizes nas saudosas aulas de Luci Benard, e nas festas nocturnas do parque de Florice...

«Para a vida e para a morte» — dissemos um dia. — E este unico contrato foi selado a beijos...

— Temos cumprido o contrato. Não é, Leonel?! — interrompeu Alexandra.

— Sempre. És a mais bela amante, e uma gentil camarada!...

Depois, numa intenção incompreensivel, mais perturbado, Leonel prosseguiu:

— Nunca mais esqueci este nosso contrato. Tu, então, eras creança esquiva, duma flebil graça, terna e pastoril. A tua fala branda, estranha como sonata eslava, preludiava adolescencia em flôr, perdia e fascinava... No teu côrpo de pagem normando pulsava a alma dum provençal troveiro — desses trovadôres peregrinos que saiam da sua terra a correr mundo, só para encantar, trazendo nos olhos pedaços de paisagem feiticeira, e na bôca petalas de certa flôr escarlate que matava ou enlouquecia...

Alexandra, ante esta espécie de delirio, principiava a inquietar-se. Leonel continuava:

— ... Um dia, as nossas mãos tocaram-se a tremer. Calou-se, comovida, a tua voz harpejante. Eu matei na tua bôca esta sêde de amôr, e os meus beijos afogaram-se nos lagos dos teus olhos, perderam-se na floresta dos teus cabelos ennoitados...

«Já artistas, tendo de seguir rumos diversos,

a primeira vez que nos separamos julguei endoidecer!...

«Beijei as minhas mãos onde ficára o teu arôma. Solucei, saudosamente, imajinando que não te veria mais!...»

— Mas viste... viste... — interrompeu, novamente, Alexandra, inquieta, mas a sorrir — E não posso compreender o sentido melodramatico das tuas palavras...

— Perdão!... Quiz lembrar como te amei, para saber se te tinha amado bem, hoje que resolvi morrer...

— Basta, Leonel!... — E Alexandra, erguendo-se, enfadada, prosseguiu depois. «Bem me parecia que a tua doentia evocação era pura fantasia, urdida para novo bailado!... — Está completa, não?!...

— Não brinques, Alexandra! O teu amôr á vida, a tua insuportavel saude, tornam-te inacessivel á piedade!... O egoismo da tua arte não consente que te acerques, condoida, das alheias paixões...

— Falas ao sério?!...

— Queria até suplicar-te, meu amôr, que te matasses comigo!... Foi o nosso pacto... Para a vida e para a morte!...

— An?!... Basta de loucuras!... — E, numa expressão de horror, como se quizesse afastar

a visão dum abismo, Alexandra foi sorver a arajem fresca, debruçando-se, um momento, sôbre o mar azul.

— Quando tudo nos fala de vida, e um mundo imenso se desdobra á curiosidade dos sentidos! Quando até apetece deter o tempo nas nossas mãos, para melhor usufruir e prolongar todo o esplendor da mocidade, não tens mais nada que me oferecer senão a ideia miseravel da morte... a decadencia vulgar de todos os vencidos!...

— Mas vê, antes, esta carta — suplicou Leonel, humilde.

Desdobrando o papel, Alexandra leu, ainda irritada...

Era uma carta de Paris, em que o emprezario, muito friamente, comunicava a Leonel, que, tendo este feito trinta anos — limite maximo da idade que poderia admitir, nas suas companhias, para um bailarino — não lhe renovaria contrato para primeiros papeis. Porem, em atenção á sua arte e ao seu nome, oferecia-lhe duas epocas na America, numa companhia de segunda ordem...

Alexandra devolveu-lhe a carta.

— Compreendo o teu orgulho — disse — mesmo a tua dôr. Mas não é motivo para se procurar a morte. Devias contar com a reali-

dade. É um detalhe amargo, mas dos que teem todos os artistas...

— Resignar-me a perder-te, e á minha arte... não?!...

— Mas nada perderás!...

— Envelhecer de saudades, como qualquer mercador viajado, ou aventureiro vulgar!...

— Não sejas creança!...— A tua pele está fresca, e o teu côrpo ainda é belo!

— Não achas doloroso, Alexandra, que, precisamente quando principiamos a viver, conscientemente, a nossa arte, comece a agitar-se na sombra o espectro duma velhice, que nos espia os passos, que nos envolve na sua teia, que nos faz contar os dias como minutos, numa agonia que excede os derradeiros momentos do condenado á morte?!...— Bem vês!... Morrer, ao menos, é acabar! Queres maior sofrimento do que este de ser forçado a deixar uma encantadora e amada carreira, pela absurda coisa de ter feito trinta anos?!...

— Só vejo que ainda não tens uma ruga, um sinal de fadiga, um unico cabelo branco!

— Pois sim, mas os nossos emprezarios, a propria critica, pede-nos a certidão de idade. Só transige por favôr e, embora em pleno triunfo da nossa arte, põem-nos as reticencias... duma artificiosa juventude...

«Não sucede assim com os outros artistas. Os literatos, os musicos, os comediografos, os estatuarios e pintores, não temem a velhice!

— Enganas-te, meu pobre amigo! É bem triste o envelhecer de todos os artistas... O resto é a dura moeda com que temos de pagar os requintes, as emoções, a intensa beleza em que despertamos... precocemente. E tudo tem um preço!...

— Terei, então, de resignar-me, miseravelmente, e renunciar ás horas de triunfo embriagante! — Terei de ver-me, a mim, noutro côrpo... Terei de vêr-te, a ti, noutros braços...

— Mas se isso ainda vem longe, e se o teu leve côrpo reflori no milagre duma mocidade eterna, para quê, Leonel, essa precoce paixão?!... — Não penses nisso... e dá cá mais beijos...

Leonel abandonou-lhe a bôca, os olhos, e ficaram-se num longo e tragico silencio...

Como de costume, jantaram juntos, mas, pela primeira vez, sem palavras...

No sexteto do salão um violoncelo chorava...

*

* *

Para aquela noite anunciara-se o ultimo

espectaculo dos bailados russos pela companhia de que faziam parte Leonel e Alexandra. Estreava-se certo bailado novo — «*A Lenda de Granada*» — composição coreografica sobre motivos arabes e cantares andaluses.

Era assim a lenda: «Em Alhamar, velhas ruinas de Granada, restos de patios de alcaçar moirisco, nas margens do Darro e do Genil, uma fonte chorava noite e dia, entre vinhedos e laranjaes em flôr.

«Em noites de luar — dizia a lenda — aparecia ali o vulto branco duma encantada princeza agarena, que oferecia laranjas d'ouro, flôres e arômas, áquele que quebrasse o seu encantamento dando-lhe alguns momentos de amôr.

«Uma noite, certo pastor joven, que viera ao rio dar de beber a seu gado, viu a princeza, e ficou-se preso na doirada teia dos seus olhos. E ao tocar nos frutos, ao beber dos seus vinhos, ao sorver os seus beijos, ele teve a deslumbradora miragem de palacios e tesouros, quedando-se, depois, para sempre encantado em pedra fria...

«De então para cá, dessa pedra começou a rever agua — as lágrimas saudosas choradas pelo pastor. — E nas noites festivas é ali, naquela fonte, que as môças de Granada vão

encher as suas cantaras, soltando cantares aos seus amôres...»

Era esta a lenda, que Alexandra, feita princeza agarena, e Leonel, transmudado em pastor, nessa noite iriam estilisar na arte alucinante dos seus bailados.

Ao correr do pano toda a scena parecia vasto campo florido, horizontes de montanhas azues, ar fresco de suaves aromas, e lá estavam as lendarias ruinas, á sombra de ciprestes esguios e luendros côr de rosa.

Emquanto nascia o luar, na orquestra corriam pequeninos temas romanticos — tenues canticos de ave, estremecimento de fôlhas, sopros de brisa, tudo a preparar, a fundir a metamorfose de luz e som.

No silencio profundo da adormecida paisagem, repousavam, como num leito de luar, os pomares de laranjas, as vinhas e as rosas... E, pouco a pouco, soltaram-se nas violetas e guitarras os primeiros compassos de melopêa arabe, prevenindo a presença da agarena.

Como um fluido, condensada na propria luz do luar, ela apareceu espiritualisada, primeiro agitando-se como pequenina nuvem, flóco de seda albente ou falena de espuma, e depois humanisando-se, a flutuar sôb a transparencia dos veus, tomando fórma, movimento, expres-

são, iniciando, emfim, uma simbolica dansa louca, fantasma lindo a evocar o encantamento da princeza da Solidão...

Na euritmia do bailado, na sua mimica subtil, a artista estilisava, como se falasse, todas as sensações — desde a que exprime a angustia e soledade, num captiveiro em que a juventude desmaia como as rosas, até á que define sêdes de amôr curtidas em longas noites sem esposo, o corpo em fôgo, palpebras zimbradas de luar, longe da vida e do Sol...

Emquanto ela dansa, mistica e ansiosa, na orqüestra, em veludosos sons, os instrumentos de madeira imitam os cantares andaluses, morrendo ao longe, nas quebradas. E, subitamente, no silencio da noite, entre o murmurio de aguas toado nas harpas e violinos, ouve-se a flauta do pastor, que se aproxima, mais a dôce melopêa dos chocalhos de seu rebanho.

A moura oculta-se, e vê-o, belo e môço. Receoso, ele rouba uma laranja e, depois, estiraça-se de bruços, soprando na sua flauta um ingenuo cantico á beleza da noite...

Começa a sedução, e o luar brilha mais. Nos violinos rompem melodias que parecem tangidas em cordas de cristal e vidro, e que

sobem enlaçadas aos sons do violoncelo, em tremulas aspiraes...

Na noite diluem-se invisiveis petalas, e as coisas orvalham-se de volupia e sonho...

O pastor, surpreendido, ergue-se, quedando fascinado. Ela vai dansando em redór, dansando em desfalecidos requebros, dansando até tocar-lhe ao de leve, com a fimbria dos veos e a ponta dos dedos molhadas em perfumes...

Maravilhado, absôrto, ele nada mais sente do que a linda sombra e, envolto em dourada teia, nem já ouve os balidos do seu gado. De olhos tontos, como um sonambulo, segue-a na dansa em morosos passos até que ela o cinge e o deita no seu colo...

Na orquestra renovam-se os motivos de agua, chuva de pétalas, efluvio primaveril... E pouco a pouco, nos violinos, ergue-se um melodioso canto de amor—idilio murmurado em frases quentes, ao pé do rio...

Sôa a meia noite. Doze pancadas em sino d'oiro marcam a hora do encantamento. Das sombras das arvores e ruinas solta-se um rumor de gente estranha... Passam, correndo, pequeninos anões de olhos azulados, e fatos esquisitos; bailadeiras de olhos amendoados e calças de setim; escravas semi-nuas, que tra-

zem vasos com vinhos odorosos, salvas carregadas de frutas, arômas e flôres, anforas com filtros e amavios embriagantes.

O pastor tem os olhos pasmados, e ela aponta-lhe, a surgir das ruinas, magicamente, um trecho dessa Alhambra maravilhosa — os pátios de marmores negros e lagos côr de rosa, galerias e salões revestidos de mosaicos cinzelados e de doiradas inscrições, os porticos e arcarias entre alfombras de sicomoros e loireiros...

Das gargantas das cisternas saem musicados suspiros de moiras captivas. Passam fugitivos e assustados pavões arrojando ricas caudas. No misterio da hora erram as sombras dos ciumentos Muzas, Abencerrages e Zegris.

Desvanecida, a princeza agarena deslumbra o pastor, com a sua côrte, mostrando-lhe as lindas mulheres da aristocracia moirama, seguidas por escravos imberbes e tristes, e bailadeiras de pele doirada, puras como Sulamite, perversas como Salomé, agitando sedas e veus, vestidas de perolas e brilhantes, e sôb chuva de flôres.

Prosseguem as dansas e cantares, na toada mourisca, presagiosa de fatalismo, ao som de alaudes e adufos que melancolicos musicos, de alvos turbantes e mãos finas, tocam, assen-

tados no chão... E o pastor, impelindo-se suavemente, braços alongados em suplica, olhos inundados de estranha luz, vae tambem bailando, aspirando aromas, colhendo beijos, até tombar na orgia, turvado de delicia e de terror...

A agarena, entre perversas confissões de amôr, pede-lhe o côrpo virgem para quebrar o seu encantamento, e arrasta-o para uma moita de jasmins — embora os nicromantes tivessem sentenciado que, para sempre, ele seria transformado em pedra fria...

Dá-lhe o ultimo beijo ao cair, lenta, a hora primeira da madrugada. E sente-a fugir das mãos, leve como fumo ou arômas, emquanto vê desabar todo o alcaçar da Ilusão...

Sobre o leito dos jasmins, banhado de luar, ele sente os cabelos frios, estremece-lhe todo o palido côrpo a esfriar... E as pingas de agua, caíndo nas cisternas, lembram-lhe os suspiros de Abenamar e Boabdil. Parece-lhe, até, ouvir chorar ao longe, abandonado, o seu rebanho — talvez já perdido na Serra Nevada, nos vinhedos e romeiraes do Darro, ou nas veigas do Albaicim...

No misterioso silencio da noite, a lua desmaia sobre o grande parque azul. Uma arripiante sensação de neve passa no fio musical dos

violinos. E o corpo dele, tombado entre flôres, já é marmore branco e frio...

Então, suavemente, uma fonte começa a correr e a cantar...

*

* *

Quando o bailado terminou, os espectadores, em delirio, chamavam os artistas, cobrindo-os de palmas e flôres, maravilhados ante o poder mimico da sua subtil expressão. E quasi não tinham fim esses aplausos, que Alexandra, sorridente mas preocupada, agradecia...

Subito, o pano desceu, sentindo-se, nervosamente, qualquer coisa de muito extraordinario. A multidão, entretanto, chamava, aplaudia; mas, lá de dentro, soavam gritos, ordens, rumôres que se comunicaram á platéa, numa ansiedade febril. E, de repente, no proscenio surgiu, choroso e aflito, um jovem artista a informar que *monsieur* Leonel — o primeiro bailarino — se tinha matado, tragicamente...

Preparara qualquer veneno mortal numa das taças porque bebera, durante a scena, e ficara, para sempre, encantado naquela simbolica pedra fria da fonte...

Fôra em arte o seu ultimo momento, e para a morte o seu derradeiro bailado...

DÔR VITORIOSA

A qualquer hora do dia quási não se apercebia vivalma no Rosal. Havia ali um silencio de parque abandonado, um silencio tumular. Ninguem diria que perto moravam loucos.

Fóra da cidade, ao largo do bulicio, a Casa de Saude do Rosal erguia-se num ameno sitio, carinhosamente adaptada ao generoso fim — um internato gratuito para os loucos da guerra.

Por assim dizer, era um simbolo de piedade e amôr — monumento que uma alma despedaçada fizera erguer à memoria amada de dois filhos mortos.

O seu nome não importava. Fôra muitas vezes milionario e poucas vezes feliz!... De familia só lhe restavam aqueles dois filhos. Veiu a guerra e levou-lhos — um por obrigação, porque era soldado; e outro como voluntario, por louco heroismo. O mais velho ficou

na Flandres, como farrapo sangrento, enterrado na neve. O mais môço, mutilado por metralha, veio morrer-lhe nos braços, cego e doido, cantando canções guerreiras, até abalar, derradeiramente, numa tarde triste, sempre a cantar e a rir...

O velho, não compreendendo tamanha desventura, e sem poder transpôr o deserto em que ficara a sua vida, não mais se levantou do leito. Deixou-se morrer de pena, legando a sua fortuna para a piedosa obra de que aproveitariam todos os que na guerra tivessem enlouquecido.

Era assim — bem triste e simples — a historia daquela Casa de Saude do Rosal, uma casa modelo dirigida por medico todo idealista que, em contacto com a humanidade, tambem entristecera ao ver tanta miseria e desventura.

Porem, neste palacio de loucos havia ordem, metodo, a serenidade que não se encontrava em muitos palacios de pessôas com juizo. Era modelar o serviço interior, nos minimos detalhes. E, desde os jardins e parques, colgados de flôres, até às alegres enfermarias, claras celas, e casas de recreio, em toda a parte uma amorosa assistencia despertava nos pobres loucos a saudade da

Vida e do Sol, uma alegria de viver que os ajudava no renascimento da razão.

A entrada de doentes era facilima, sem as complicações mesquinhas dos estabelecimentos oficiaes. Bastava alguem provar que a loucura era consequente da guerra, e que o doente não era louco furioso ou incuravel, e logo se abriam, de par em par, as portas do Rosal.

Entre os doidos, quasi todos pacificos, alguns eram interessantes, e duma tam perfeita lucidez, que nem pareciam doidos. Havia um, velho coronel de artilharia, paralitico e sem braços — a quem o servente passeava todos os dias num carrito, pelo parque, com o peito coberto de cruzes e condecorações — que mesmo na inacção fisica a que o mal o condenara, orgulhosamente gritava vozes de comando, visionando o supôsto inimigo e fases de campanha, e reflectindo no olhar, queimado de febre, toda a revolta pela sua dolorosa imobilidade.

Outra, uma velhinha que embalava um boneco vestido de soldado — a quem chamava o seu neto — levava sempre abraçada ao farrapo, e adormecia-o no colo frio, com cantigas lentas, como se embalam os pequenitos. A pobresita era só no mundo; tinha-lhe fi-

cado na guerra um neto de vinte anos, camponio ingenuo que não tinha mãe nem pae, e que com ela vivia num inocente amôr. Endoideceu a esperar o neto, a pobre creança que não voltaria mais...

Mas o mais curioso exemplar era uma jovem estrangeira que fôra enfermeira na guerra. Não vinha ao parque, dizia-se princeza da Hungria, e passava os dias rojando sedas nos corredôres, ou ao piano tocando partituras hungaras... que ela mesmo compunha, dizendo, depois, que lhas mandara o rei do seu país. Figura para estudo, emigrada de certas lendas escandinavas, sombria, esquiva, mostrava de largo a sua sombra, e chorava ao piano saudades da Vida... Curioso observar a musica que ela fazia — estranha maravilha a que os proprios desequilibrios aumentavam encanto. Era uma louca passional, endoidecida por amôr. Dizia-se que ficara assim desde que assistira ao fusilamento dum môço prisioneiro austriaco, acusado de espião, por quem se havia apaixonado...

A todos os doentes o velho alienista — o medico director — assistia com enorme carinho. E como era só no mundo, e tinha grande piedade pelos desgraçados, fizera daqueles naufragos — miseros destroços da vida —

uma familia no meio da qual vivia, orgulhosamente feliz, esquecido do mundo...

*

* *

Naquele dia notava-se no Rosal estranho movimento. Seria entregue à familia, já curado, um dos primeiros loucos entrados no Internato. Fôra tenente de engenharia, oficial aviador, e chamava-se João Vasco.

O director, radiante pela cura, entretanto sentia tristeza por ver sair um doente a que se afeiçoara — a quem reconhecia grandes qualidades de inteligencia e alma.

A cerimonia, simples, teve emoção. Á hora marcada apresentou-se o pai e um amigo intimo do doente — o unico amigo que sempre o visitara — e assinaram o auto da entrega, abraçando-se sem palavras.

No momento de partir, o tenente apertara, nervosamente, as mãos do medico, tentando beijar-lhas, agradecido. Alguns loucos vieram fazer a sua despedida, e oferecer flôres...

Quando sairam, o silencio do Rosal apenas era quebrado pela musica nostalgica — mais triste do que nunca — que ao piano fazia a *outra,* aquela que era imaginaria princeza da

Hungria, e que endoidecera de amôr pelo espião...

*

* *

Durante o caminho não trocaram palavra. O pae — como que esmagado entre a alegria de reaver o filho e outra fatalidade maior que os aguardava — parecia desejar interminavel a jornada.

Perto da casa, como que acordado dum sonho, o môço oficial comentou, espantado:

— Mas, estranho não ver minha mulher?!...

— É que não poude vir... Logo saberás o motivo...

Fez-se um grande silencio, emquanto ele relembrava que, durante a sua doença, só uma vez a mulher o fôra visitar. — «Mas porque não viria agora, porquê?!» — pensava de si para si, fazendo contas ao tempo que estivera fóra do mundo, sepultado em vida...

Ao chegar a casa teve um riso humilde de comovida alegria, vendo ressuscitarem, para os seus olhos, velhas coisas amadas e conhecidas. Mas sentiu, logo, o gelo da recepção. Ninguem o esperava e a serva já era outra. Só egual, sempre o mesmo, o cão que o reconhecera e, entre pulos e latidos, lhe lambia as mãos...

«Mas que casa essa, que familia a sua, onde, depois de dolorosa ausencia, só um cão o recebia e beijava?!...»

— Pae, e a minha mulher?!... Está doente?! Está morta?!... Diga! Diga, depressa, se morreu, pae!?...

— Antes tivesse morrido! — Escuta...

E Rodrigo, levando-o pelo braço, e pedindo-lhe serenidade, contou-lhe, com alguns rodeios, uma historia complicada cujo resumo era isto: «A mulher do seu amigo, emquanto este se esbatia em loucura — não o compreendendo, não possuindo espirito de sacrificio, nem tendo alma para aninhar um grande amôr feito só de esperanças — um dia abalara com um aventureiro vulgar... Supoz-se quasi livre, uma espécie de viuva...»

— É que a loucura é, de facto, coisa parecida á morte... talvez peor! — interrompeu o pobre, angustiado.

Rodrigo continuou: «Era preciso ele ser forte e enfrentar a vida no dominio da realidade. Afinal, casos como esse havia aos milhares. A serenidade e o tempo curavam as maiores feridas da alma... E os homens superiores tinham de manter-se de pé, sobranceiros às miserias da vida...»

João Vasco, não podendo compreender,

bem, o que se passara e o que lhe diziam, preguntara se não estaria, ainda, louco! — «Não seria tudo aquilo um triste sonho!...»

Depois, ficou-se num grande desalento, sem palavras, até que, passados dias, veiu a calma aparente.

Ás escondidas, porem, doentiamente, ele procurara recolher detalhes. Quiz saber como tinha sido *aquilo* da sua mulher, da fuga, do escandalo...

E soube tudo. Soube, até, que o bandalho que a levára fôra um dos seus amigos!...

Dentro dele cresceram, rugiram temporaes de vingança, sentindo, antegosando mesmo, o prazer de os matar. Mas esse delirio foi vencido pelo cansasso fisico e pelo terrôr de tornar a enlouquecer...

Por sua vez o pae, encarando, sempre, o filho como louco, fazia vida aparte. Passavam um pelo outro como sombras; não trocavam palavra. Havia naquela casa muita tristeza e silencio—fazia ali um frio de morte.

Quem lhe valia era Rodrigo que, de tempos a tempos, vinha ter com ele para conversarem sôbre livros, literatura, arte, ou acerca do movimento social. Ás vezes, em horas de disposição, João Vasco expunha equilibrados planos de fomento e engenharia que,

oportunamente, pensava apresentar. E assim esqueciam torturas intimas...

Rodrigo, professor e publicista, espirito moderno e avançado, criticava, então, desassombradamente a sociedade cujo sistema economico condenava. Era um homem superior, alheado de clientelas, sem pedir licença a alguem para ter opiniões. Não sendo partidario de violencias, todavia não ocultava a sua latente repugnancia pelas mentiras e preconceitos em que a sociedade envilecia.

As desgraças do seu amigo amenisava-as com uma ternura de irmão, atribuindo-as, em grande parte, ao ambiente social em que viviam e que era preciso destruir para que na terra reflorisse a Justiça, a Verdade e o Amôr.

Educado em falsos principios, o outro ainda não concordava inteiramente. Mas a sua tragedia e os males de que dava razão, descerravam-lhe, pouco a pouco, a inteligencia para as teorias do amigo. O seu espirito, porem, estava fraco para longos raciocinios, e nos olhos reaparecia-lhe, às vezes, o rastro da loucura...

*

*   *

Uma tarde, casualmente, assomando-se ao

espelho, viu os primeiros cabelos brancos, e recordou-se da idade que tinha. Só então reparou que estivera louco cinco anos!...

Começou de revolver lembranças e, num sobressalto, lembrou-se do irmão... Pediu ao pae que lhe dissesse onde este estava, e porque o não tinha visto já.

O velho, angustiado, contou-lhe que o irmão fugira para longe, não sabia para onde, nem tinha noticias desse desgraçado...

— Mas desgraçado como?! — Fugido porquê, pae?!

Outra miseria. O irmão envolvera-se em negocios escuros, os complicados negocios da guerra, levado por *amigos*... Nem com todos os bens do casal o podera salvar... Coisas tristes...

E o pae — aproveitando a oportunidade — explicou-lhe, a medo, como esse caso os deixara pobres, completamente arruinados. Tudo o que possuia e não possuia, comprometera, inutilmente, para salvar aquele desgraçado filho! A fatalidade caira sôbre a sua casa!...

João Vasco não se exaltou. Achou bem que tudo fizessem para salvar o irmão. Mas lá no intimo sofreu, porque até o pae, dispondo dos seus bens, mostrara não ter contado com ele. Supunham-no môrto, nin-

guem cuidava que ele regressasse do continente negro da loucura! Era um intruso na vida...

Roubavam-lhe a mulher, infamavam-lhe o irmão, traziam-lhe a ruina. E sôbre esses escombros — ele que sentia, ainda, o alento agigantado de refazer uma nova vida — esgrimia com o espectro da loucura. A si proprio preguntava porque razão lhe fazia tanto mal uma sociedade a que ele dera tudo, desde o heroismo da sua mocidade até ao martirio da sua Dôr?!...

*

* *

Sentia-se quebrado da doença, mas a miseria, com deprimencias e ridiculos, despertara o seu orgulho. Compreendeu que era preciso trabalhar. Com o seu curso de engenheiro poderia, ainda, tentar grande obra em que refizesse nome e fortuna. E recordou-se, afinal, de que tivera inteligencia e valentia.

Lançou-se ao estudo. Escreveu cartas a velhos conhecidos. Falou a politicos em evidencia. Procurou camaradas combatentes, que o acolheram como a um ressuscitado.

Rodrigo, por seu lado, insistia, falando-lhe de mil projectos praticos e emprezas a lançar,

emquanto ele procurava contacto com problemas modernos e novas teorias, esquecendo-se, por vezes, que já estivera internado como louco!

Um dia começou a reparar que as cartas que escrevia não tinham resposta pratica, e que os amigos entretinham o tempo com lindas promessas. Por sua vez, algumas emprezas achavam demasiadamente audaciosos os seus projectos, e nada resolviam. Assim mesmo, porem, não desistiu, continuando a trabalhar.

Uma vez mandaram-no chamar dum Banco. Tratava-se de formidavel empreza para o aproveitamento de quedas de agua, com um largo plano industrial e agricola. E logo ele enunciou ideias, encantando de tal modo a gente das finanças, que foi convidado a fazer relatorio — que não tardou em apresentar.

Correram semanas, mezes. Já estranhava que nada lhe dissessem, quando recebeu uma carta delicada do Banco, desligando-o do projecto, com desculpas banaes e um pequeno cheque em libras...

Ficou desalentadissimo, e foi ter com o amigo a quem contou o insucesso. Nesse mesmo dia souberam que o motivo da escusa do Banco fôra o ter vindo no boletim de in-

formações pedidas, como tragica legenda negra, a nota de que «*o engenheiro João Vasco, ex-tenente aviador, estivera internado num hospital de doidos, cinco anos.*»

Era isto — todos o encaravam desconfiadamente, como se olha um invalido ou um doido! Dos politicos a quem servira, dos amigos, dos camaradas, nem uma palavra. Olhavam-no com piedosa desconfiança; e o unico amigo que quasi lhe conseguira uma comissão no estrangeiro, confessou-lhe, numa franqueza cruel, que o facto de ele ter estado louco lhe criava dificuldades...

Eternamente a sua vida seria, então, perseguida por esse fantasma?! Negavam-lhe o direito à existencia! Teria que viver, como um reprobo, á margem da vida... apelando para o roubo ou para a fome!...

*

* *

Os dias passava-os, agora, abatido como farrapo, no peor dos desalentos, já sem saber reagir.

Certa tarde Rodrigo foi encontra-lo numa perigosa exaltação, gritando a justa revolta da sua dôr moral.

—«Havia-se oferecido, como voluntario, para ir á guerra — quando muitos, dos que tinham obrigação, fugiam miseravelmente — deixando mulher, familia, lar. Batera-se como um homem, e quando o perigo fôra menor na terra, e nesta já não cabia o seu sonho, disputara um logar de aviador para que a loucura heroica que o embriagava, roçasse pelas estrelas!...

«Não o impelira a ferocidade guerreira. A luta fratricida em que se dizimavam homens entristecia o seu coração. Fôra por galhardia, talvez por preconceito elegante, certamente por orgulho moral, e ainda porque diziam que um imperio mais forte queria amordaçar a liberdade do mundo!

«Batera-se, estivera perdido e abeirado da morte. Vira tombar, em terra estranha, soldados ainda imberbes, creanças que morriam sem saber porquê, e que, ingenuamente, antes de cerrarem os olhos, murmuravam a sua ultima saudade.

«E emquanto ele e outros se batiam, e se esvaia em sangue uma brava e humilde mocidade, parte dos que cá ficaram, sem respeito pelo sacrificio dos mortos, só cuidavam de enriquecer na fraude, envolvendo-se em negocios de feroz egoismo, transformando a

terra num pantano onde não poderia desabrochar flôr de Ideal!

«Lá fóra corria o sangue da humanidade. Cá dentro, grosseiramente, corria o dinheiro de mão em mão, corrompendo certa sociedade que parecia ensandecer de vileza, que queria rebentar de ambição, que se deixava liquidar sem atitude, cevando a ambição no cadaver dum povo...

«Mas, então, esse terreiro de interesses e vaidades, de roubo organisado, é que era a Patria em cujo nome eles falavam?!

«O espectaculo dum povo moribundo, explorado impiedosamente; duma aristocracia tonta e assustada; das *élites* neurastenicas e alheadas — isso é que era a Patria que eles cantavam?!

«Mas fôra para isso que se havia pedido o belo sacrificio á mocidade, e que milhares de vidas haviam tombado sob as fébres de Africa e as neves da Flandres?!

«Os soldados que regressavam doentes, cegos ou mutilados — cruzes de guerra na farda, flôres de sangue no peito — eram aguardados quasi friamente, sem uma lagrima, sem um beijo, sem uma flôr! E se alguem os acolhia era por cumprimento ou dever oficioso, por curiosidade teatral... Havia mutilados que

já recorriam á esmola, gritando, alto, que tinham fóme!... E nos passeios, por entre o tropel macabro das suas muletas batendo nas calçadas, alguns fôram vistos, esfarrapados, deixando-se salpicar na lama dos automóveis da recente e ridicula burguesia...

«Ele fôra ferido, e dos mais sacrificados. Estivera á morte e — mais triste do que a morte — cinco anos se quedara imerso em loucura!...

«E como lhe pagavam o sacrificio, os dessa sociedade, por quem ele se batera? — Haviam aproveitado o tempo que durára a loucura, para fazerem de sua mulher uma rameira; para transformarem seu irmão num ladrão; para lhe trazerem a vergonha, a ruina, a miseria!

«Tentara erguer-se sôbre escombros, para lançar uma nova vida. Mas era, ainda, essa sociedade mesquinha, com mentirosas desculpas e completamente alheada da sua dôr, quem vinha dizer-lhe, desconfiada, que ele não podia trabalhar *porque estivera numa casa de doidos!...*

«Estava decidido. Não mais um dia desejava viver entre tal malta. Se êles — miseros dementes que se diziam com juizo — eram assim, então regressaria, mas depressa, á casa dos doidos. Iria ao Rosal pedir a esmola de o

tomarem como creado — preferia viver com os loucos...»

Rodrigo deixou-o desabafar, sem dizer palavra e, quando ele terminou, disse-lhe, serenamente, que tinha razão.

— «Efectivamente, era assim, ha muito tempo, essa sociedade que estava caindo a pedaços, corroida na sua propria podridão. Por isso ressaltava grandioso, humano, justo, o febril protesto dos trabalhadores que, embora indeterminados, já faziam estremecer a terra, clamando a sua fóme de pão e alegria! Já não estavam sós os operarios dos campos, do mar, e oficinas. Os artistas, os intelectuais, os homens de sciencia e coração, vinham secundar esse rubro protesto em todo o mundo. Era preciso serenidade, e saber recomeçar a luta. Os homens só se mostravam dignos de si proprios quando, orgulhosamente, sabiam sofrêr a Dôr! Demais, o triunfo duma Ideia carecia do sacrificio de muitas vidas, do labutar de muitos seculos, e tinha por teatro o mundo. Mas a Dôr fôra, seria sempre, a melhor tempera das almas!»

E, depois de fraternos conselhos, concluiu que o caso do seu amigo havia de resolver-se. Mas que ele não tornasse a pensar no regresso ao convivio dos loucos, porque, em-

bora sofrendo, precisava viver. O mundo era bastante largo para que nele coubesse todo o sofrimento e orgulho da humanidade. Era belo viver e ser livre!

E nessa tarde, depois dalguns planos enunciados, a conversa esmoreceu triste, entre dois cigarros fumados silenciosamente...

*

* *

Rodrigo não mais descansara, a procurar solução para o caso do seu amigo. E, passado pouco tempo, um dia, numa grande simplicidade, este embarcava para Inglaterra, contratado por uma casa construtora de máquinas.

Rematava, assim, esse drama, sem grave complicação. Naquela vida enoitada e sombria voltava a luzir um pouco de sol...

Correram dias, mezes, anos... E Rodrigo pensava, muitas vezes, se ainda seria vivo o seu pobre amigo.

Certa manhã, o correio trouxe uma carta da America para Rodrigo. Era de João Vasco, e dizia assim:

«Querido amigo: Ainda vives?!... — Só agora escrevo porque não tive mais cedo que

te contar. Sabes? Sou feliz! Digo-te em segredo, porque tenho medo que alguem mais o venha a saber. Não sou rico, mas pelo trabalho possuo o que é preciso, e ainda me sobra. Tenho mulher que adoro — uma pobre rapariga do povo que me entregou o seu lindo côrpo, a sua grande alma, e encheu a minha vida dum grande amôr, num filho que me deu.

«Breve te enviarei uma carta de cem paginas, a contar-te toda a minha vida. Nem tu sabes quanta luta e quanta dôr encontrei pelo mundo! Agora já não tenho medo — não — de tornar a endoidecer. Mas tenho saudades de ti e da nossa terra. Não esqueço que a felicidade que goso não é inteiramente minha. Tu é que ma déste com o teu conselho, com a tua alma forte, com o teu grande amôr fraterno que me orgulha!

«Não sei quando nos veremos. Talvez nunca mais! Entretanto, peço-te mais um favôr: vae ao Rosal levar saudades minhas! Vive e sê feliz, meu irmão! — Adeus.»

Rodrigo, apesar de forte, sentiu vontade de chorar. E, cheio duma alegria colegial, desvincando o rôsto sombrio, foi correndo, como creança, numa ternura enorme, levar aquelas saudades ao Rosal...

MARIA MADALENA

Naquela anuveada tarde de Março, talvez porque durante o dia impertinente chuvisco polvilhara avenidas e passeios, empastando as ruas de lama negra, e uma melancolica sensação de neve pairava nas arvores, nos vidros, arripiando as epidermes, pouca gente saira para os elegantes *rendez-vous* das cinco horas, em procura dum frivolo e aromatico chá, aparentemente civilisador, que a muitos indenisa daquela autentica falta de chá tam correntia na sua vida cotidiana.

A «Flôr de Lis», *patisserie* da moda, pequenina e confortavel *boïte*, embora seus ares de indiscreta alcova, a essa hora estava quási deserta. Ao todo três mesas ocupadas: uma por dois moços loiros, aspirantes da armada britanica, que atacavam, gulosamente, delicada e apetitosa sobremesa de frutas frescas de inverno, regadas com um velho e perfumado «Madeira»; outra por uma linda rapariga, envolta em malha de seda negra, muito

mignardise, a deliciosa cabeça com os cabelos cortados e loiros, dum oiro quási esbranquiçado, toda ela provocante na reflectida graça com que saboreava, ritmadamente, ás colherinhas, uma compota de ameixas; e ao canto dois *habitués:* o decrepito Gaivão, que desforrava a sua triplice impotencia fisica, estetica e moral, com diatribes chulescas e venenosas que a ninguem incomodavam, em que desabafava o seu cronico despeito, e o jovem Passos, elegante e artista, primeiro premio em piano no conservatorio de Leipzig, a quem a critica perdoava as perversões, deslumbrada pela sua arte.

Na sala tepida do brando calor da *chauffage,* abafada pelos reposteiros e tapeçarias, havia languida sensação de bem estar, e até apetecia ouvir, como se fossem inedita coisa, aqueles estafadissimos *shimmis* e *one-steeps* que os musicos soltavam do piano e violinos, num esquisito bom gosto levemente cosmopolita...

Creados encasacados, de luvas brancas, dragonados de oiro e retroz azul, num certo ar de inofensiva *morgue,* olhavam, distraídamente, a rua onde luzia, agora, uma palida restea de sol. E os pequenos *grooms*, hirtos como estatuas, espartilhados nas suas jaque-

tas cinzentas com abotoaduras de oiro, trocavam entre si olhares gaiatos de malicia, maldizendo essa tarde sombria que lhes diminuia as gorgetas, pela ausencia da freguesia *snob* e *chic*.

Subitamente, lá fóra na rua, parou á porta um automovel. A *mise-en-scene* desmanchou-se, um momento, na curiosidade dum provincianismo banal. E o Gaivão, desembaciando, com um guardanapo, a vidraça da janela, e encastoando nas orbitas peladas o caco do monoculo; informou que era um carro verde, com *chauffeur* escanhoadissimo, de farda agaloada, e que de dentro do automovel saira uma mulher elegantissima, muito abafada em veludos, que entrara no salão.

— Olha quem é!... — disse logo o Gaivão, fingindo-se informado, acotovelando o Passos, e encetando grande conversa, evidentemente acerca da recenvinda...

A mulher dirigiu-se para uma mesita afastada e florida que a aguardava e, depois de entregar o abafo e algumas instruções aos cuidados espertos dum prestavel *groom*, tomou assento, começando a examinar, com todo o ar superior de entendida, a pequenina sala, envolvendo pessôas e coisas no seu ar *morne* estremamente distinto.

No elegante recinto aumentara a animação. Tinham entrado pessôas conhecidas, gente frivola, feliz, desocupada. Havia rumor de conversas entrecortadas por musicas estranhas. Os creados passavam, cruzando-se, com pilhas de caixas de charutos e garrafas negras contendo esquisitos licôres. Ao fundo, num canto, o Gaivão, carcassa amarelecida e esverdeada pela bilis, já muito bebado de *cognac,* continuava segredando ao Passos historias infamantes, da sua autoria, sôbre os que chegavam, não poupando a mulher que entrara havia pouco, e que ele dizia haver conhecido quando corista — «uma pobre corista que correra toda a escala do vicio, andando por diversas camas, desde a do porteiro á do emprezario, e que estava agora rica e grande senhora, fazendo partes de honrada. Mas a ele — ao *honestissimo* Gaivão — é que o não intrujavam! Uma *gaja* com sorte, eis o que era!...»

Claro, que o solenissimo e simbolico pulha nem conhecia a creatura — e, como sempre, mentia...

Do seu pôsto, quási em penumbra, onde melhor se marcava o seu perfil magro e distinto, dum moreno dôce, grandes olhos belos, bons e tristes, ela — a estranha mulher —

quási indiferente, olhava a sala, pousando o rosto melancolico numa das suas mãos alongadas e finas...

Neste momento iluminou-se a sala, faustuosamente, jorrando de todas as lampadas, como por torneiras de cristal, um grande e doirado banho de luz...

Ela olhou melhor, e os seus olhos de artista detiveram-se um instante, admirando a bela cabêça de cabelos curtos, dum oiro claro, da pequena *garçonnière* — cabeça que, assim tombada sobre a mesa, lembrava um enorme e aristocratico crisantemo soltando as suas petalas flavas sôbre a alva toalha de neve... Depois, os seus olhos, numa piedade digna, comentaram a requebrada elegancia androgina dum rapaz triste que atravessou o salão. E, finalmente, foram pousar, demoradamente, nos dois aspirantes britanicos, estrangeiros vindos lá de tam longe — talvez da Australia, da Escossia ou da Irlanda — e agora ali tam calmos, tam serenos, envoltos no descuidado fumo azul dum suavissimo tabaco loiro...

E, talvez porque nesse mesmo momento o quarteto executava uma dessas ligeiras partituras dum grande sabôr internacional, em que havia evocações saudosas de terras des-

conhecidas — lembranças soltas dos colossaes *bars* á beira dos grandes portos, onde maritimos e embarcadiços misturam as suas barbaras e saudosas canções de mil dialetos — ela, associando o sentido da musica á presença dos marinheiros, poz-se a correr mundo com o pensamento, e de olhos cerrados para melhor soltar a imaginação...

«Ah! as dulcissimas noites azues do mar de Italia. Os tumultuosos instantes no Havre e em Marselha, onde passara loucas e perversas horas a bordo dum hiate, embalada nas canções de certo garôto genovês. As excursões noctivagas atravez dos bairros maritimos e exoticos de Constantinopla e Smirna, doces momentos vividos, intensamente, em terras maritimas, americanas, orientaes e levantinas!...»

Todas estas recordações revolteavam, arrastando outras mais, vibrando nos seus nervos e no seu sangue, assim como bando de abelhas doiradas que procurassem ainda, sugar as flôres quentes e rubras que refloriam nos restos do seu sonho...

Os jovens aspirantes, muito britanicos, muito impecaveis nos seus *dolmans* brancos, transpuzeram a porta da rua. Mas antes de sair relancearam, pela sala, um discreto olhar

indiferente e cortez, tocado daquela vaga melancolia do Norte.

Sorvendo o aroma dum ramo de junquilhos, ela ficou-se, um momento só, tambem indiferente a vê-los sair. Certamente eles não poderiam suprir a ausencia desse apaixonado amante, o ultimo que gosara o seu corpo, o primeiro que possuira a sua alma.

Estes embarcadiços, afinal, eram como todos os outros, não lhe oferecendo novidade...

Quasi sempre chegavam em colossaes navios brancos ou cinzentos, de grande letreiros doirados, pavilhões a côres com aguias ou estrelas, trazendo a bordo orquestras e fanfarras — a voz cantada dos paizes distantes...

Certa noite esses couraçados ou trasantlanticos entravam no pôrto, desembarcavam toneladas de mercadorias ou a guarnição de rapazes loiros que se espraiavam pela cidade, e, passado um dia e mais uma noite, retiravam na outra madrugada... Quando o paquete abandonava a baía, ao dealbar da rosea manhã, na rota mercantil doutros portos, sempre havia, de terra, alguns lenços que acenavam... A musica de bordo fazia acordes de melancolia, e olhos romanticos fixavam-se na esteira de espuma, até que o pavilhão

desaparecia entre nevoas para alem do farol da barra...

Eram feitas de nada as coisas belas desta vida! E a nada se reduziam essas febris aventuras que duravam uma noite ou uma hora, cheias de amargo encanto do desconhecido, vertiginosamente usufruidas por almas que não se conheciam, que não se ficavam conhecendo, que não se veriam mais...

Seria, então, certo que na escala dos prazeres só a volupia da recordação tem alguma eternidade!?...

*

*   *

Fizera-se noite. Emquanto na sala da elegante *boïte* começara a debandada, ela fumara mais uma cigarrilha, sorvendo os ultimos golos da sua chicara de chá.

Já o *groom* lhe apresentava o abafo, quando ao olhar, distraidamente, a porta da sala, subitamente o rôsto se lhe iluminou de enorme alegria, mal retendo um grito de contente surpreza.

Entre portas, ao fundo, estacara um rapaz, correctissimo no seu jaquetão azul ferrete, lapela discretamente florida, que, sem etiquetas antipaticas, sem maneiras dôces e

rebuscadas, atravessou a sala, desempenadamente, tambem numa surpreza agradabilissima, e veio até ela, beijando-lhe a mão, estreitando-se os dois num grande e fraterno abraço.

— Oh! Maria Madalena!...

— Você, aqui, Soveral!...

— Agradavel surpreza, an!?

— Supunha-o, muito, em Paris!...

— Cheguei ha oito dias...

— Oito dias — vejam! — e tam ingrato que não me quiz ver...

— Primeiro fui, num pulo, a casa, à provincia, ao meu Algarve. E regressei ha tres dias... Mas tencionava visitá-la, Maria...

— Ora... Desculpas!...

Depois, num tom carinhoso, fazendo sentar o seu amigo, desfazendo toda a sua melancolia naquele inesperado e jovial encontro, que tanto a encantava, esquecendo-se de si propria, emquanto o creado o servia, ela foi preguntando mil coisas, como criança curiosa e amimada. E quiz logo saber, quási ao mesmo tempo, se o Aires ainda estava em Paris; se a Maria Suzana sempre tinha ido à America; se o seu amigo Sáchá regressara do Egipto; e, sobre tudo, as razões daquele recente suicidio da bailarina Tomásia.

Soveral, tambem ansioso por saber novidades, foi-lhe dizendo, rapidamente, que o escultor Aires estava, agora, em Florença; que Suzana, não podendo ir para a America, se contentara em ir até Bordeaux; e que não havia noticias de Sachá. Quanto ao suicidio da linda Tomásia, andara no caso qualquer paixão violenta por um bailarino vulgar, *boulevardier* perigoso que a explorara, agravando uma velha neurastenia...

Ela ficara-se, encantada, a escutar esse querido camarada que lhe trazia saudades dalgumas belas e longinquas horas de Paris. E, depois, dispersando ideias, teve uns momentos sem ver e sem ouvir, olhos toldados duma esquiva magua, como que a fitarem o ponto intimo, o mais negro ponto da sua vida...

— E você, Maria Madalena?! — É verdade o que dizem?...

— O que é que lhe disseram já, em tam pouco tempo?!

— Que se isolava... que não convivia... Depois, um caso complicadissimo de paixão... Um rompimento... E, até, a perda de contrato valioso... — É verdade?!...

— Um contrato valioso!... Dois anos no Brazil a cinco contos por mez, com todas as despezas pagas!...

— Não era nada mau!...

— Nem muito extraordinario! Estou farta de teatro!...

— E o rompimento?!

— Outro contrato que rescindi... No fundo a mesma questão. Estava farta de representar... Queria viver, entende você!... — Depois, nunca poude ter dois homens ao mesmo tempo...

— Então sempre temos paixão! — Uma paixão em você, Maria Madalena, uma rapariga tam inteligente, é coisa nova... e séria...

— Se lha contasse não acreditaria...

E, com um sorriso dôce, uma melancolia de sol-pôsto a iluminar os seus grandes olhos tristes, algo interessada, continuou:

— Disseram-lhe, então, que eu estava muito mudada, an?!...

— Até por ahi lhe chamam, já, *Santa Maria Madalena*...

— Uma alusão à santa ou à pecadora?...

— Certamente... à santa...

— Sabe que temo mais o ridiculo do que a infamia?! É uma coisa odiosa passar, na bôca dos imbecis, por bôa pessôa! — Mas estou, efectivamente, mudada, estou!... Contos largos...

— Conte...

— Você, é inteligente demais para compreender certas coisas...

— Mas sou muito seu amigo, Maria...

— Olhe... estão-nos a mandar embora. Saíu quasi toda a gente...

Pela sala esmoreciam as luzes, e os criados dispunham flôres nas mesas, para a hora do jantar. Já os musicos, com amoroso carinho, encerravam os seus violinos nas caixas, aconchegando-os e cobrindo-os com as coberturas de veludo, tão desveladamente como se depositassem um pequenino corpo amado no seu caixão...

Lá fóra soavam as buzinas e sereias dos automoveis, no caminho dos teatros e cinemas...

Apenas a um canto da sala, agora rodeado por algumas caras suspeitas, o Gaivão, bebedissimo, ar ridiculo de velho peru derreado, ingeria o vigessimo segundo calice de *cognac*, e vomitava a penultima infamia...

João Soveral, vestindo o abafo à sua amiga, insistia com interesse e intimidade:

— Mas porque não conta a complicada historia?!

— Olhe, vá jantar comigo amanhã, e talvez lha conte — Não a historia... mas a novela...

— Combinado. Não faltarei...

— Bem, agora diga para onde vae, porque o quero levar no meu carro...

Á porta, a *limousine* de estôfos e forros côr de perola, iluminada e florida, aguardava.

— «Duque de Saldanha, 520» — ordenou Maria, para o *chauffeur*. E o carro deslisou, velozmente, atravez da noite, onde as grandes e féericas vitrines embutidas nas paredes, e as janelas iluminadas rasgando-se nos muros, lembravam enormes chagas floridas no corpo da cidade e, ao mesmo tempo, eram como frestas por onde os olhos mergulhavam e, sem querer, inquiriam da alma, do côrpo, do espirito da grande capital...

Pelo caminho, carinhosamente, ela quiz saber da vida de Soveral. E em poucas palavras ele lhe contou que já estava engenheiro pela escola de Paris, completando, quási forçadamente, uma carreira que o não atraia — porque toda a sua tendencia ia para coisas de arte.

Viera com trez mezes de ferias, e seguiria, depois, para Londres, já numa regular comissão.

— Em todas as profissões se podia fazer arte. E a engenharia oferecia largo campo à

imaginação, sendo, tambem, uma nobre e distinta carreira — opinara Maria.

Chegados à Praça Saldanha, uma vez mais, ele prometeu acompanha-la ao jantar, no dia seguinte, gritando-lhe, já de longe, sem poder reprimir a curiosidade: — «Olhe que não dispenso a complicada novela!...»

— Uma autentica, e para mim bem triste novela... verá...

A caminho da sua casa de Bemfica, Maria Madalena pensou alguns momentos nesse simpatico môço, que era João Soveral, tam digno e leal, tam indulgente pelas faltas do proximo, apesar da sua juventude equilibrada, saudavel e quási austerissima.

Depois, julgava-o tam comodo nas suas relações! Era dos poucos que, pelo facto duma franca amisade, se não julgava obrigado a fazer-lhe ridicula côrte... É certo que, logo ao começo do seu convivio, ele tivera uma vaga atitude romanesca, vaidosa obediencia ao sexo, curiosidades de rapaz... Mas, bastante amigos, e advinhando a sua alma, ela falara-lhe a tempo, com inteligencia, e ambos ajustaram não sacrificar a um *flirt* banal, uma grande amisade de camaradas que despontara instintiva...

Era uma grande alma, um raro amigo que

surgia, precisamente quando ela mais carecia dum intimo confidente a quem entregar o seu espirito perigosamente adoentado.

E, com estes pensamentos, semi-acordada, pouco a pouco foi caindo naquela morbidez nostalgica, naquela magua sem remedio em que, ultimamente, caira a sua vida.

Pela estrada de Bemfica ninguem. Apagou a luz interior da *limousine* e, estiraçando-se numa febril negligencia que apetecia jornadas enormes e sem destino, foi enchendo os seus grandes olhos de noite e de melancolia...

Dos jardins cerrados por portões heraldicos e muros ameados — quimerica visão de felicidade fugidia — rompiam efluvios de terra ajardinada, de ervas e flôres, cheiro resinoso de plantas, arvores e raizes, aromas finos das primeiras rosas daquela primavera tardia...

*

* *

Maria Madalena tinha a sua vivenda numa bela casa antiga, alem do Calhariz, para as bandas de Bemfica, entre as sombras dum pequeno parque de eucaliptos e faias. Antigamente, quando sentia ansia de ruido, ou sêdes de imergir-se no doirado lôdo das per-

versões mundanas, qual lôba esfaimada descia até ao povoado e por ahi rondava ás noites, até colher a preza...

Saciada das doidas e morfinisadas horas de prazer nos tepidos recantos da Lisbôa proibida, ou nas suas subitas estadias no estrangeiro, então recolhia-se a Bemfica, e ahi fazia beatificas e reparadoras horas na pousada carinhosa, que era sanatorio para os seus nervos destrambelhados e, ao mesmo tempo, um convento para o seu espirito profundamente religioso.

Aí, nessa casa que havia sido o primeiro presente do homem que lhe legara situação e bens, entre confôrto sofrivel e quási suntuoso, com modos de autentica senhora, uma instintiva *souplesse* que a tornava camarada encantadora, de tempos a tempos recebia um ou outro amigo, artistas, intelectuaes, gente que a conhecera no teatro onde fizera uma intermitente mas gloriosa carreira.

João Soveral, sem grande etiqueta, não se fizera esperar. De mais a mais ela pedira-lhe que fosse mais cedo para ver exquisitas coleções de capas para livros, preciosas encadernações em autenticos damascos, veludos e sedas orientaes — a sua ultima mania.

Antes de jantar, ele andou visitando a casa,

cujos recantos já conhecia. Admirou as encadernações que, sem exagero, eram perfeita maravilha, e examinou alguns preciosos exemplares de faiança portuguesa. Mas o seu deslumbramento foi para uma caprichosa colecção de almofadas, alguns milhares de tipos de todos os feitios e côres, que em alguns anos ela reunira. Tudo o que possa imaginar-se de mais rico, exotico e bizarro, em seda, setins, lhamas, damascos, veludos, estofos, tecidos raros, bordados e pinturas, nada faltava nesse exquisito museu de almofadas — em formas redondas, ovaes, delicadas como *sachets,* imitando *drops* em que apetecia morder, aos rolos ou triangulares, e outras semelhando estrelas, flôres, donde escorriam tintas amarelas, roxas, e aristocraticos azues. Tinha-as bordadas a vidro, cobre, palha, ouro; autenticadas com a rubrica dos mais celebres pintôres; emfim, modelos raros, unicos, adquiridos em diversos paizes. E, até nos espolios das egrejas e nos conventos a saque, ela conseguira, em restos de dalmaticas, doiradas pluviaes, preciosos frontaes de altar, mantos de purpura, mitras e palios velhinhos, recolher alguns magnificos farrapos dasmasquilhados com que embelezara esse fantastico tesouro.

Jantaram sós, admiravelmente sós, e servidos por creados que pareciam mudos. Mais do que no esquisito *menu*, ele deliciara-se num grande e fresco molho de rosas que alastrava na mesa, em mancha vermelha, enchendo a casa dum cheiro fresco de jardins. Depois, a sua atenção pousara num estranho móvel, e, furtivamente, quando a supunha distraida, lançava os olhos para esse enorme armario que ocupava uma das paredes da sala, peça toda em negro, cravejada de pregaria de ferro, fecharias forjadas à moda primitiva, decorada com ornatos e figuras mitologicas, medonhas, duma sensualidade estravagante, quási obscena... Esse armario, decerto testemunha muda de espantosas coisas do passado — por ventura delitos de amor, crimes e traições — deveria ter sido arrancado a qualquer convento ou castelo medievo, e parecia destinado a guardar amarelecidos pergaminhos, gravissimos segredos de familias, historias de venenos e fantasmas, eternamente por desvendar...

Olhando-o bem, naquela fisionomia de misterio, Soveral tinha a impressão que, por detraz dele, se movia um fantastico mundo de coisas enormes e desconhecidas. A todo o momento aguardava que as suas portas

se abrissem e de dentro surgisse uma legião veneziana de homens mascarados armados de punhaes, para afogarem em sangue os restos do festim... E distraiu-se, um momento, a pensar na volupia de requintado misterio de que, já naturalmente, se envolvia a sua amiga...

Maria Madalena, parecendo advinhar-lhe o pensamento, emquanto lhe servia o assucar, gritou-lhe, numa troça delicada:

—Beba o café... e deixe lá o armario que não faz mal a ninguem!...

João Soveral, alegremente, floriu a lapela com uma rosa, tomou um calice de licôr, e, acesos os cigarros, deixou-se levar até uma pequenina sala em gosto arabe com bufetes de ebano e marfim, coxins e almofadas vermelhas, brandamente alumiada, onde, num vaso de cobre, ardiam aromaticas gomas.

—Trouxe-o para aqui—disse Maria Madalena, tristemente—porque neste mesmo logar, com este ambiente e scenario, começou o drama...

—Mais um conto das «*Mil e uma noites*»—atalhou Soveral, sorrindo, interessado.

—Não. Mais um conto puramente realista. Ora escute com um pouco de... piedade...

E Maria Madalena, a voz turvada de emo-

ção, parando a momento para melhor reavivar essa doce e dolorosa pagina da sua vida, fez ao seu amigo a seguinte descrição:

*

* *

«Uma noite, nos fins do ultimo verão, cerca da primeira hora da madrugada, haviam-se retirado as ultimas visitas, já com as creadas a dormir e luzes apagadas, acabava ela de ler, naquele sossegado recanto arabe, e principiava a despir-se, quando o silencio da noite se quebrara em confusa motinada.

«Lançou uma capa pelos ombros, abriu a janela, e ouviu ao longe tiros, tropel de gente que corria, latidos de cães, passadas perdidas na noite — sentindo-se, distintamente, o vozear de gente que perseguia alguem. Mas tal ruido confuso, depois de se aproximar, a pouco e pouco, fôra esmorecendo, dando a impressão de que essa gente tomara outro rumo, rompendo por qualquer azinhaga. A noite, uma encantadôra noite de fim de verão, só alumiada por estrelas, caira, depois, em serena tranquilidade, e a casa de Bemfica mergulhara no silencio.

«Maria Madalena, semi-nua, numa dôce

negligencia, lançara-se sôbre um monte de almofadas, ficando alguns momentos esquecida, o pensamento a flutuar pelas mil estancias da Ilusão. Mas, de repente, numa sensação de espanto que nem lhe permitiu gritar, viu duas mãos ensanguentadas que, de fóra, se crispavam no peitoril da janela. E logo, a seguir, um homem ainda môço, completamente transtornado por evidente e desvairada fuga, saltara para dentro, estacando na doida correria.

«Aterrada, mal teve tempo de se encobrir com um biombo de seda, emquanto ele, esquivamente, afastando os olhos da sua nudez, lhe dizia a tremer: «Não tenha receio porque não sou ladrão. Preciso, apenas, descansar, e sairei já... Venho fugido, querem-me matar...»

«Indecisa, não sabendo que fazer, todavia ligou aquela scena de tiros e rumôr que antes ouvira, e teve a instintiva certeza de que ele era perseguido. Olhou-o melhor e, atravez da extrema palidez e das manchas de sangue que lhe desfiguravam o rôsto, viu que era ainda uma creança. E não tinha ar de criminoso, pelo contrario, nos seus olhos, donde se erguia orgulhosa suplica de piedade, havia a expressão da franqueza plena,

duma bondade humilde. Tombado no tapête, enxugando o sangue duma ligeira cutilada, arfava de fadiga; e seus olhos inquietos, desconfiados, pintavam aquela louca e desvairada expressão que devem ter os desgraçados que veem fugindo à morte...

«Apesar de tudo, porem, ela compreendeu que aquele homem não podia passar ali a noite!... — E se fôsse um criminoso?! — Mesmo que o não fosse, a sua permanencia era um caso anormal. E não podia sujeitar-se as consequencias de haver sido comparsa numa aventura desconhecida... possivelmente perigosa...

«E, raciocinando assim, preveni-o de que iria acordar as creadas, para lhe cuidarem das feridas e abrirem, depois, a porta da saída.

«— Não! Não chame ninguem — disse ele aterrado. — Desejo, apenas, um copo de agua, e vou-me já embora.»

«Bebeu a agua dum trago, as mãos a tremerem-lhe, o cristal do copo a bater-lhe nos dentes, agradecendo-lhe, depois, esse asilo de minutos, com palavras delicadas, mas confusas e cortadas dum delirio... espécie de angustia e terrôr...

«E se esse rapaz estivesse inocente?! Se fôsse uma nobre alma perseguida?! Se-

ria piedoso e cristão deixa-lo sair, assim, entregando-o aos seus perseguidores?! É certo que o não conhecia, e era grave dar pousada a um estranho! Mas não seria mais grave o procedimento covarde de entregar um homem, uma creança, à morte?!... Tudo isto pensou num minuto. E, quando ele procurava a porta ou a janela para sair, foi ela que lhe disse: — Olhe, fique mais um instante, até passar, inteiramente, o perigo...

« — Mas a senhora faz isso!... Sem me conhecer!...

« — Se me quizesse fazer mal já o teria feito...

« — Repito-lhe que não sou bandido... ou ladrão...

« — Sairá, então, mais logo. Entretanto, eu mesmo lhe penso as feridas...

«A verdade, porém, era que, mais do que sentimento de piedade, ela já começava a sentir uma curiosidade inquietante pela aventura, e dentro de si propria procurava forçadas razões, aparentemente naturaes, para justificar a injustificavel situação de permanecer, a sós, altas horas da noite, com um homem moço e desconhecido...

«Emfim, era um homem ferido, sem indicios de salteador, que procurava asilo na sua

casa. Demais, ela era uma mulher quasi livre, e, nesse momento, não conhecia moral superior à de velar pela segurança daquele rapaz, disputando-o à morte...

«Depois duns pensos ligeiros, fez-lhe um encosto ali mesmo, com almofadas, para ele repousar algumas horas, até poder sair, e recolheu-se ao seu quarto, correndo, cautelosamente, os fechos e a chave.

«Inutil procurar dormir. Todos os rumores da noite se reflectiam em constante e nervoso sobresalto. O ruido da pendula do relogio, qualquer longiquo rodar de carro, um estalido de madeira, as azas das borboletas nocturnas—tudo motivos que vinham aguçar a sua insonia febril... Se descia as palpebras, parece que dentro destas ficava aprisionado o vulto dele, desse estranho hospede noctivago, e sonhava-o numa morena palidez, abatido e torturado, beijando-lhe as mãos, agradecido, sentindo-se uma espécie de heroina, orgulhosa dele se haver confiado à sua guarda.

«Depois, entretendo a espertina, punha-se a scismar, fantasiando os motivos que poderiam ter originado aquele incidente sangrento que o obrigara a fugir. Entre tantas causas, só compreendia uma questão por mulheres, caso de ciume, motivo de amor... E, associando

ideias, retinha-lhe, melhor, as feições, quási cubiçando pecaminosamente aquele côrpo masculo, duma beleza plebêa e juvenil... E um vago desejo já crescia e ondulava na sua morna epiderme perfumada... E uma voluptuosa exaltação dos sentidos galopava, frenetica, instintiva, dominando conveniencias...

«O relogio deu tres horas. Considerou que ele não poderia ficar ali eternamente, e com a desculpa do fazê-lo sair, saltou da cama, num pulo, envolvendo-se num ligeiro roupão, e foi, pé ante pé... Na verdade, o que sentia era um irreprimivel desejo de vir mira-lo outra vez...

«Tombado sôbre as almofadas, gestos mortos de abandono, vencido pela fadiga, ele dormitava, e pelos labios entreabertos coava nervosa e apressada respiração que denunciava alvoroçado sonho...

«Á luz duma lampada, esteve com seus olhos entendidos, longos minutos, a mirar o môço, detidamente: Era uma creança! Talvez nem vinte anos! Magro, alto, bem parecido, quási distinto no seu ar modesto. A maneira de trajar e um vago cheiro a madeiras, a verniz, inculcavam-no como um destes operarios finos, talvez marceneiro ou dourador.

«Maria Madalena examinou-lhe, bem, as mãos perfeitas, mãos de raça, embora defor-

madas no trabalho. Viu os seus cabelos finos, mal tratados. Adivinhou uns olhos negros e leaes ocultos sôb a franja das pestanas e das palpebras arroxeadas. Sentiu que sôb aquela pele morena e queimada pulava sangue impulsivo e ardente, e teve a instintiva certeza de que ele não podia ser um bandido, antes devia guardar na arca do seu peito um grande e nobre coração.

«Já turvada por aquele pequenino romance que, tam rapido, despontava, sentia evolar dele como que qualquer coisa de flôr humilde e pisada. Lembrou-se de que seria uma dessas pequeninas almas malqueridas, aos tombos na vida, deitadas à revelia. Pareceu-lhe que no seu rôsto errava maguada queixa que merecia piedade, e não resistiu à tentação de se queimar naquela bôca...

«Sentindo-se tocado, ele entreabriu os olhos espantados, erguendo-se para sair. Foi ela, então, agarrando-lhe no braço, nervosamente, quem já lhe pediu que ficasse, exagerando o perigo que corria saindo de madrugada. Percebendo a insistencia, ele sorriu, humildemente, e consentiu em ficar, resignando-se ao dôce refugio que lhe oferecia nos seus braços e nos seus beijos, aquela curiosa criatura desconhecida.

«Dia alto, alheando-se de escandalos ou perigos, endoidecida com a aventura, pediu-lhe que ficasse ali alguns dias mais. Teria na sua casa um abrigo seguro, e ela era inteiramente livre...

«Embora com delicados escrupulos, consentiu em ficar. Ela compensou-o dessa transigencia revelando-lhe todas as maravilhas do seu côrpo, dando-lhe apaixonadas e violentas horas dum amôr estranho que ele nem sonhara...

«Um dia, em poucas palavras, ele contara-lhe a sua humilde historia: Era operario, pobre, e chamava-se Manuel. A familia, que vivia na provincia, desprezara-o, devido às suas ideias libertarias; e a policia perseguia-o, duramente, tendo estado algumas vezes na prisão. Naquela noite em que lhe entrara em casa, como salteadôr, vinha fugido, porque momentos antes havia sido môrto a tiro um desses desgraçados que se alugam á policia, denunciante e espião de camaradas, que pagara com a morte a covarde acção. A policia vira-o perto e, supondo-o envolvido nesse caso, viera-lhe no rastro, atirando-lhe como a um cão... Não era nada alegre aquela mocidade, nem corria feliz a sua vida...

«Maria Madalena escutara-o comovidamente e, no seu exagero de romantica, amou-o

ainda mais. Toda a sua vida lhe haviam pintado, com terror, esses homens a quem perseguiam como a réprobos, a quem consideravam como perigosos avançados. Afinal, nesse moço revoltado, nos seus modos e maneiras, ela encontrara traços duma delicadeza instintiva, a mais ingenua e graciosa. As suas palavras timbravam, sempre, numa altiva independencia e justa rebeldia. E nos seus olhos ela lera profundos poemas de idealismo e bondade que nunca sentira naqueles outros homens distintos e educados, cheios de mundo e sociedade...

«Todas essas qualidades fizeram com que ela o adorasse, exaltadamente, libertando-se doutras relações. Guardava esse jovem amante com usura, advinhando-lhe o sentido das palavras, apagando-lhe, no rôsto, todos os sulcos de tristeza, vivendo das mais inquietas horas nos momentos em que ele saía—com medo de o perder...

«Passaram tempos, e ele começou a andar mais triste. Tinha menos palavras, talvez saudoso das agitadas horas de luta, do convivio dos camaradas. E, acanhadamente, um dia confessou-lhe que aquela vida assim, sem canseiras de trabalho, espécie de *souteneur* ou parasita a explorar a sensibilidade duma

amante, lhe dava vergonha, não quadrava ao seu rude brio, não lhe parecia bem...

«Que não fôsse creança — acudiu preocupada — Pois não sentia como ela o desejava, nessa paixão que brotara espontanea, numa aventura estranha e imprevista! Suspendera todas as suas relações; cerrara as portas aos amigos e importunos; renunciara á sua vida mundana; organisara, voluntariamente, uma nova vida, só para se isolar com ele, bem longe do mundo, para tê-lo bem seu, bem junto de si, e vinha-lhe, agora, com mesquinhos preconceitos?!...—Voltaria ao trabalho, ás suas lutas e rebeldias, e normalisaria essa vida, mais tarde, quando a sua livre existencia não perigasse. Agora só tinham de preocupar-se em viver, plenamente, aquela aventura que o destino traçara, deixando aos seus corpos que se entendessem, livremente, escutando, apenas, a voz ardente e môça que bramia no seu sangue! Que lhes importava, que lhes podia importar o escandalo, os codigos, o mundo!?...

«Demais, o amôr-sacrificio, essa visão perturbadora dos sentidos, volupia suave, ou fornalha calcinante, e que na mesma lepra desfigurante ou sôpro divino confunde imperadores e mendigos — esse amôr romantico,

apaixonado, que ela só conhecia das novelas e por ouvir falar, e de que zombara na sua vida de teatro e de mundana, queria agora senti-lo bem, nos braços desse amante humilde que ela elegera para senhor.

«Queria viver até estancar a sua sêde de felicidade! Afinal, tambem ela, no meio de falsas grandezas e teoricas aventuras, não fôra feliz! Estava farta de mentir a si propria e á sociedade, desde a juventude presa em mesquinhos artificios, espartilhada em odiosos preconceitos! Queria ser livre e bem mulher, embora se queimasse, voluntariamente, na labareda que crescia do seu sangue, incendiando o seu desejo. E certo era que nesta paixão doida que irrompera como chama, nos braços desse amante plebeu, ao contacto da sua alma ingenua e rude, em que havia sentimentos nobilissimos, delicadezas desconhecidas — entre as suas revoltas sufocadas e as suas queixas sentidas — ela antevia o alvorecer duma nova vida, e estremecimentos dum inedito sonho deslumbravam a sua juventude...

«Iam passando os dias, e os olhos dele, embora repletos de gratidão, não ocultavam uma intima magua, reflexo de amargas lutas que muito a dentro de si se debatiam. Sem duvida gostava da amante — que mais não

fôsse pela sua bondade que o rendia. Mas ele tinha caracter, amava os seus principios, era cioso da sua liberdade; e na propria maneira como vivia encontrava estimulo para as suas revoltas, para os seus odios, e não esquecia, um instante, os outros, os seus camaradas que sofriam emquanto ele se deixava amolentar nos braços duma mulher, rodeado de confortos e prazer...

«Maria Madalena não podia entender dessas razões sociaes, e no seu egoismo de amorosa, seriamente apaixonada, não conhecia outros deveres, outros direitos que não fossem a posse do amante. Demais pressentia ela que essa felicidade era transitória! E todos os dias imaginava um novo encanto para fortalecer a amorosa cadeia em que o prendia, espreitando-lhe as palavras, contando--lhe os passos, velando o seu sono, sempre torturada na ideia de o perder.

«Uma noite, como de costume, ele despediu-se. Deu-lhe um longo beijo, e ela leu uma grande tristeza nos seus olhos...

«— Até logo!...

«Passou essa noite, passou outro dia, mais dias e mais noites, e ela eternamente á escuta dos seus passos, não mais o viu voltar...

«Tal qual como certas aves amimadas que, vivendo dentro de gaiolas doiradas e floridas, um dia deixam as suas donas queridas e opulentas moradias, e batem as azas atravez do azul, em demanda dum grande sonho — que ás vezes é tragica morte — assim ele partira, embriagado de liberdade, á procura do seu destino...»

*

* *

— Parece-me o seu caso dum demasiado romantismo, e não compreendo paixão de tam extrema celeridade!... — cometeu Soveral, quando ela terminou a historia.

— Eu já lhe havia dito que você tinha inteligencia de mais para perceber...

— É que esses casos, assim, ordinariamente, apenas sucedem... nas novelas...

— Engana-se meu amigo. Todos os dias ocorrem factos com dramatisação intensa e excessivos detalhes de novela, muito superiores à mais audaciosa imaginação dos novelistas. Se os escritores ou dramaturgos os conhecessem, ou soubessem procurar, talvez os recusassem, apenas por lhe parecerem demasiado inverosimeis.

— Pois sim... Mas não entendo como, com a sua exigencia de mundo, poude dar lugar na sua inteligencia a uma paixão tam folhetinesca... tam ausente de requinte... em suma, tam vulgar...

— Não se trata duma questão de inteligencia, mas dum caso de alma...

— Mas você já tem vivido tanto!...

— Parece-lhe... parece-lhe!... Vocês, por nos verem envoltas em certa aureola de mundanismo, entonteadas nessa elegante esturdia, coleccionando os amantes que nos ousam dar, transigindo com os escandalos *chics* que nos querem atribuir, e que — tantas vezes! — não foram alem do ridiculo *flirt*, duma inocente chicara de chá em efemero *tête-à-tête* — emfim, por nos verem ir atravez do mundo, pelo braço dalguem, o rôsto maquilhado duma desdenhosa alegria, pobres bonecas vestidas de farrapos opulentos, toda a nossa sombra pecadora a tumultuar, triunfal, no grande bazar da vida — vocês logo segredam uns aos outros, apontando a pobre mulher que passa: «Aquela sim, aquela tem vivido!»

«Afinal, tudo convenção, tudo vaidade, tudo mentira!... Quantas dessas pobres mundanas e caluniadas amorosas não morreram virgens dum grande amôr, sem terem en-

contrado alguem que tivesse tangido o puro cristal da sua alma...»

Já de pé para retirar—embora impressionado pelo tom sentido daquelas ultimas palavras—Soveral, ao despedir-se, balbuciou qualquer coisa banal, de aparente serenidade, recomendando calma.

Pelo caminho, porem, ele pensou, mais do que queria, na historia que ela lhe contara. E, bem contra sua vontade, começou a encontrar na sua amiga um novo encanto, diferente do que até ali experimentara, ao mesmo tempo que vago ciume despontava, movido por esse desconhecido plebeu e libertario que começava a destruir o mundo... incendiando corações...

*

* *

Maria Madalena, depois de tam intima conversa com Soveral, em vez de acalmar no desabafo, parece que mais excitara a sua nevrose. Agora, na sua imaginação apenas cabia, doentiamente, a lembrança do amante, que ela insistia em procurar, numa obstinação que era loucura.

Nervosa, febril, procurava-o por toda a parte, noite e dia, nos bairros operarios e exoticos, nas noticias dos jornaes, seguindo novos rastros, pedindo indicações, perdendo-se nos labirintos da cidade negra e perigosa, arrastando a sua sombra tragica, como em procura dum côrpo amado que tivesse ficado sepulto entre os escombros de cidade morta ou devastada.

Soveral, esse, desperto por um estranho sentimento feito de amôr e piedade — sentindo, como nunca, uma saudade de vê-la, ia, a meudo, procura-la. Mas a casa de Bemfica quedava-se muda e cerrada como um mausoleu. Duma vez, vinha ela a sair, viu-a, falou-lhe. Ia dirigir-lhe palavras de ternura, de carinho, mas sentiu-lhe no olhar uma tal expressão de angustiada tortura, que teve receio de ser ridiculo ante a transfigurante dôr que envolvia essa mulher.

— João, meu amigo, tenha, sempre, pena de mim!...

Foram as ultimas palavras que lhe ouvira.

Obstinada e doida, Maria Magdalena seguia o seu fadario, em procura do amante. Mal a noite descia vestindo a cidade de sombras, saia para a rua, disfarçada num vestido modesto que lhe apagava a distinção, e

engolfava-se pelas ruas e bêcos, espreitando, na treva, os largos e praças; escutando ás portas das tabernas, parando entre os magotes de multidão. E, quer olhando as ruas desertas, contemplando certos pardieiros de aparencia humilde, fixando os palidos rostos de operarios que voltavam do trabalho, ou entrando e saindo, como doida, nos carros que se cruzavam em varias direcções, para tudo ela tinha o mesmo olhar obsediante e inquieto que parecia dizer: «Viram-no, viram-no?! Sabem se ele voltará?!...» — E não tinham fim essas romagens nocturnas em que eram sempre errantes e perdidos os seus passos.

Ás vezes, querendo pôr inteligencia no seu proprio desiquilibrio, entrava a raciocinar se, afinal, não se limitaria a um grosseiro desejo de ordem sensual, toda essa paixão violenta que desordenara a sua vida — e sentia-se ridicula ante a hipotese de que tal podesse ser.

Mas não. Se assim fôra, com certeza já teria afogado tal nevrose, entregando-se, nessas rondas nocturnas, a outros que vira, tam môços, tam belos, tam estranhos, como o que ela procurava...

Mesmo essas excursões sombrias tinham-

-lhe revelado, melhor, as poças de lôdo que se ocultavam na alma humana.

Numa noite, para as bandas das docas de Alcantara, embrenhara-se entre soturnas azinhagas, correndo atraz dum vulto que, nessa constante alucinação, lhe parecera o amante. Durante algum tempo as duas equivocas sombras correram, enleando-se nos becos e ruelas — ela alvoroçada por desejo e terrôr, e o vulto a querer escapar, supondo-se victima de qualquer perseguição. Num recanto escuro, mal alumiado, postaram-se frente a frente, e reconheceu não ser quem procurava. Então o desconhecido, uma cara sinistra laivada de todos os crimes, enlaçara-a brutalmente pela cinta, numa furia homicida, sensual, e tratara-a por tu, vomitando palavras obscenas — e ela teve de gritar... de fugir...

Doutra vez, sempre na mesma alucinação, equivocara-se com outro, em sitio ermo. Tambem era creança, uns olhos perversos e uma bôca em braza; mas, com meigas palavras, pedira-lhe, logo, dinheiro...

A sensação de nojo que isso lhe causara!...

Sim, o que ela procurava não era um côrpo, mas uma alma — a grande alma do seu esquivo amante...

Desalentada, exausta de cansasso, farta de

caminhar, nas grandes horas nocturnas procurava os pontos altos da cidade, recantos ajardinados donde se via o rio e o mar, e ficava-se em scisma, olhando as luzinhas que brilhavam nos mastros dos navios, a pensar nos aventureiros sonhos dessa cidade flutuante, adormecida...

Outras vezes, isolada nos mesmos miranetes, debruçava-se sôbre as balaustradas que deitam para a outra parte da cidade — a que repousa nas colinas que correm desde o Castelo até à Penha — e olhando os milhares de lumes dispostos como num trono, que tremeluziam na treva, punha-se a inventariar as ignoradas tragedias perdidas na noite, as grandes dôres moraes, quadros de miséria, efemeras e tragicas grandezas, momentos de tortura, de goso, de sonho e vicio — as mil e diversas sensações coadas pelos poros da cidade putrida, arquejante, e que ás horas mortas se exalavam dos miseros pardieiros, palacios, mansardas, casas de prazer, asilos, prisões, egrejas, quarteis e hospitaes...

Adoçava, então, a sua desventura com a desgraça anonima dos outros, e só voltava a si, dessas meditações, quando a manhã dealbava nos primeiros rumores, tingindo-se em tintas côr de perola e rosa...

Conduzida a casa por passos tardos, erradios, e transmudada na dôr que a envolvia, pelo caminho entretinha-se a anotar o sentido humano das pessôas e coisas humildes. E o pobre môço que corria, assobiando, descalço, encolhido de frio, soprando as mãos enregeladas; a carreta das hortaliças, com sua lanterna de papel vermelho, atroando as calçadas, e derramando um cheiro fresco de hortelã; os primeiros pregões de leite deixando o rastro musical e dôce ainda envolto na alba matutina—tudo isto eram motivos em que descobria inedita ternura, um novo mundo de beleza e humanidade que só agora conhecia.

A essa hora a cidade esfriada, ainda adormecida, entrelaçada de fieiras de lampadas com sua luz quebrada, era bem a imagem duma cortezã exausta—côrpo desmaiado e nu tombado na lama fria das valetas, e os colares de perolas, com saudades do lôdo, empalidecendo à primeira luz do Sol...

*

* *

Dois dias e duas noites a cidade vivera tragicas horas de terrôr, sacudida pela furia

epileptica de mais uma revolução. Fôsse qual fôsse a feição aparente que, politica e socialmente, caracterisava as fôrças que se degladiavam, o que existia era o inevitavel choque entre duas correntes irreconciliaveis e de antagonicas aspirações moraes.

Fôra violenta a luta em que correra generoso e sagrado sangue. A vitoria, como sempre, coubera aos mais fortes, àqueles que não sabiam fazer uso do seu triunfo, precisamente porque não eram os mais justos.

Ao fragôr do primeiro embate, sucedera o silencio terrivel das covardias, das indecisas traições. Depois, a força publica, como sempre — esquecendo que era filha do povo, vitima da fatalidade da sua propria organisação — varrera a tiro as heroicas barricadas da plebe...

Tinha havido quadros duma grande beleza moral: Contava-se que um celebre general, indignado, havia arrancado as suas estrelas, lembrando ao governo que jurara servir a Patria, mas servir a Patria — dizia — não era defender o egoismo dos homens de negocios e de dinheiro... Um jovem tenente, combatente da Africa e da Flandres, tambem quebrara nos joelhos a sua espada, declarando que preferia a gloria de ser derrotado ao lado do povo oprimido, do que o oprobio de ser vencedôr,

especie de carrasco á ordem da finança e da burguezia endinheirada. E tantos, tantos outros quadros duma beleza rude e humilde, em que avultava o eterno sacrificio de heroes anonimos, todos filhos da plebe, uns já velhos, tremulos e encanecidos na faina violenta do trabalho, outros creanças ainda, palidas adolescencias em flôr abrazadas no fôgo do Ideal, e todos imersos no seu grande e belo e legitimo sonho de libertação humana...

Mas a nota emocionante, quási perdida no noticiario banal e suspeito da imprensa dos vencedores, vibrara numa dessas barricadas populares, lá para as bandas da Junqueira, onde a refrega fôra mais acêsa e renhida. Fora esse o derradeiro baluarte onde, até á ultima, tremulara a bandeira vermelha defendida, com galhardia, por um punhado de jovens anarquistas que a nada se intimidavam ou rendiam. Dos duzentos que eram ao começar da luta, só restavam de pé uns trinta que, danificando as posições inimigas, recusaram todos os entendimentos. Chefiava-os um môço palido, desconhecido, de poucas palavras e gesto resoluto, que do cimo da sua romantica altanaria, gritou ao ultimo emissario da rendição que ali, os da heroica e gloriosa canalha, só se rendiam pela fôrça ou pela morte...

Ás primeiras horas da madrugada, como os bravos defensores da barricada persistissem na sua louca ousadia, uma fôrça bruta de quinhentos homens, com artilharia, marchou contra esse punhado de creanças. Num momento tres descargas cegas e cerradas arrazaram o pobre baluarte onde palpitara um grande sonho... E a bandeira vermelha, então já esfarrapada e caída por terra, lembrava enorme aza tombada, tinta de sangue...

Nos escombros, por entre mortos e feridos de que ninguem sabia o nome, encontrou-se uma mulher, tambem desconhecida e desfigurada pela metralha, que não foi possivel identificar. Os jornaes fizeram algum misterio, porque a morta vestia com certa distinção, e tinha num dos dedos uma joia heraldica com raras esmeraldas preciosas. Num dos bolsos foi-lhe encontrada a seguinte carta que deveria ter-lhe sido dirigida poucos dias antes:

«*Maria Madalena:* Não me procure mais, porque eu conheço todos os seus passos, e tenho fugido de si. Era impossivel a nossa vida, porque nos norteavam destinos diferentes e seguiamos opostos caminhos. Em caso algum um homem deve descer a fazer vida á custa duma mulher, explorando os seus vicios, as suas paixões ou sensibilidade. Mas, minha

querida Maria, mesmo que esse desiquilibrio moral se nivelasse por qualquer habilidade, a sua vida de luxo, de prazer e confôrto, era um involuntario insulto á miséria dos meus camaradas, á humildade da minha raça. E por isso as horas de amôr que eu passei nos seus braços, algumas vezes foram iluminadas pelos clarões de odio que você, sem querer, me despertava.

«Não podia ser! E se fôsse, que espécie de miseravel, então, era eu, que ao primeiro pretexto que surgia, logo me deixava aturdir e fascinar por uma vida de fausto e grandeza, esquecendo os meus irmãos de infortunio?!

«Não podia ser! Porque, para alem de toda essa vida de prazer e requinte, uma outra vida se alevanta, mais justa, mais nobre, mais bela — cuja bondade solicita todos os bons, cuja beleza deve deslumbrar todos os artistas — e que é a libertação da humanidade.

«Não julgue, você, que foi o seu passado, a sua vida de pecadôra, de mundana, quem me afastou de si. Encontrasse eu a bondade da sua alma, a sua delicadeza feminina, a ardencia do seu corpo, numa rapariguita humilde, assim da minha laia, e eu faria dela a mais bela companheira!

«Sim. Eu gostei, muito, gostei deveras, de

si. Ás vezes, nas suas romagens nocturnas em minha procura, sem você o notar, eu seguia-a de longe, muitas vezes velando esses perigosos e doidos passeios, com receio de que lhe fizessem mal. E sem coragem de a deixar, metia-me nas sombras, quantos momentos sentindo o coração aos pulos, com vontade de me lançar nos seus braços, de cobrir-lhe as mãos de beijos, orgulhoso pela sua paixão, gratissimo pela sua terna bondade!...

«Escrevo-lhe hoje, porque me palpita que não nos veremos mais. Logo, antes de amanhecer, rebentará a revolta em que, com os meus camaradas, me vou bater pela nossa causa. Compreende você a emoção com que lhe escrevo — quasi a despedir-me de si?!... É uma coisa bela jogar a vida pelos ideaes! Dali, da nossa barricada, só sairemos vencedores, ou rendidos pela morte. Como é possivel, mesmo mais certa, esta ultima hipotese, por isso lhe escrevo a agradecer a sua grande generosidade, e a declarar-lhe porque me afastei do seu caminho.

«Sim, Maria Madalena, eu tambem a amei com um enorme carinho — por assim dizer, você foi, verdadeiramente, a unica mulher da minha vida!

«Sinto que não nos veremos mais, e as mi-

nhas ultimas palavras, com lagrimas nos olhos ao pensar em si, são pedindo-lhe que seja, sempre, bôa. No meio da sua vida de riqueza e confôrto lembre-se das desgraças do mundo. Olhe as mulheres infelizes, os homens desgraçados, as creancinhas sem ninguem — e tenha piedade! Tenha piedade! Erga-se para uma mais alta vida! É assim que eu a quero, eternamente. É assim que eu a compreendo no meu amôr de libertario.»

Esta carta vinha assinada com o nome de Manuel.

*

*   *

Passados dias, João Soveral, de abalada para o estrangeiro, foi á casa de Bemfica, despedir-se de Maria Madalena.

Por entre as palavras serenas, de grande amisade, que levava suspensas dos labios para essa despedida, errava, oculto, um ingénuo e quàsi timido desejo de amôr...

Poderiam, ainda, passar lindas horas, se ela quizesse ir com ele, consentindo em ser sua amante!...

— «A senhora saiu ha muitos dias, dizendo que ia para uma longa jornada, e ainda não voltou...»

Ante esta misteriosa resposta do creado, Soveral partiu desolado.

E ao cruzar o portão, olhando para traz, sentiu que daquela casa cerrada, das arvores, de todas essas coisas que ele não veria mais, se exalava uma inexprimivel tristeza, uma inarravel melancolia...

ÍNDICE

	Pag.
Cavalgada do sonho	11
O homem forte	25
Ansia de côr	57
A sombra do Asilo	71
Palhaços	87
O Mesquita	101
Os Sacrificados	117
Aquele homem do café	129
O Bailarino	141
Dôr vitoriosa	163
Maria Madalena	183

Criticas e apreciações da Imprensa sobre outras obras do mesmo autor

Terras de fogo — Novelas, 2.ª edição.

Como acaba de ser posta à venda a 2.ª edição do livro *Terras de Fogo,* julgamos oportuno transcrever algumas das criticas e apreciações que se publicaram quando do aparecimento da primeira edição da mencionada obra:

«Logo o prólogo d'este livro, *Terras de Fogo,* é um grandioso hino, cheio de poesia, luz e côr, entoado ao Alentejo e aos seus humildes trabalhadores, que o autor, com razão, exalta, fazendo-os contrastar com essa espécie de «fantoches estilisados que pelas cidades arrastam parasitaria vida, sorvendo, á sombra de toldos, adocicantes gelados côr de rosa». Aqui aparece-nos, mais uma vez, o mesmo artista da palavra, todo ele vibrante de emoção, quer se sinta extasiado perante os grandiosos espectáculos da Natureza, quer se sinta comovido pelos anónimos que labutam duramente e sofrem resignadamente. O autor sabe transmitir-nos, com arrebatamento, poesia e calor, não só o scenario encantador do ambiente externo, como tambem os múltiplos sentimentos dum grande artista, dum terno coração, ao mesmo tempo másculo e sentimental, dum espirito profético semelhante a J. J. Rousseau, Turgueneff, Tolstoi e Gorki.

«E o que fica dito com relação ao *Prólogo,* tambem se pode dizer relativamente ao epílogo do belo livro intitulado *Terras de fogo.* O autor não lhe chama epílogo, mas sim *O Encanto da Planície.* Com efeito, Julião Quintinha confirma aqui mais uma vez o seu belo talento descritivo, fazendo-nos ver com os seus olhos de artista todos os encantos generosamente oferecidos pela planície do Alentejo. Entre os povos romanicos, é raro o escritor que sinta tam profundamente as belezas da Natureza como Julião Quintinha, e saiba, como ele, transmiti-las ao leitor.

«Esta feição é mais característica dos escritores germano-eslavos. Dada, pois, a individualidade estética e ética do nosso escritor, compreende-se que ele sinta extranho, como planta exótica que não prospera, no meio do enganoso e doentio verniz da civilisação das cidades. O alarme bradado pelo autor que préga o regresso á terra e saneamento físico e moral da Humanidade, não é exclusivo de Julião Quintinha, é europeu.

«Por isso, o livro *Terras de Fogo,* alem de completar e enriquecer a literatura portuguesa, tambem tem uma significação europeia.

«Em *Maldito* vêmos a humilde figura dum trabalhador, rude e sentimental ao mesmo tempo, pois não consente que o seu cão faça mal aos passarinhos. É preciosa essa íntima amisade entre o cão e o nosso heroi anónimo, desprezado pelos homens. O autor aponta a fé sem caridade, fustiga a malvadez e o fanatismo humano, queimando-os, por assim dizer, em espírito com a fogueira final, acesa pela mão desse pobre abandonado por Deus e pelos homens. *Alma Perdida* contem páginas dum realismo traçado com emoção romantica, onde o autor evoca scenas da Historia de Portugal dignas de Gustav Freytag. Em *A Casa da Guarda* a desventurada figura do bom Venancio é

descrita com ternura e piedade; o autor realça bem este humilde e pobre velho, escravo do seu dever, que guardava a vida dos passageiros havia mais de meio século, vivendo triste e resignado na solidão alentejana. *Charco de Sangue* apresenta-nos, em pleno naturalismo, uma tragédia rústica, uma *Cavalaria Rusticana* do Alentejo, cujo heroi, Manuel da Benta, este Otelo camponês, é descrito com muita verdade.

«A Novela *A Çhica* tambem é interessante e escrita num estilo vivo, nervoso e dramático; todavia não ocultaremos que ela mais nos agradaria, se os principais personagens fossem melhor caracterisados sob o ponto de vista moral. Assim, com relação ao João Sobral, ficamos apenas sabendo que era filho de rico lavrador. Quanto á *Chica,* fica apenas fisicamente caracterisada. Ora se o intuito do autor consistia, como cremos, em nos mostrar um coração simples e ingénuo duma aldeã, deslumbrada e seduzida pelo lisboeta Armando, que ela prefere ao João Sobral, não seria porventura mais interessante, se as vitimas do sedutor tivessem uma boa caracterisação moral para se tornarem mais simpaticas?

«Como vimos, não falta ao autor talento para aprofundar psicológicamente os seus personagens. Ajuizar pelos seus dois livros preferidos, estamos convencidos de que Julião Quintinha ainda nos reserva muitas surpresas literarias de valor.

ALFREDO APELL (Escritor polaco e professor de filologia germanica da Faculdade de Letras de Lisboa.)

7-12-24.

«As *Terras de fogo* são o sucesso da nova epoca literaria. Ha muito tempo anunciadas e esperadas, vieram confirmar todas as grandes qualidades do escritor, do prosador forte, do sonhador, do cronista rico, do homem

que descendo os degraus da vida, consegue arrancar do *bas-fond* toda a sua tragedia, toda a dôr que anda a bailar, em convulsões, com corpos que se arrastam, que são nodoas, que são a propria vida esfarrapada, mordida, destroçada. Julião Quintinha marcou definitivamente o seu logar, encontrando a sua profissão.

Julião Quintinha é, naturalmente, um escritor.»

AUGUSTO D'ESAGUY.—Da *Republica*, em 30-11-923.

«Livros, aparecem muitos aí pelas montras — livros bons, porém, são bem raros. Quando êles surgem, quando um temperamento de escritor se revela em toda a sua plenitude, devemos recebê-los festivamente.

«Julião Quintinha acaba de fazer publicar — àlém da segunda edição dos *Vizinhos do Mar,* em cujas páginas perpassa uma ternura sentida — um novo volume de contos, que enfileira sem favor na categoria dos bons livros. Intitula-se *Terras de fogo.* Desde o titulo, que se ajusta admirávelmente ao assunto até ao último conto, tudo causa prazer neste livro.

«Quem nos conhece e sabe que o nosso sentimento de justiça não poupa muitas vezes os amigos mais intimos, não poderá tomar á conta de favor, ditado por uma sólida amisade, as merecídas palavras de louvor que aqui deixamos. O culto da beleza, o amor á perfeição, á sinceridade e á verdade, são os nossos únicos guias.

«Essas figuras que Julião Quintinha evoca, possuem um tal vigor, uma tam grande sugestão de humanidade, que nós, leitores, por mais frios que pretendamos conservar-nos, por mais criticos que queiramos ser, não podemos impedir que a comoção se nos instale na alma, que nossos nervos vibrem na mesma emoção forte de que certamente o autor estava possuido quando as traçou.

«Nada mais salutar para a educação sentimental do

povo, do que a evocação do seu sofrer. E o povo sofredor ocupa quási totalmente o *Terras de Fogo*.»

MARIO DOMINGUES.—Da *Batalha* em 16-11-923.

«Estamos diante dum artista rigoroso. *Terras de Fogo* é um livro bom, e destaca-se amplamente de todo êsse rôr de edições delambidas que pululam por todas as livrarias, em garridos de Arte falsa. Falta a Julião Quintinha uma base cultural sólida, o dominio mais perfeito da sua excessiva, quasi doentia sensibilidade, mas é forçoso que se reconheça o traço impecavel de certas scenas de expressão dificil, e um estilo rico de côr e harmonias fluidas que, sem a dóse um tanto exagerada de romantismo, será, estou em crê-lo, dentro em breve, modelar.

«Estes senões, porem, só uma coisa justificam e ratificam: Quintinha é um Artista nato, dos maiores, imbuido da nostalgia e da intima tragedia do Povo, impulsivo deslumbrado dos brilhantes países de que anda á Descoberta a sua imaginação.

«Aplaudi *Visinhos do Mar* quando da primeira edição, a mãos ambas, mais pelas promessas que continha do que na verdade pelo seu valor intrinseco. Eu conhecia Julião Quintinha, e, para mim, êle era bem superior ao seu livro.

«Hoje sinto-me orgulhoso por o ter feito: Julião Quintinha começa a realizar as suas promessas; êle será, dentro em breve, um escritor nacional. Tem alma, tem vontade, já possue uma expressão segura. Agora o triunfo depende sómente do trabalho.

«São estas as palavras que surpreendi de chofre, no meu coração de amigo e na minha rigidez de critico. Se êrro, *mea culpa!* Todavia, parece-me que não.

«Um facto curioso quero ainda notar: a maneira intensa como Julião Quintinha, algarvio, sente a paisagem do Alentejo, muito mais grandemente do que o

Algarve alacre, heroico e aventureiro, «tão visinho do mar»!

JOSÉ DIAS SANCHO. — *Correio do Sul* de Faro, 16-11-923.

«Julião Quintinha, o admiravel prosador, em cujo estilo faiscam as vermelhas e ardentes scintilações do sol algarvio, publicou agora a 2.ª edição dos *Visinhos do Mar,* novelas do Algarve, em cujas paginas frementes ha o anseio exaltado do oceano, a ardencia sensual da paisagem, a ternura languida dos mares. Quando apareceu esse livro esplendido, Julião Quintinha foi consagrado um belo e moderno prosador. A 2.ª edição lançada hoje, vem confirmar o exito de ha um ano.

«*Terras de Fogo,* o outro livro que apareceu hoje á venda na Portugal-Brasil, são pedaços esbrazeados da terra alentejana. E ainda o sol, alastrando pela planicie imensa como um incendio, enraivecido e satanico, que avermelha, num colorido orgiaco, as paginas admiraveis de Julião Quintinha.

«As capas, de uma enlevante pureza de linhas cheias de côr, de vibração, de magnificente verdade, são do pintor Bernardo Marques.»

Da *Capital* de 12 de Novembro de 1923.

«O nosso camarada de *O Seculo,* Julião Quintinha, não limita á faina da imprensa as suas belas qualidades intelectuais. De vez em quando, e muito amiudadamente, aparece o seu nome assinando livros interessantes e de valor, que o publico compra e aprecia como merecem. Agora publica uma curiosa colecção de novelas *Terras de Fogo* e a 2.ª edição dos seus *Visinhos do Mar* outra serie de novelas cuja 1.ª edição se esgotou em curtos dias. Antes que o nosso critico a um e outro livro se refira, apraz-nos registar

este novo triunfo do nosso camarada, acrescentando ao mesmo tempo que as edições são magnificas e com artisticas capas de Bernardo Marques.»

Do *Mundo* de 13-11-923.

«Julião Quintinha, um talento seguro ao serviço de uma grande sinceridade, escritor cujas primicias literarias foram uma consagração conquistada á força de autentico valor, lançou agora no mercado dois livros que se lêem de um folego: *Visinhos do Mar,* 2.ª edição corrigida, e *Terras de Fogo*. O critico literario do *Diario de Lisboa* dirá, a seu tempo, o que lhe parecer de justiça. Pela parte que nos toca, julgamos prestar um serviço ao publico aconselhando-o que vá adquirindo as duas obras, que são outras tantas afirmações de superior valimento artistico.»

Do *Diario de Lisboa* de Novembro de 1923.

Vizinhos do Mar—Novelas—2.ª Edição.

Transcrevemos, tambem, alguns trechos de criticas e impressões, publicadas na imprensa, quando do aparecimento da 1.ª edição do livro *Vizinhos do Mar*.

«Tôdo este amôr neste estranho livro é ardôr, é lava, é flama—desde a sinfonia hibernal que abre com a sêde áspera dos beijos caros, até miss Lowe que sorve as medulas do amante como harpia insaciavel. Livro feito das evocações romanticas duma idade em que só se vê o amôr através dos sentidos enfebrecidos, não deixa, contudo, de ser um livro forte, limpido e claro como o belo coração que o sonhou e o enriqueceu com a sua rica fantasia. Ha nesta toda pedraria invulgares lapidações: *Rosas do Mar, Linda*

Feia. O Meu Anarquista, O Pató, Maria Clara e a miniatura *Tia Dores* uma maravilha.

«O exito de *Vizinhos do Mar,* cuja edição se esgotou de pronto, é o seu melhor elogio.»

Da Revista *A. B. C.* de 4 de Maio de 1922. — MANUEL RIBEIRO. *(critico e romancista).*

«Constitui para nós uma agradabilissima surpresa a leitura deste livro de prosas — *Vizinhos do Mar* — curtas novelas e paginas de impressionismo. O autôr revela-se-nos um prosador distinto, de pulso vigoroso, manejando um erário vocabular abundante, rico mesmo. Quizeramos seleccionar trechos. O livro vale todo, porêm. Não se constrangeu o autor, ao escrevê-lo. E daí, porque é o mais espontaneo documento duma organisação artistica, em todas as suas paginas a beleza esplende, arfa, estremece, sugestiona, em maré alta de sinceridade.»

Do *Seculo*, edição da noite, de 4 de Março de 1922. — CESAR DE FRIAS. *(Critico e escritor).*

«Um livro de pequeninas novelas e impressões. O autor algarvio, compraz-se em pintar a paisagem da sua provincia.

E diga-se já e sem favor fá-lo com felicidade. Na sua paleta ha boas tintas, e a pincelada tem firmeza, doçura desde os tons fortes aos esbatidos. Sim, senhores, não é um escritôr feito o snr. Quintinha, mas para lá caminha velozmente. A sua prosa tem leveza, tem frescura e é desataviada de antipaticos arrebiques. Sobria natural, de maneira que este livrinho seria, sobre todos os aspectos, recomendavel, se não tivesse uma pecha grave — é pagão e grandemente sensual.»

Do *Correio da Manhã* de 10 de Abril de 1922. — CAMARA LIMA. *(Jornalista e critico).*

«Julião Quintinha revela qualidades que lhe trazem, para já, uma estima segura da opinião intelectual — e, certamente, para o futuro, um unanime aplauso do nosso meio literario.

«Nas suas sete paginas de prefacio, justifica o titulo da sua obra. Inspirou-lhe a sua estrema devoção pelo mar; pelo mar cuja epopeia o escritôr sintetisa em periodos evocantes. *Vizinhos do Mar* — são os algarvios todos, cuja sensibilidade vibra ao ritmo ondeado das marés e cuja fantasia voga na miragem leve das espumas . . .»

Do *Diario de Noticias* de 6 de Março de 1922. — J. A.

«Você, Quintinha, lamenta a sorte dos personagens que a sua imaginação cria, como se êles fôssem verdadeiros. E é esse tom levemente dolorido com que os descreve que lhes dá vida, que os anima — eles vivem a sua dôr e comovem-nos. Por isso o seu livro é, quanto a mim, um livro admiravel. Você ama a Humanidade e as próprias cousas — é o seu livro ainda quem m'o diz. Basta ver-se a forma simples e harmoniosa como sente a paisagem algarvia, plena de sol que inunda a sua alma e penetra as suas frases, beija os seus contos duma luz acariciante, para que se tenha a certeza de que você ama as cousas pela beleza, pela sua forma, pela alma que nelas lhe adivinha. E' por isso que o seu livro é bom!»

Da *Batalha* de 22 de Fevereiro de 1922. — Mario Domingues. *(Jornalista)*.

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60—LISBOA

AFFONSO LOPES VIEIRA
O Romance de Amadis........ 8$00
País Lilás, desterro azul..... 7$00
Diana...................... 10$00

ALBERTO XAVIER
Creditos e debitos internacionaes...................... 10$00

ALFREDO APELL
Contos populares russos..... 3$00

ALMACHIO DINIZ
A Perpetua Metropole........ 7$00

ANTONIO CABRAL
Camillo Desconhecido......... 12$00
Eça de Queirós.............. 12$00

BAZILIO TELLES
A Sciência e o atomismo..... 7$00

CARLOS BABO
A Sombra de D. Miguel...... 8$00
Amor Perfeito............... 10$00

CARLOS MALHEIRO DIAS
A esperança e a morte, (2.ª edição)...................... 8$00
A Verdade Nua, (2.ª ed.).... 9$00
Carta aos Estudantes........ 2$00

CONDE D'ARNOSO
Azulejos, com prefacio de Eça de Queiroz, nova ed......... 8$00

CONDE DE SABUGOSA
Gente d'Algo................ 10$00
Neves de Antanho, (2.ª ed.).. 10$00

EDUARDO SCHWALBACH
A Historia da Carochinha... 4$00

EMÍLIA DE SOUSA COSTA
Estes sim, venceram......... 3$00
Males de amor............... 6$00

H. LOPES DE MENDONÇA
Sangue Português (3.ª ed.)... 8$00
Gente Namorada, (2.ª ed.)... 8$00
Lanças n'Africa (2.ª ed.)..... 8$00
Capa e espada (2.ª ed.)...... 8$00
Fumos da Índia (2.ª ed.)..... 8$00
Santos de casa............... 8$00
Almas penadas............... 8$00
Argueiros e cavaleiros....... 8$00
O Crime de Arronches (teatro) 4$00

JOÃO DE DEUS
Campo de Flores, 2 vols..... 25$00

JOÃO DO RIO
A Mulher e os Espelhos...... 8$00
Rosario da Illusão........... 8$00
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.)........ 7$00

JOÃO SARAIVA (RIVOL)
Satyras...................... 5$00
Lyricas e Satyras (2.ª ed.)... 7$00

JÚLIO DANTAS
Como elas amam (3.ª ed.).... 8$0
Espadas e rosas (5.ª ed.)..... 8$0
Mulheres (5.ª ed.)............ 9$0
Sonetos (5.ª ed.)............. 4$0
Abelhas doiradas (2.ª ed.).... 8$0
Ao ouvido de M.me X (5.ª ed.). 9$0
Os galos de Apollo (2.ª ed.).. 8$0
Eles e Elas (4.ª ed.).......... 8$0
Arte de Amar (2.ª ed.)....... 8$0
O Heroísmo, a eleg.ª, o amor. 6$0
Outros tempos (3.ª ed.)........ 8$0
Figuras de ontem e de hoje.. 8$0
Patria Portuguesa (4.ª ed.)... 10$0
O amor em Portugal no século XVIII................... 12$0
Eva......................... 9$0

JOSÉ TAVARES
Successões e direito sucessorio 30$0

MARIA A. VAZ DE CARVALHO
Paginas escolhidas........... 9$0
Scenas do sec. XVIII *em Portug.* 8$0

MAYER GARÇÃO
Os Cem Sonetos (pref.) 2.ª ed. 8$00

SAMUEL MAIA
Sexo forte.................. 8$00
Entre a vida e a morte....... 7$00
Luz Perpétua................ 7$00

SOUSA COSTA
A Pecadora (3.ª ed.)......... 8$00
Fructo Proíbido (2.ª ed.)..... 10$00
Milagres de Portugal........ 8$00
Ressurreição dos mortos (2.ª). 10$00
Romeu e Julieta (3.ª ed.)..... 8$00
Coração de Mulher (3.ª ed.).. 10$00
Dramas da Serra............. 6$00
Excentricos (3.ª ed.)......... 8$00
Paginas de Sangue (2.ª ed.). 10$00

Theatro:

JÚLIO DANTAS
A Severa.................... 8$00
D. João Tenorio, 6 actos..... 8$00
Rosas de todo o ano......... 2$00
1023, episodio em verso...... 2$00
Auto de El-Rei Seleuco...... 3$00
Um serão nas Larangeiras... 8$00
A Castro.................... 3$00
Sóror Mariana............... 3$00
D. Beltrão de Figueirôa...... 3$00
Primeiro beijo............... 2$00
Mater Dolorosa.............. 3$00
D. Ramon de Capichuela.... 2$00
Paço de Veiros.............. 4$00
Carlota Joaquina............ 3$00
Rei Lear.................... 9$00